

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social

Tales Douglas Moreira Nogueira

**A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Belo Horizonte, 2021

Tales Douglas Moreira Nogueira

**A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Adriana Araújo Pereira Borges

Coorientadora: Dra. Terezinha Cristina da Costa Rocha

Belo Horizonte, 2021

N778e T Nogueira, Tales Douglas Moreira, 1980-
A educação de surdos na cidade de Belo Horizonte [manuscrito]: uma perspectiva histórica /
Tales Douglas Moreira Nogueira. – Belo Horizonte, 2021.
181f., enc.,il.
Inclui bibliografia, apêndices e anexos.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Adriana Araújo Pereira Borges
Coorientadora: Terezinha Cristina da Costa Rocha

1. Educação - Teses. 2. Educação especial - Teses. 3. Surdos - Educação – Teses. 4. Surdos
- Belo Horizonte (MG) - Teses. 5. Helena Antipoff - Teses. 6. Língua brasileira de sinais - Teses
I. Borges, Adriana Araújo Pereira. II. Terezinha Cristina da Costa Rocha. III. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. IV. Título.

CDD- 371.912

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de Referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6- 2409

Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL
FOLHA DE APROVAÇÃO

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA CIDADE DE BELO HORIZONTE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Aprovada em 03 de dezembro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

TALES DOUGLAS MOREIRA NOGUEIRA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Prof(a). Adriana Araujo Pereira Borges - Orientador - UFMG

Prof(a). Terezinha Cristina da Costa Rocha - UFMG

Prof(a). Charley Pereira Soares - UFV

Prof(a). Monica Maria Farid Rahme - UFMG

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2021.

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:

Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 14/12/2021, às 12:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1146595** e o código CRC **43FE12BF**.

*À minha mãe,
com todo carinho.*

AGRADECIMENTOS

À UFMG, lugar em que pude realizar a minha formação no mestrado, que sempre me 'alimenta' com o conhecimento e desperta em mim uma vontade inesgotável de continuar buscando aprender.

À Professora Adriana Araújo Pereira Borges, pelos ensinamentos, conselhos, disponibilidade e pela confiança na minha pesquisa, realizada em prol da comunidade surda brasileira. Agradeço, principalmente, por me apresentar aos trabalhos realizados com crianças surdas a partir da década de 1930 em Minas Gerais e por me incentivar a sempre saber mais sobre o tema.

À Professora Terezinha Cristina da Costa Rocha, da FAE/UFMG, minha coorientadora, interlocutora inesquecível, por nunca estar cansada de ler, corrigir os textos e discutir comigo. Agradeço por tornar-se uma importante colaboradora e por me trazer de volta quando desviei dos caminhos da pesquisa.

Aos colegas do Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (LaPPEEI), pelo companheirismo, trocas, parceria e amizade. Agradeço pelo apoio na trajetória do meu mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, pelo acolhimento, ensinamentos e convívio com minha cultura enquanto surdo. Agradeço também pelo incentivo às trocas de conhecimentos nas aulas, além das contribuições para a construção e o refinamento de minha pesquisa: Lívia Maria; Dalila Andrade; Rosimar Maria; Marisa Ribeiro; e todos os professores com os quais pude ter contato.

À secretaria da Escola Estadual Pestalozzi, por permitir e viabilizar as minhas visitas para realizar a coleta de documentos do acervo da Escola que se constituíram como dados para esta pesquisa.

Ao Museu Helena Antipoff e à Fundação Helena Antipoff, pelo apoio na consulta ao acervo e no acesso a materiais para a realização deste estudo.

À professora aposentada Maria Barbosa Coelho, por ter participação tão solícitamente como entrevistada deste estudo e pela demonstração de apoio para a minha pesquisa. Senti realmente o seu acolhimento, e agradeço por ter sempre me aconselhado para que seguisse um bom caminho do futuro. Sinto-me privilegiado pela concessão de sua entrevista, a minha mente se abriu para um território até então desconhecido para mim, que é a história do Instituto Pestalozzi. O seu trabalho foi uma parte muito importante dessa história.

Ao presidente da FENEIS, professor Antônio Campos de Abreu, por sua contribuição louvável na entrevista concedida para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa. Agradeço, principalmente, por me conceder acesso aos inúmeros documentos do seu "grande baú" no qual registra e guarda informações sobre a história da educação de surdos no Brasil. Agradeço ainda por contar suas histórias inesquecíveis e por se constituir como um líder e um referencial para a comunidade surda brasileira. O seu percurso me inspira.

À professora aposentada Nirlene Guedes e Silva, pelo grande apoio à minha pesquisa e também por compartilhar suas histórias e sua dedicação ao trabalho com alunos surdos no Instituto Pestalozzi.

Aos professores Monica Maria Farid Rahme, Charley Pereira Soares, Regiane Lucas de Oliveira Garcêz e Merie Bittar Moukachar, por se disponibilizarem para a leitura deste trabalho e para a participação na banca de defesa desta dissertação, contribuindo, assim, para a qualificação deste estudo.

Aos colegas do Núcleo de Orientação Psicopedagógica e Inclusão (NOPI), do Unibh, pela preocupação, motivação e convivência amigável durante o meu percurso nessa instituição. Agradeço: Luíz Carneiro; Ana Paula; Heloisa; Thabata; Isabella D'Avila; Ana Riba; e todos os outros colegas que, com amizade e apoio, contribuíram de algum modo para que a minha pesquisa fosse possível.

Aos líderes do Unibh, Charles Magalhaes, Diego Fernando da Silva, Isadora Lorraine e Silva, pela compreensão em relação às dificuldades no período em que precisei me dedicar ao curso de mestrado na UFMG. Agradeço pelo acolhimento, pelo apoio e por confiarem no meu trabalho.

Aos amigos e companheiros dos setores de pontos dos professores do Centro Universitário de Belo Horizonte - Unibh/Buritis, que me apoiaram no desenvolvimento de minha pesquisa: Jessica Gomes; Daniel; Krislaine; e todos os outros colegas. Sempre aprendo nas trocas com vocês.

À Professora Judith Vilas Boas Santiago, da PUC Minas, por me incentivar a percorrer um bom caminho, por me apoiar na correção dos meus trabalhos, por me aconselhar e, principalmente, por sua empatia. Considero você uma amiga e uma professora.

À minha mãe, por sempre me motivar, por me inspirar a ter coragem, por me dar asas para voar e por me incentivar a estudar, a ler livros e me encher de conhecimentos. Agradeço muito por ter enfrentado tantos desafios, sempre oferecendo suas melhores palavras de sabedoria e acolhimento, que tocam no fundo de meu coração. As suas palavras, de origem de estudos bíblicos, se enraízam inesquecivelmente no meu sangue e me inspiram a nunca desistir do meu futuro: *“melhor é o fim das coisas do que o seu princípio”*.

Aos amados sobrinhos, William, James e Valentina, que sempre me trouxeram muitas alegrias e muitos abraços, essa alegria me inspirou a continuar no meu percurso e com a minha pesquisa.

À minha esposa Camila, por sempre me apoiar no desenvolvimento de minha pesquisa. Agradeço por ser uma parceira, por me apoiar, por me compreender em meus momentos mais complicados do cotidiano e por sempre me dar muito carinho, muita coragem, muita motivação e muito amor. Você fez com que eu me mantivesse firme e conseguisse chegar até aqui.

Aos meus amigos e irmãos, pelas conversas descontraídas, pelas trocas, pelas gargalhadas e pelos incentivos nos momentos difíceis: Marcos Junior; Carlos Sayão; Dalvane Sayão; e Vagner Figueiredo.

Ao meu querido cachorrinho Tadeu, companheiro, por me trazer muitas alegrias. Por sempre abanar o rabo com alegria quando chego cansado em casa à noite. Esse costume, e o convite para passearmos juntos, me possibilitou sempre descarregar o stress e seguir adiante.

*Se a educação sozinha não transforma a
sociedade, sem ela tampouco a sociedade
muda.*

Paulo Freire

RESUMO

A educação de surdos é um tema complexo e envolve uma história marcada por equívocos e lutas sociais. O Congresso de Milão, realizado em 1880 e que contou com educadores de surdos, proclamou que a língua oral era mais apropriada do que a comunicação gestual. Essa posição acabou tendo reflexos que se estenderam por um longo tempo. No Brasil não foi diferente. Estudos realizados sobre o Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES (GOLDFELD, 1997; STROBEL, 2009; MORAIS; CRUZ, 2020; dentre outros) destacam a prevalência do oralismo durante décadas na instituição. Considerando esse percurso histórico, esta pesquisa teve por objetivo investigar a educação dos surdos, tomando como pano de fundo as fases da educação especial propostas por Borges e Campos (2018), ou seja, das classes especiais até a Educação Inclusiva na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva histórica de Le Goff (1990), tomando ainda como referência as orientações de Nosella e Buffa (2013), a partir da análise documental, principalmente de fontes primárias, como os boletins *Infância Excepcional*, a correspondência entre Helena Antipoff e Helena Dias Carneiro, e os prontuários da Escola Estadual Pestalozzi. Além disso, foi realizada uma entrevista semidirigida com dois importantes personagens da história da educação dos surdos em Minas Gerais, o professor Antônio Campos de Abreu e a professora Maria Barbosa Coelho, que são lideranças no movimento pelo reconhecimento da Libras e do bilinguismo dos surdos. Pelas análises realizadas, foi possível perceber que o Instituto Pestalozzi (1935) foi uma das primeiras instituições públicas que se dedicou ao ensino de surdos em Belo Horizonte. Helena Antipoff, idealizadora do Instituto, teve um papel fundamental na escolarização dessas crianças, assim como Ester Assumpção. Nos boletins publicados pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais observou-se a influência do oralismo. A correspondência de Antipoff revelou sua proximidade com o INES, além disso, os prontuários dos alunos do Instituto Pestalozzi, através do silêncio em relação às práticas educativas, revelaram a pouca ênfase aos aspectos educacionais formais para os surdos. Por fim, as entrevistas com a professora Maria Barbosa Coelho, ex-professora surda da Escola Estadual Pestalozzi, e com um dos líderes da comunidade surda, Antônio Campos de Abreu, evidenciaram a importância dos movimentos sociais na busca por direitos. A conclusão do estudo demonstra que a mudança de paradigma do modelo médico para o modelo social da deficiência e, por fim, sua luta pelo bilinguismo, foi fundamental para a conquista de direitos pela comunidade surda.

Palavras-chave: História da Educação de Surdos; História da Educação Especial; Helena Antipoff; Língua Brasileira de Sinais.

ABSTRACT

The Deaf education is a complex issue and involves a history marked by misunderstandings and social struggles. The Milan Congress, held in 1880 and attended by educators for the deaf, proclaimed that oral language was more appropriate than sign. This position ended up having reflexes that went on for quite some time. In Brazil, it was no different. Studies carried out on the National Institute of Education for the Deaf (INES) by Morais and Cruz, 2020; Strobel, 2009; Goldfeld, 1997, among others, highlight the prevalence of oralism. This research aimed to investigate the education of the deaf, taking as a background the phases of special education proposed by Borges and Campos (2018)), that is, from special classes to Inclusive Education, in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais. The research was developed from the historical perspective of Le Goff (1990), also taking the guidelines of Nosella and Buffa (2013) as a reference, based on document analysis, mainly from primary sources such as the Exceptional Childhood bulletins, the correspondence between Helena Antipoff and Helena Dias Carneiro, and the records of the Pestalozzi State School. In addition, a semi-directed interview was carried out with two important characters in the history of deaf education in Minas Gerais, Professor Antônio Campos de Abreu and Professor Maria Barbosa Coelho. The Pestalozzi Institute (1935) was one of the first public institutions dedicated to teaching deaf people in Belo Horizonte. Helena Antipoff, the founder of the Institute, played a fundamental role in the schooling of these children, as did Ester Assumpção. In the bulletins published by the Pestalozzi Society of Minas Gerais, it was possible to see the influence of oralism. Antipoff's correspondence revealed the proximity to INES and the medical records, through the silence in relation to educational practices, revealed little emphasis on formal educational aspects. Finally, the interviews with a former deaf teacher from the Pestalozzi State School and with a militant of the cause, showed the importance of social movements in the search for rights. The study's conclusion demonstrates that the paradigm shift from the medical model to the social model of disability and, finally, the strong attempt for the right to bilingualism, which was fundamental for the deaf community to gain rights.

Keywords: History of Deaf Education; History of Special Education; Helena Antipoff; Brazilian Sign Language.

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 - Quadro com a foto da professora Ester Assumpção.....	28
Figura 2 - Decreto nº 11.908, que criou o Instituto Pestalozzi, Belo Horizonte, MG, 1935	68
Figura 3 - Exemplo de um teste de inteligência não verbal.....	84
Figura 4 - Encaminhamento realizado pelo INES.....	85
Figura 5 - Avaliação conforme Escala de Gesell.....	88
Figura 6 - Testes Bender e Raven – Parte A.....	89
Figura 7 - Testes Bender e Raven – Parte B.....	90
Figura 8 - Instituto Pestalozzi	91
Figura 9 - Logo da Escola Estadual Pestalozzi	91
Figura 10 - Capa do jornal da FENEIS apresentando a criação de sua filial no estado de Minas Gerais em 1994	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Publicações da revista Infância Excepcional.....	73
Tabela 2 - Número de prontuários analisados por décadas.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASMG - Associação dos Surdos de Minas Gerais

ASL - Língua de Sinais Americana

CAS - Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas Surdas

CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

CENSA - Centro Especializado Nossa Senhora D'Assumpção

CESB - Campanha para Educação do Surdo Brasileiro

FAENOL - Fundação de Assistência ao Excepcional de Nova Lima

INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LAPPEEI - Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão

Libras - Língua Brasileira de Sinais

NAI - Núcleo de Apoio à Inclusão

PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RID - *Register of Interprets Def*

SAI - Serviço de Apoio à Inclusão

SEAPE - Sociedade Ester Assumpção de Pesquisa e Assistência ao Excepcional

SEE-MG - Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

SPMG - Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais

TGD - Transtornos Globais do Desenvolvimento

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO TEMA DESTA PESQUISA	19
1.2 METODOLOGIA	25
1.2.1 <i>Pesquisa qualitativa e histórica</i>	25
1.2.2 <i>Fontes</i>	26
1.2.2.4 <i>Fontes documentais</i>	26
1.2.3 <i>Entrevistas</i>	29
1.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	31
2 A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM TERRITÓRIO EM DISPUTA	33
2.1 PERSONAGENS PIONEIROS E AS DIFERENTES PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO DE SURDOS	33
2.2 AS PRÁTICAS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO DE SURDOS: ORALISMO, COMUNICAÇÃO TOTAL E BILINGUISMO	38
2.3 AS INSTITUIÇÕES, AS POLÍTICAS E OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: DAS VERTENTES HISTÓRICAS À LOCALIZAÇÃO DO CONTEXTO DESTA PESQUISA	43
3 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL E A CONQUISTA DE DIREITOS	51
3.1 A FASE DAS CLASSES ESPECIAIS (1930-1950)	51
3.2 A FASE DAS ESCOLAS ESPECIAIS (1950 A 1990)	53
3.3 A FASE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA (1990 ATÉ OS DIAS ATUAIS)	56
3.4 O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICOS DOS SURDOS NA EDUCAÇÃO	60
4 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO INSTITUTO PESTALOZZI EM BELO HORIZONTE	65
4.1 AS PRIMEIRAS INICIATIVAS: A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM BELO HORIZONTE	65
4.2 ESTER ASSUMPCÃO (1906-2000)	70
4.3 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NAS PUBLICAÇÕES DA SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS	73
4.4 A EDUCAÇÃO DOS SURDOS NA CORRESPONDÊNCIA DE HELENA ANTIPOFF E HELENA DIAS CARNEIRO	78
4.5 A ESCOLA ESTADUAL PESTALOZZI	79
4.5.1 <i>A educação dos surdos registrada em prontuários</i>	81

5 A PERSPECTIVA DE DOIS EDUCADORES SURDOS PIONEIROS NO ESTADO DE MINAS GERAIS	92
5.1 A PERSPECTIVA DE MARIA BARBOSA COELHO	92
5.2 A PERSPECTIVA DE ANTÔNIO CAMPOS DE ABREU	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS.....	115
APÊNDICE A	124
APÊNDICE B	126
APÊNDICE C	128
ANEXO A.....	175

1 INTRODUÇÃO

A educação de surdos é um tema que, historicamente, envolve certa complexidade, passando por longos debates e envolvendo grandes mudanças em termos de uma conquista progressiva de direitos. Desde as primeiras iniciativas, muitas delas fundamentadas em práticas do oralismo¹, até o momento atual, em que a Língua de Sinais vem sendo considerada como primeira língua dos surdos e ganhou certo espaço, podemos perceber que a escolarização dessa comunidade se confunde com as lutas dos movimentos políticos por direitos das minorias.

No contexto mineiro, embora iniciativas importantes tenham ocorrido, ainda são poucas as pesquisas que exploram a história sobre a educação de surdos. No estado, muitas ações foram feitas ao longo dos anos, sobretudo pelas entidades que passaram a representar a comunidade surda. Essas entidades conferiram força e organização aos movimentos sociais das pessoas surdas em defesa de direitos, principalmente em termos de educação. Esse movimento foi constituído conjuntamente com as associações dos surdos, tais como a Associação dos Surdos de Minas Gerais (ASMG), que foi fundada em 30 de abril de 1956, e a Sociedade dos Surdos de Minas Gerais, fundada em 14 de julho de 1979. Além de atividades de relevância social para a comunidade surda, essas entidades assumiram como pauta principal a defesa da Educação Bilíngue para surdos.

Esses processos de lutas e modificações nos paradigmas e modelos de educação para surdos tiveram reverberação nas políticas que mudaram ao longo dos anos no contexto nacional e mineiro. Além disso, ocasionaram também em alterações nos projetos e nas práticas escolares. Contudo, ainda são pouco conhecidos os processos políticos internos das escolas e as tomadas de decisões que aconteceram no contexto escolar - do ponto de vista

¹ Oralismo consiste em um método oralista de ensino para surdos, defendido principalmente por Alexander Graham Bell (1874-1922) no qual se argumenta que a maneira mais eficaz de ensinar o surdo é principalmente através da língua oral, ou falada. "O método oralista aborda o desenvolvimento, o ensino e a aprendizagem a partir da oralidade para os surdos se tornarem falantes, utilizando-se de diversas técnicas: a fala, a leitura labial e atreladas a elas, a escrita, tendo como base as línguas orais. O método oralista foi fundado por Samuel Heinicke (1729-1790) na Alemanha e ficou conhecido como o 'método alemão'" (DORES, 2017, p. 16).

histórico e documental, e essa é a questão que fundamenta esta proposta de pesquisa.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar como o processo de escolarização dos surdos na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi sendo constituído, desde as classes especiais, conforme constituídas no início o século XX, até a atual proposta de educação bilíngue, que propõe classes específicas para alunos surdos.

Como referência esquemática para a análise histórica, foi utilizada a proposta apresentada por Borges e Campos (2018) que propõem uma divisão da Educação Especial no estado de Minas Gerais em três fases: a fase das classes especiais (1930-1950); a fase das escolas especiais (1950-1990) e a fase da educação inclusiva (1990-atualidade). É importante destacar que, em relação às fases propostas pelas autoras, ao nos referirmos especificamente à educação de surdos, é possível considerar que a educação bilíngue se refere a um momento posterior ao da Educação Inclusiva, pois se baseia em uma demanda específica da comunidade surda em relação aos outros grupos. Esse período vem sendo construído mais recentemente, desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, quando os movimentos em defesa da educação bilíngue para surdos começaram a ganhar força (FERREIRA-BRITO, 1993; QUADROS, 1997; LIMA, 2004). Porém, Ferreira-Brito (1985; 1993) já ressaltava a existência desse movimento desde meados dos anos 1980 em uma discussão chamada naqueles tempos de “integração social e educação de surdos” ou “os direitos linguísticos dos surdos”, que fazia refletir sobre a importância de se considerar o bilinguismo dos surdos. Essas concepções, com o passar dos anos, passaram a ocupar lugar no campo das políticas nacionais e internacionais, o que nos permite dizer que, em relação à educação dos surdos, a educação bilíngue ganha centralidade (BRASIL, 2002; 2005; 2015).

Embora estejam propostas aqui diferentes fases, não ocorreu entre elas o encerramento de uma para que a outra fosse iniciada. Muitos traços de uma determinada fase permanecem e até retornaram em determinadas épocas. Além disso, especificamente para os surdos, houve movimentos concomitantes em que se defendiam os processos de escolarização baseados em abordagens ou as chamadas “filosofias”, como o oralismo, a comunicação total e o

bilinguismo. Sendo assim, considerando essas diferentes fases e distintas abordagens, alguns questionamentos começaram a surgir. Como se organizava o atendimento escolar aos surdos em cada uma dessas fases no estado de Minas Gerais? Quais as especificidades da escolarização desses sujeitos?

Para responder a essas questões, foi necessário realizar um levantamento preliminar a fim de determinar um possível local de referência para a coleta de documentos. No entanto, foi possível perceber que, atualmente, as escolas públicas localizadas na cidade de Belo Horizonte têm configurações diferentes no que se refere à escolarização de surdos. Existem muitas escolas com salas mistas para ouvintes e surdos, como por exemplo, a Escola Estadual José Bonifácio, que começou a atender surdos em 1996 e a Escola Estadual Maurício Murgel, que iniciou os atendimentos em 1999 - estas são algumas das escolas mais conhecidas no campo da educação de surdos no município.

Existe ainda na cidade uma escola com classe multisseriada exclusiva para surdos denominada Escola Municipal Paulo Mendes Campos, que iniciou o atendimento a esse público em 1998 com uma turma de surdos jovens e adultos. Já a Escola Estadual Francisco Sales² - Instituto da Deficiência de Fala e Audição é especializada em surdos e funciona desde o ano de 1910. Além dessas escolas públicas, o Instituto Santa Inês, escola filantrópica, também teve um papel importante na escolarização dos surdos em Belo Horizonte, funcionando do período de 1947 até 2014, quando encerrou as suas atividades devido ao baixo número de alunos.

Mas além dessas escolas, uma importante instituição mineira recebeu alunos surdos: o Instituto Pestalozzi de Minas Gerais, atualmente Escola Estadual Pestalozzi. Inaugurado em 1935, época em que as classes especiais estavam sendo implantadas no estado de Minas Gerais, o Instituto foi dirigido, desde sua inauguração até o ano de 1965, por uma importante educadora de surdos: a professora Ester Assumpção. Conhecer a história da educação dos

² A Escola Estadual Francisco Sales foi o 4º grupo escolar criado na Capital e 91º do Estado de Minas Gerais, pelo decreto 3.155 de 04 de abril de 1911, em conformidade com a Lei nº 439 de 28/09/1906 (Escola Estadual Francisco Sales. Regimento Escolar, 2008) (COSTA, 2014, p. 174).

surdos em Minas Gerais é de certa forma explorar contextos e tempos, mas também recuperar a centralidade de personagens do campo da Educação Especial que contribuíram para a conquista atual dos direitos dos surdos. A conquista desses direitos, por diferentes personagens ao longo do tempo, permitiu que o autor desta pesquisa, pessoa surda, pudesse conquistar um lugar em um dos melhores programas de Pós-Graduação em Educação do país.

1.1 O processo de construção do tema desta pesquisa

Nesta seção, apresento o processo de construção do tema desta pesquisa, partindo da minha trajetória escolar - o meu processo de escolarização e a minha identidade enquanto surdo - até o meu ingresso na vida acadêmica e as reflexões que me fizeram chegar ao tema proposto. O objetivo aqui é contextualizar meu percurso para a construção desta proposta e, também, a sua relevância para a educação de surdos em um contexto *macro*. Por isso, optei por escrever, nesta seção, em primeira pessoa.

Em minhas experiências desde a infância - escolares, sociais, familiares, e acadêmicas - enfrentei muitos desafios por ser surdo. Por saber que muito dos aspectos que vivi podem ser semelhantes aos que vivenciaram outros surdos, quis compreender, principalmente no contexto escolar, como ocorreu historicamente o processo de escolarização dessa comunidade no estado de Minas Gerais, já que em termos de publicação esse tema é muito pouco explorado no estado.

Nasci em Minas Gerais, na cidade de Nova Lima, região metropolitana da capital Belo Horizonte. No período de 1984 a 1985, na educação infantil, com idade de 4 - 5 anos, estudei na Escola Ana Nascimento Souza de Educação Especial³. No entanto, essa escola ainda não possuía serviços de

³ Escola Pública Municipal. Até o ano de 2005, a educação de crianças com deficiência organizou-se pautada pelo antigo modelo de prioridade pelas escolas especiais, estruturada no município por meio da Fundação de Assistência a Excepcional de Nova Lima, hoje conhecido Fundação de Atendimento Especializado de Nova Lima e da Escola Especial Ana do Nascimento de Souza. Esse trabalho iniciou-se em 1972, numa classe que funcionava na sala cedida pelo Liceu Imaculada Conceição. Mas, em função das limitações de recursos humanos e materiais, essa classe foi desativada em 1977. Posteriormente, em 1981, iniciaram-se os primeiros estudos com vistas à criação de uma escola especial que, em seguida, veio a ser criada - pela Lei Municipal nº 1018, de 25 de junho de 1982 - a Escola Ana do Nascimento

inclusão ou a presença de intérpretes de Libras. Sobretudo, não havia outros surdos - eu era o único. Em 1986, cursei a primeira série do ensino fundamental na Escola Estadual Francisco Sales, em Belo Horizonte, que permitia o uso da Libras no espaço escolar. Na hora do recreio/intervalo, que acontecia com a presença de todos os alunos da escola no pátio aberto, era visível e encantador para mim os movimentos de mãos dos surdos se comunicando e brincando. Nessa escola as professoras de português, matemática e outras disciplinas usavam a Libras para se comunicar com crianças surdas e também ensinavam por meio da Libras. Ali, tive alguns dos primeiros amigos surdos com quem eu brincava: Anderson, Aline, Giselle, entre outros. Nesse contexto tive uma professora, a Roseli, que era falante de Libras e nos ensinou muitos sinais (de frutas, alimentos, animais, etc.), além de nos dar diferentes atividades envolvendo esses temas. Foi desse modo que tive as minhas primeiras experiências bilíngues, envolvendo a Libras e o português, em uma interação visual.

Nesse período, a professora Roseli nos apresentou a uma professora que ficou fortemente marcada na minha história, professora Maria Barbosa Coelho, que era surda. O fato de ela ser surda, como eu e meus colegas, foi surpreendente para nós. Ela era a única professora surda da escola e nós, alunos surdos, sempre a cercávamos alegremente durante os intervalos e éramos acolhidos com um grande sorriso em seu rosto. Essas duas docentes me ensinaram os conteúdos obrigatórios e também a Libras entre meus seis a 10 anos de idade, marcando positivamente o meu percurso escolar e, certamente, o percurso de meus colegas. Nesse período, considero que consegui me desenvolver bem na escola, principalmente por compreender o que era solicitado e também ser compreendido.

No período que corresponde aos meus nove aos 18 anos de idade, considere não ter tido grandes oportunidades de aprendizagem, com pouco desenvolvimento escolar. Nesse período saí da Escola Estadual Francisco Sales e passei a estudar em escolas comuns situadas na cidade de Nova Lima - onde nasci e fui criado -, nas quais não se utilizava a Libras. Nesse tempo,

Souza de Educação Especial. Em 28 de junho de 1983, instituiu-se a Fundação de Assistência ao Excepcional de Nova Lima (FAENOL), atualmente conhecida como Fundação de Atendimento Especializado de Nova Lima, conjuntamente com a Prefeitura Municipal. Assim, foi acertada ainda uma parceria com a Escola Ana do Nascimento Souza (FAENOL, 2021).

pude estudar em uma escola municipal. A Libras não era usada naquele tempo e pouquíssimo se falava sobre a adaptação das matérias. Além das atividades curriculares, nunca consegui brincar ou interagir com os colegas ouvintes, que pareciam não querer se aproximar de mim o que me fazia sentir como um personagem dos livros *O Patinho feio*⁴ e *O Patinho surdo*⁵. Depois que terminavam as aulas, eu costumava caminhar sozinho e desanimado, porque não havia a possibilidade de interagir em Libras, nem com os professores ou qualquer outro membro da comunidade escolar. Uma das professoras, chamada Marília, fazia o alfabeto datilológico, ou seja, soletração de palavras usando o alfabeto manual de Libras⁶ para eu escrever o ditado, mas não compreendia nada dos significados dessas palavras.

A partir dos 12 anos de idade, passei a cursar o ensino fundamental em outra escola perto de casa, onde morava com minha família. Nessa escola me senti mais acolhido porque lá os alunos/colegas se aproximavam de mim. Ali uma professora de português começou a exigir de mim que estudasse e fizesse os trabalhos. Nessa época, foi possível perceber que alguns professores faziam a adaptação das matérias para que eu pudesse participar. Por isso, as notas foram ótimas da 5ª a 8ª série do ensino fundamental, que foi concluído no ano de 1998. Naquele período, soube que a Escola Estadual Maurício Murgel⁷ tinha a presença inclusiva de intérpretes de Libras, salas de aulas mistas para alunos surdos e ouvintes, com intérprete de Libras. Aos 19 anos, comecei a cursar o 1º ano do ensino médio, em uma sala de aula que tinha 26 alunos surdos e sete ouvintes, com presença de intérpretes de Libras. Comecei a aprender os sinais em Libras e a estabelecer uma grande convivência com meus colegas surdos. Essa época foi marcada por um grande

⁴ *O Patinho feio*, de autoria de dinamarquês dramaturgo Hans Christian Andersen (1805-1875) e publicado pela primeira vez em 11 de novembro de 1843, é um dos clássicos da literatura infantil e já foi reescrito e adaptado para uma série de veículos ao longo das décadas. (<https://www.culturagenial.com/conto-o-patinho-feio/>).

⁵ *O Patinho surdo*, de autoria de Karnopp e Rosa (2005). O nascimento de uma ave pertencente a outra espécie em um ninho de cisnes ouvintes e a dificuldade em estabelecer-se uma comunicação entre eles (Site da Editora ULBRA).

⁶ A datilologia é a soletração de uma palavra usando o alfabeto manual de Libras. O alfabeto Manual da Libras tem o sistema de representação simbólica e icônica de letras dos alfabetos por meio da Libras.

⁷ Escola Estadual Maurício Murgel - Av. Amazonas, 5154 - Nova Suíça, Belo Horizonte – MG. Em 1999 formou suas primeiras turmas mistas (RODRIGUES, 2008).

desenvolvimento social, cognitivo e linguístico, com melhora no meu desempenho e aproveitamento escolar, devido às turmas compostas de surdos e ouvintes.

Quando ingressei no ensino superior, optei pelo curso de Letras. Na universidade tive intérprete de Libras colocado pelo NAI/PUC Minas e concluí a minha graduação com habilitação em Português, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), no ano de 2011. Durante a graduação tive a oportunidade de participar de pesquisas de iniciação científica, junto ao Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI/PUC Minas), órgão responsável pela promoção da acessibilidade na universidade. As pesquisas das quais participei estavam ligadas a Libras, como por exemplo, a pesquisa do *Dicionário Temático da Língua Brasileira de Sinais*, na qual fui um dos membros voluntários da equipe. O estudo estava voltado para a representação de termos acadêmicos na Libras. Esta foi uma oportunidade de me inserir em práticas acadêmicas e começar a entender como funciona a pesquisa.

Ainda na PUC Minas fui professor de Libras em um projeto de extensão de 2008 a 2017. Em 2013, me tornei professor de Libras no Centro de Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além da formação superior, em busca de qualificar minha atuação, cursei, entre os anos de 2015 e 2017, uma especialização em Docência e Gestão do Ensino Superior em uma instituição privada de Belo Horizonte, na qual desenvolvi a pesquisa intitulada *A Importância da Libras como Disciplina Obrigatória no Ensino Superior*.

O objetivo de relatar essas diferentes experiências em minha trajetória é mostrar que, embora estudando e atuando profissionalmente em diferentes espaços, sempre tive como interesse principal as questões que tangenciam a Libras, a comunidade surda e a educação de surdos. Muita coisa mudou desde a minha trajetória pessoal, principalmente em termos de políticas em defesa dos direitos linguísticos dos surdos, da Libras e da acessibilidade.

Pude refletir ainda mais sobre esses aspectos ao ingressar no mestrado, pois iniciei meus estudos sobre a história e a política de educação no país e em contextos internacionais. Ao mesmo tempo, tive a oportunidade de participar do Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão

(LAPPEEI)⁸. Uma das pesquisas desenvolvidas pela professora coordenadora do laboratório, intitulada *Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: instituições, personagens e práticas* busca compreender o papel de pessoas que trabalharam em prol da Educação Especial em diferentes épocas no Brasil. Essa pesquisa procura, ainda, resgatar a influência desses atores na constituição das políticas públicas e no processo de estabelecimento da Educação Inclusiva no Brasil, reunindo em seu banco de dados documentos oficiais, cartas, fotos, vídeos, tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, dentre outros. Além disso, o projeto desenvolve três dicionários: um de personagens, um de instituições e um de práticas de Educação Especial.

Ao ter contato com esses estudos no mestrado e com a pesquisa do referido laboratório, comecei a contrastar os dados históricos com a minha trajetória enquanto estudante surdo e com as reivindicações que a comunidade surda tem feito em torno da implementação de uma política de educação bilíngue. Nesse sentido, fui buscar por mais referências na área e pude perceber que muitos dos processos históricos da educação de surdos em Minas Gerais ainda precisavam ser compreendidos por meio de pesquisas.

Ao mesmo tempo em que questionava esse histórico que vinha da leitura de estudos desde a época das classes especiais, acompanhei as reivindicações mais recentes da comunidade surda para que fosse cumprida a Meta 4 do Plano Nacional de Educação (PNE/2014-2014) na Lei nº 13.005/14, argumentando:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos [...] (BRASIL, 2014).

⁸ O *Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão* (LAPPEEI) foi criado em 2018 na Faculdade de Educação da UFMG, com o apoio da Pró-Reitoria de Graduação, com a finalidade de promover pesquisas sobre políticas e práticas no campo da Educação Especial e Inclusão. Assim, o Laboratório reúne docentes e alunos de graduação e da pós-graduação (mestrado e doutorado) inseridos na Faculdade de Educação da UFMG. O site do LAPPEEI é <http://www.portal.fae.ufmg.br/lappei/>.

Para discutir o estabelecimento dessa Meta, é preciso compreender alguns aspectos que aconteceram anos antes. No estudo intitulado *Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro*, das autoras surdas Campello e Rezende (2014) é possível compreender que a comunidade surda assumiu certo protagonismo científico e político nas discussões sobre a educação para surdos. Esse movimento ganhou bastante força com a ameaça de fechamento do histórico e centenário Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no ano de 2011. Desde então, o movimento surdo tem se organizado em defesa de escolas bilíngues para surdos e, ao longo dos últimos anos, isso foi um dos fatores que proporcionaram que a referida Meta constasse no PNE/2014-2024.

Observando esses aspectos, comecei a pensar em como poderia organizar um estudo considerando certa temporalidade histórica. Assim, foi adotada como referência os estudos de Borges e Campos (2018) que propõem uma divisão esquemática da Educação Especial no estado de Minas Gerais em fases: a fase das classes especiais (1930-1950); a fase das escolas especiais (1950-1990); e a fase da educação inclusiva (1990-atualidade). As autoras ressaltam que uma fase não deixou de existir para que a outra começasse, em alguns momentos elas se sobrepõem ou é possível encontrar práticas de um período em outro. Além dessas fases, é importante consideramos que, desde os anos 1990, vem sendo defendida no Brasil a proposta da Educação Bilíngue para surdos (FERREIRA-BRITO, 1993; QUADROS, 1997).

Por último, nesta seção, destaco que foi apenas quando pude lançar um olhar analítico sobre a minha trajetória, como estudante surdo e como profissional da área da educação, até o contato com os estudos que comecei a ter na pós-graduação, que compreendi que há diferentes perspectivas históricas e que é necessário conhecer o nosso contexto regional para somar compreensão de um contexto mais amplo no país. Foi desse modo que surgiu este estudo, com o intuito de compreender como ocorreram as mudanças na educação dos surdos nas diferentes fases da Educação Especial em Minas Gerais e quais aspectos locais podem ser somados ao contexto nacional mais amplo. É importante, também, recuperar a história de personagens e instituições que marcaram a educação dos surdos no estado de Minas Gerais, além de recuperar as práticas que marcaram cada uma das fases. Ainda há

muito para se compreender em diferentes contextos do país, por isso a ideia de explorar um pouco mais a conjuntura em Minas Gerais.

Assim, a justificativa para a realização deste trabalho está centrada em dois aspectos: primeiramente, o pouco conhecimento sobre os registros e documentos sobre a escolarização e a educação dos surdos na cidade de Belo Horizonte; em segundo lugar, a possibilidade deste estudo contribuir para a identidade da comunidade surda, a partir da recuperação de uma parte da história da Educação Especial.

1.2 Metodologia

1.2.1 Pesquisa qualitativa e histórica

Esta pesquisa se organizou a partir dos estudos sobre a História da Educação Especial. As fontes primárias receberam destaque e se constituíram como principal fio condutor das análises que foram realizadas. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa e histórica. A pesquisa qualitativa explora as fontes primárias e secundárias, e pode ser construída a partir da análise de documentos.

De acordo com Nosella e Buffa (2013), as fontes primárias e secundárias constituem vigorosas ferramentas no desenvolvimento da pesquisa, tal como bibliografia pertinente (livros, revistas, relatórios, folder); documentos do acervo escolar (atas, livros de matrícula, atas, programas disciplinares); mapas, plantas; entrevistas, questionários. Todas essas ferramentas são fontes a utilizar e selecionar em função dos objetivos do estudo. Ainda sobre as fontes, Borges e Siems (2020), consideram que em alguns trabalhos as fontes não são únicas, pois podem ocorrer concomitantemente duas ou três fontes diferentes, como por exemplo, documentos (fontes primárias), bibliografia geral (fontes secundárias) e depoimentos.

É necessário ampliar a compreensão do que é História, do que é o documento ou registro oficial sobre a História de cada um, da família, do local onde as pessoas estão inseridas e que, juntamente com sua vivência e sua

interferência tecem sua história e colaboram para a formação da História da sociedade em que vivem.

A história faz-se com documentos escritos, quando existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedra feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (LE GOFF, 1990, p. 540).

Para análise dos documentos, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos de Le Goff (1990), que trazem orientações sobre como analisar criticamente o documento considerado como monumento.

Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmitificá-los. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 1990, p.110).

Segundo Lopes e Galvão (2010), a história, do ponto de vista pragmático, pode ser considerada como um saber inútil, mas o estudo da história proporciona uma aproximação das indagações que surgem no presente, principalmente através do conhecimento do que foi, quem fez e como fez. As autoras afirmam que a História do Ensino se considera como um dos domínios mais tradicionais da história da educação, porque esses domínios têm incorporados cada vez mais reflexões das tendências historiográficas contemporâneas, assim trazendo uma ampliação dos objetos de estudos nessa área (GOMES, 2019).

1.2.2 Fontes

1.2.2.4 Fontes documentais

Como pesquisador, é importante realizar uma seleção adequada de fontes de dados. A seleção deve ser planejada para atender às necessidades da pesquisa. A fim de construir a compreensão do processo histórico da educação e escolarização dos surdos em Belo Horizonte, a opção neste estudo foi por analisar documentos históricos disponíveis no arquivo institucional da escola.

Foram consultadas e reproduzidas cópias de documentos do acervo da Escola Estadual Pestalozzi, em Belo Horizonte, escolhida como *lócus* da pesquisa por sua importância como a primeira instituição da cidade na qual há o registro de escolarização de crianças surdas. A Escola está situada no bairro de Barro Preto, na região central de Belo Horizonte e continua funcionando como uma escola especial, pertencendo atualmente a Rede de Ensino do Estado de Minas Gerais. O acesso aos documentos foi permitido pela diretoria da escola e formalizado por meio de documentos nos quais esta pesquisa foi apresentada. O Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD) (Apêndice A) é de uso obrigatório em pesquisas que coletam informações em banco de dados de instituições e prontuários, de acordo com instruções do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). O TCUD foi apresentado na escola e assinado pela atual diretora dessa instituição.

A pesquisa foi realizada a partir da coleta de fontes primárias: fontes iconográficas (fotografias), atas, relatórios, legislação e prontuários, para entender como aconteciam os trabalhos especializados com os alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Através de documentos do Consultório Médico-Pedagógico, que funcionou no Instituto Pestalozzi desde sua fundação, foi possível acessar dados como o número de matrícula dos alunos, antecedentes pessoais e anamnese colhida por médicos, dentre outros. Os documentos da Escola, produzidos ainda no tempo em que era conhecida como Instituto Pestalozzi, foram coletados em visitas à sala nº 51 de arquivo onde havia estantes com caixas de arquivo-morto, nas quais os prontuários estavam organizados em ordem alfabética. As caixas eram categoricamente identificadas através de um sistema alfanumérico, como por exemplo, A1, A2, B1, B2, C1, C2, e assim por diante. Nessas caixas, estavam guardados os prontuários de todos os alunos que já passaram pela instituição desde sua criação até os dias atuais. O

acesso foi permitido pela diretoria da instituição que autorizou o registro fotográfico dos documentos.

Na entrada da Escola Estadual Pestalozzi encontram-se expostas as fotos dos diretores. Dentre esses registros fotográficos, para este estudo destaca-se a exposição da foto da professora Ester Assumpção, reconhecida como uma importante personagem da Educação Especial mineira, principalmente no que se refere à educação de surdos.

Figura 1 - Quadro com a foto da professora Ester Assumpção



Fonte: Escola Estadual Pestalozzi.

O Instituto Pestalozzi foi fundado em 1935. Assim, a gestão da Escola assumida pela professora Ester Assumpção (FIG. 1) no período de 1935 a 1969 compreende os primeiros 35 anos da instituição. A princípio, pertencia à Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, sendo que o estado construiu o prédio em um terreno pertencente à Sociedade. O estado ainda contratava as

professoras que atuavam no Instituto. Posteriormente, o Instituto foi definitivamente assumido pelo estado de Minas Gerais, tendo seu estatuto alterado para Escola Estadual Pestalozzi em 1974.

Além dos documentos coletados na escola, foi consultada a correspondência de Helena Antipoff com Helena Dias Carneiro, material que está guardado na Sala Helena Antipoff na Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais. Bem como as revistas *Infância Excepcional*, também chamadas de Boletins, importante fonte de registro sobre a Educação Especial entre os anos 1933 e 1979, publicadas pela SPMG.

A coleta dos documentos na Escola Estadual Pestalozzi foi realizada somente em setembro de 2020, devido à pandemia da COVID-19 que provocou o fechamento das escolas. Diante da insegurança sobre o retorno das atividades e a possibilidade de coletar material adicional, optou-se por realizar entrevistas com dois importantes personagens que contribuíram com a educação e surdos em Minas Gerais.

1.2.3 Entrevistas

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em trabalhos científicos, pois ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações possibilitando um trabalho bastante rico (JUNIOR; JUNIOR, 2011).

Junior e Junior (2011) ressaltam que o ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados. Para esse levantamento, é necessário que se faça uma pesquisa bibliográfica. No segundo momento, o pesquisador deve realizar uma observação dos fatos ou fenômenos para obter maiores informações e, em um terceiro momento da pesquisa, o objetivo é conseguir informações ou coletar dados que não seriam possíveis somente através da pesquisa bibliográfica e da observação. Desse modo, a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas por pesquisadores para realizar a coleta de dados neste terceiro momento.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas

pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas (RICHARDSON, 1999, p.207 *apud* JUNIOR; JUNIOR, 2011, p. 239).

Ainda segundo Junior e Junior (2011), as entrevistas permitem ao pesquisador coletar informações sobre como o sujeito percebe e contextualiza sua realidade, além de demonstrar aquilo em que ele acredita no modo particular de suas vivências e na singularidade das inúmeras atividades realizada por ele.

As entrevistas realizadas no âmbito desse trabalho estão inseridas em uma pesquisa maior, denominada *Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: instituições, personagens e práticas*. Foram ouvidos dois personagens importantes da Educação Especial e, mais especificamente, da educação dos surdos: o professor Antônio Campos de Abreu e a professora Maria Barbosa Coelho, que deram seus depoimentos sobre a experiência com a educação de surdos. Eles puderam vivenciar períodos distintos da educação desse público e as mudanças de cada época, influenciadas, sobretudo, pelo contexto político. Os dois entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (Apêndice B), concordando em participar da pesquisa. Com relação aos instrumentos de coleta de dados, foi utilizada uma câmera filmadora, os entrevistados se expressaram em Libras e, posteriormente, a entrevista foi traduzida para o português. De acordo com Alberti (2004, p. 62), a gravação de entrevista em história oral em vídeo é um recurso difundido atualmente, pois

[...] ela permite o registro da imagem do entrevistado e da situação de entrevista e impede que se percam os gestos e expressões faciais que contemplem e enriqueçam a enunciação, expressando reações e, muitas vezes, indicando a intenção do falante (ALBERTI, 2004, p. 62).

O professor Antônio Campos de Abreu realizou a sua participação na entrevista presencial no escritório da FENEIS/MG, sem intérprete de Libras, porém a intérprete de Libras Rosane Lucas de Oliveira fez a gravação de voz, com o uso do site de *Transkriptor*⁹, isto é, a transcrição instantânea. A outra entrevista online, realizada com a professora Maria Barbosa Coelho, contou

⁹ Site com recurso tecnológico para realizar transcrição instantânea de voz para o texto. Disponível em: <https://transkriptor.com/pt-br/transcribe/>.

com a presença da intérprete de Libras Dinalva Andrade Martins. Neste caso, foi realizada a transcrição instantânea com ajuda do uso do site *WebCaptioners*¹⁰. Após a realização das entrevistas, foi realizada a revisão dos textos já transcritos automaticamente. Os procedimentos empregados nesse estudo foram aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais sob o número 4.453.246.

1.3 Organização da dissertação

A dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro está a introdução deste trabalho. No segundo capítulo intitulado *Educação de surdos: um território em disputa* está contemplado a história da educação de surdos, relatada por meio dos trabalhos realizados por personagens pioneiros. E, em seguida, são apresentadas as práticas educativas adotadas historicamente na educação de surdos e, por fim, é abordada a educação de surdos no contexto brasileiro.

No terceiro capítulo são focalizadas as políticas e momentos históricos da educação dos surdos no Brasil, mais especificamente em Belo Horizonte, Minas Gerais. O capítulo foi organizado a partir da perspectiva de divisão das fases, proposta por Borges e Campos (2018) e Borges, Campos e Silva (2020).

No quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados dos dados coletados nesta pesquisa, iniciando com informações sobre o Instituto Pestalozzi, o papel de Ester Assumpção na escolarização de surdos na década de 1930 e informações sobre a correspondência estabelecida entre Helena Antipoff e Helena Dias Carneiro sobre as concepções da educação de surdos no período. Posteriormente, são analisados os prontuários de alunos surdos encontrados no Instituto Pestalozzi.

No quinto capítulo estão apresentadas as entrevistas realizadas com dois professores surdos, referências para a comunidade surda brasileira, que vivenciaram pessoalmente e profissionalmente diferentes fases da educação de surdos em Belo Horizonte. As entrevistas são apresentadas com o histórico de vida desses participantes e, em seguida, com aspectos da atuação

¹⁰ Site com recurso tecnológico usado muitas vezes para passar de áudio para o português. Disponível: <https://webcaptioner.com/>.

profissional deles em entidades voltadas para a educação de surdos, incluindo o Instituto Pestalozzi e associações de surdos.

Finalmente, no sexto e último capítulo, há as considerações finais deste estudo.

2 A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM TERRITÓRIO EM DISPUTA

A educação de pessoas surdas, desde as primeiras iniciativas que foram documentadas na Europa até o contexto nacional atual, tem sido um território de disputas. Essas disputas ocorreram tanto do ponto de vista do uso ou não das línguas de sinais, quanto do ponto de vista das abordagens metodológicas a serem usadas com os surdos e os espaços institucionais em que elas devem acontecer (LACERDA, 1998; GARCÊZ, 2015; ROCHA, 2021). Nesse sentido, buscando estabelecer um diálogo entre esses dados históricos e o contexto no qual este estudo se localiza, neste capítulo será apresentado um breve apanhado histórico em relação à educação de surdos.

O objetivo aqui não foi relatar com detalhes os aspectos históricos em relação à educação de surdos, mas situar as diferentes abordagens e marcos significativos que dão suporte às análises realizadas neste estudo.

Com esse intuito, este capítulo está organizado em três partes: na primeira parte serão apresentados os personagens pioneiros e as diferentes perspectivas em relação à educação de surdos; na segunda parte serão discutidas as práticas e correntes metodológicas em relação à educação de surdos (oralismo, comunicação total e bilinguismo); e, na terceira parte, há uma explanação sobre as instituições, as políticas e os aspectos históricos da educação de surdos no Brasil, partindo das vertentes históricas até a localização do contexto desta pesquisa.

2.1 Personagens pioneiros e as diferentes perspectivas em relação à educação de surdos

Ao longo da história as escolhas realizadas em relação à educação de surdos têm gerado diversas discussões, tanto em âmbito nacional como internacional. Segundo Lacerda (1998), diferentes práticas pedagógicas envolvendo os surdos se diversificaram ao longo do tempo e, em muitas das antigas abordagens, ao final da escolarização básica os surdos enfrentaram inúmeros desafios para ler e escrever ou ter acesso aos conteúdos escolares/acadêmicos. Nesse contexto, o uso da língua escrita e o

desempenho escolar passaram a serem pauta e um dos campos de disputa no uso das diversas estratégias de ensino.

Essas discussões não são novas. Desde a antiguidade, e por quase toda a Idade Média, há registros de correntes em que se buscavam melhores abordagens junto aos educandos surdos, enquanto em outras a compreensão era de que eles nem mesmo eram “educáveis”. De acordo com Sacks,

(...) os natissurdos, ou, em inglês, “*deaf and dumb*”, foram julgados “estúpidos” por milhares de anos e considerados “incapazes” pela lei ignorante – incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulantes – e que lhes foram negados direitos humanos fundamentais. Essa situação só começou a ser remediada em meados do século XVIII, quando (talvez como parte de um esclarecimento mais geral, talvez por um ato específico de empatia e gênio) a percepção e a situação dos surdos se alteraram radicalmente (SACKS, 2010, p. 20).

A perspectiva em relação aos surdos, apresentada pelo autor, perpassava discursos caritativos, religiosos e médicos. Desse modo, no intuito de trazer uma perspectiva histórica, nesta seção, serão apresentados alguns dos principais personagens que trabalharam com/para a educação de surdos ao longo dos anos. A história desses personagens caminha junto com a história da constituição das línguas de sinais, o que é apresentado de forma sintética a seguir.

Na obra do filósofo Platão (348/347 a.C.) pode-se encontrar o que é considerado o registro mais antigo em relação à comunicação sinalizada por surdos. No livro *Crátilo*, Platão narra um diálogo no qual Sócrates pergunta, em diálogo com seus discípulos, se as pessoas não pudessem falar oralmente e quisessem mostrar coisas uns aos outros poderiam fazer como os “mudos”, utilizando as mãos, a cabeça e todo o corpo. Esse registro é uma preconização da comunicação sinalizada (STROBEL, 2009).

Embora nos anos que se seguiram houvesse outros personagens que marcaram de algum modo a educação de surdos, o mais expressivo deles talvez tenha sido Pedro Ponce de Leon, um monge espanhol que desenvolveu um dos primeiros alfabetos manuais ao trabalhar com alunos surdos por volta de 1520 d.C. O uso desse alfabeto pelo monge, permitia aos aprendizes a “soletração” (o que chamamos atualmente de datilologia) das palavras. Os pesquisadores contemporâneos analisam se este alfabeto foi baseado,

integralmente ou em parte, em simples “gestos” e feitos com as duas mãos. Embora não haja muitas informações sobre as suas abordagens de ensino, sabe-se que Ponce de Leon trabalhou com surdos filhos de famílias nobres e fazia uso também da oralidade (GOLDFELD, 1997; LACERDA, 1998).

Desde a iniciativa de Ponce de Leon muitos outros personagens sugeriram. Alguns defendendo a comunicação visual e muitos outros a oralização dos surdos como abordagem de comunicação e de ensino. Alguns exemplos são:

- *Juan Pablo Bonet* (1579 - 1633): se ocupou da educação de surdos na corte espanhola e foi autor de um alfabeto unimanual (feito apenas com uma mão). Foi defensor da metodologia oralista, iniciava o processo pela aprendizagem das letras do alfabeto manual, passando ao treino auditivo, à pronúncia dos sons das letras, depois as sílabas sem sentido, as palavras concretas e as abstratas para terminar com as estruturas gramaticais (GOLDFELD, 1997; ROCHA, 1997; LIMA, 2004).
- *John Bulwer* (1614 - 1684): médico que publicou “*Chironomia, or the Art of Manuall Rhetorique*” no qual descreveu centenas de “gestos”. Defendeu ainda que a “linguagem das mãos” era a única que é natural para todos os homens e especialmente os surdos. Anos depois, escreveu a obra “*Philosophus: or, The Deaf and Dumb Man's Friend*” (Philosophus: ou, o amigo do homem surdo e mudo), em que falou sobre as possibilidades dos surdos se exprimirem por meio de “gestos”, bem como o porquê de os filhos dos surdos não serem sempre surdos (CABRAL, 2005; DUARTE, 2009).
- *George Dalgarno* (1628 - 1687): filólogo e professor em Oxford, publicou “*The Deaf and Dumb Man's Tutor*” (Tutoria para homens surdos e mudos), com muitas teorias para ensinar uma língua aos surdos. Para ele, o alfabeto manual parecia ser o modo mais prático e entendia que as mães deviam “identificar objetos”, apontando soletrando com as mãos para os seus filhos no processo de ensino (CABRAL, 2005; DUARTE, 2009).
- *John Wallis* (1616 - 1703): professor de Oxford que trabalhava com a articulação de sons e a oralidade na educação de surdos. De acordo com Nascimento (2002), embora Wallis tenha recebido a aprovação de

alguns acadêmicos ilustres, ele notou que os recursos para as pessoas surdas sob seus cuidados eram muito escassos se comparados com aqueles contidos na “linguagem” de sinais.

- *Johann Conrad Amman* (1669 - 1724): médico holandês que aperfeiçoou a técnica do uso do espelho desenvolvida pelo holandês Van Helmont (1614 – 1699) para a leitura labial e o estímulo da fala (NASCIMENTO, 2002). Segundo Rodrigues (2008), as abordagens defendidas por Amman focavam no trabalho com a articulação dos sons e eram contrárias ao uso dos sinais por acreditar que a sinalização atrofiava a mente e dificultava a fala dos surdos.
- *Alexander Graham Bell* (1874 - 1922): além de célebre inventor do telefone foi também um grande defensor da oralização dos surdos. As ideias de Graham Bell, entre outros autores, exerceram grande influência para os encaminhamentos do famoso ‘Congresso Internacional de Educação de Surdos’, realizado em Milão no ano de 1880. Segundo Orsoni (2007), o método oral foi defendido no Congresso como abordagem exclusiva recomendada para a educação dos surdos, sem o uso de língua de sinais, sendo que os encaminhamentos foram difundidos para institutos e especialistas em educação de surdos em diversas partes do mundo por muitos anos.

Embora tenham sido citados acima personagens marcantes que foram pioneiros na educação de surdos, um dos mais importantes nesse histórico foi o Abade Charles Michel de L’Épée (1712 - 1789). As ações e estratégias desenvolvidas por ele na França repercutiram por diversos países, influenciando na fundação de escolas e institutos de educação para surdos, muitos deles existentes até a atualidade. O início do trabalho de L’Épée se deu após observar a comunicação sinalizada que acontecia entre um grupo de surdos na França e, ao aprender a partir deles a “linguagem gestual”, ele se engajou na educação de surdos. Em 1762, L’Épée criou uma escola para surdos em Paris e desenvolveu metodologias para o ensino da língua gestual, além de uma metodologia no uso dos sinais. Com o sucesso alcançado, demonstrado por ele ao Tribunal de França, L’Épée recebeu autorização para a

abertura de um Instituto para a educação de surdos, em 1791, que continua funcionando na atualidade e é chamado de Institut Saint-Jacques (STROBEL, 2009).

Sob a influência do êxito alcançado por L'Épée, outras escolas para surdos foram abertas na França e em diversos países. Muitas instituições com grande reconhecimento pelos trabalhos foram criadas sob influência do trabalho de L'Épée, alguns exemplos estão nos Estados Unidos e no Brasil. Nos Estados Unidos, Thomas Hopkins Gallaudet¹¹, acompanhado de Laurent Clerc, um dos melhores alunos do Abade L'Épée, fundou a primeira escola para surdos e mais tarde idealizou a atual Universidade de Gallaudet - instituições em que a comunicação é realizada por meio da língua sinalizada. No Brasil, também houve desdobramentos dos trabalhos de L'Épée, por meio da iniciativa do professor surdo francês Ernest Huet para que fosse criado, nos anos 1850, o "Imperial Instituto dos Surdos-Mudos", atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Os trabalhos do INES e a sua criação serão abordados na próxima seção, por ora, vale ressaltar que a iniciativa francesa iniciada por L'Épée, mesmo com a valorização da comunicação sinalizada e a reverberação por diversas instituições internacionalmente, não prevaleceu. As correntes que defendiam o uso da oralidade, em detrimento da comunicação sinalizada, ganharam mais espaço e passaram a ser utilizadas quase hegemonicamente por muitos anos (STROBEL, 2009).

No início do século XX, as escolas de surdos em todo o mundo deixaram de utilizar as línguas de sinais e a oralização começou a ser o maior objetivo da educação das crianças surdas. Para essa abordagem, o campo médico/clínico foi predominante em orientar sobre como deveriam acontecer as intervenções (GOLDFELD, 1997).

¹¹ Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851) foi um professor americano que, em 1815, começou a estudar sobre a educação de surdos. Com esse objetivo, ele seguiu para a Europa e durante sua passagem pela Inglaterra encontrou-se com a família Braidwood, que utilizava apenas a língua oral na educação de surdos. Posteriormente, na França, pode conhecer as experiências do Abade L'Épée, que utilizava a comunicação sinalizada. Com o apoio de Laurent Clerc, um dos melhores alunos do Abade L'Épée, Gallaudet fundou a primeira escola para surdos nos EUA, que utilizava como forma de comunicação a Língua de Sinais Francesa adaptada para o inglês e, nesse contexto, foram sendo constituídos muitos léxicos da Língua de Sinais Americana (GOLDFELD, 1997).

Assim, a partir desse contexto relacionado aos pioneiros/personagens no campo da educação de surdos e suas diferentes abordagens, é possível localizarmos o contexto de cada uma das diferentes práticas metodológicas utilizadas, que serão abordadas a seguir.

2.2 As práticas e abordagens metodológicas em relação à educação de surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo

A partir das diferentes correntes ou visões em relação aos surdos e seus modos de aprendizado, foram estabelecidas algumas correntes de ensino que forjaram as práticas adotadas em muitas instituições. Os resultados dessas correntes são chamados na literatura como “filosofias de educação de surdos” ou como “abordagens de ensino para surdos”. Nesses modos de ensino estão localizadas as maiores tensões no campo da educação de surdos que de algum modo perduram até a atualidade.

O motivo de trazer essas práticas aqui não é para classificar ou avaliar as abordagens históricas da instituição na qual esta pesquisa foi realizada. Mas para situar em um contexto histórico as possíveis abordagens adotadas em relação aos surdos e o objetivo de cada uma delas. A saber, essas abordagens são: o oralismo; a comunicação total; e a educação bilíngue.

O **oralismo** é uma abordagem educacional para surdos que visa uma “aceitação social” do surdo o tornando “mais parecidos” com os ouvintes. Alguns autores a veem como proposta de “superação da surdez”, por meio da fala oral e até mesmo em treinos de audição. Nesse modelo é defendida apenas a língua de modalidade oral-auditiva (no caso do Brasil, a língua portuguesa), tanto para a comunicação verbal quanto para a leitura e escrita (QUADROS, 1997). De acordo com Ferreira-Brito (1993, p. 27), nessa abordagem

ênfata-se o aprendizado da língua oral com o objetivo de aproximar o surdo, o máximo possível, do modelo ouvinte, a fim de integrá-lo socialmente, sendo a língua vista muito mais como objetivo do que como instrumento do aprendizado global e da comunicação.

Um dos primeiros educadores de surdos defensores do oralismo foi o alemão Samuel Heinicke (1729 - 1790), que se opunha ao chamado método

gestualista de L'Épée. Ele criou, principalmente com base na língua oral, o chamado método oral para ensinar os “surdos-mudos” (como se referiam aos surdos em sua época), incentivando-os a falar mediante movimentos labiais, atualmente chamado de “leitura orofacial” (STROBEL, 2009).

De acordo com Rodrigues (2008), a perspectiva clínica/médica é inerente ao oralismo, corrente na qual é trabalhada de forma mais incisiva o conceito de surdez como déficit e a sua superação como única forma de integração social. O autor explica que nessa abordagem a língua oral/auditiva é defendida independentemente da metodologia ou do modelo de ensino adotado, já a língua gestual não é reconhecida como uma língua ‘verdadeira’.

Derivada dessa corrente, muitas abordagens em relação aos surdos foram tomadas, estabelecendo que o “normal” ou o típico é ser ouvinte. Um exemplo mais atual disso tem sido as abordagens cirúrgicas, como o implante coclear que não serve para todas as pessoas e, além dos sérios riscos de uma cirurgia altamente invasiva no crânio, nem mesmo pode funcionar para todas as pessoas operadas. No entanto, a padronização dos corpos e a negação da comunicação visual têm reverberado em uma ampla defesa dessa abordagem clínica (REZENDE, 2010).

Skliar (1998), ao analisar as repercussões do oralismo ao longo dos anos, o considera como a

ideologia dominante dentro da educação dos surdos. [Nessa abordagem] a concepção do sujeito surdo diz respeito exclusivamente a uma dimensão clínica - a surdez como deficiência, os surdos como sujeitos patológicos - numa perspectiva terapêutica - a surdez deve reeducar-se e/ou curar-se, os surdos devem ser reeducados e/ou curados (SKLIAR, 1998, p. 47).

Devido à predominância dessa estratégia até a década de 1990, no Brasil e em diversas partes do mundo, muitos surdos frequentaram escolas nas quais a oralização era a orientação de comunicação e geralmente não se podia utilizar a língua de sinais. Apesar disso, se comunicavam por meio das línguas de sinais fora da sala de aula e em outros espaços. Ao analisar a validade da abordagem oralista, Quadros (1997), após realizar um estudo em larga escala com muitos surdos educados sob a perspectiva desse modelo, afirma que

apesar do investimento de anos da vida de uma criança surda na sua oralização, ela somente é capaz de captar, através da leitura labial,

cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, normalmente, não é compreendida por pessoas que não convivem com ela (pessoas que não estão habituadas a escutar a pessoa surda) (QUADROS, 1997, p. 23).

A autora aponta ainda que não é possível os surdos adquirirem de “forma natural” a língua falada, como acontece com as crianças ouvintes. Nesse contexto, com o pouco sucesso em termos de resultados escolares, bem como a análise dessas questões em estudos, a comunidade surda conseguiu aos poucos defender o uso da língua de sinais em seus movimentos (GARCÊZ, 2015). A comunicação sinalizada começou a tomar força com a contribuição dos estudos do linguista William Stokoe, na década de 1970, que elaborou um criterioso estudo no qual comparava a Língua de Sinais Americana (ASL) com as demais línguas de modalidade oral/auditiva, como o inglês. Em seu estudo, ele atribuiu o status de língua parra a ASL e incentivou o surgimento de diversas pesquisas nesse campo (STOKOE, 2005 [1960]). Contudo, a abertura para o uso da comunicação sinalizada, diferente do que foi defendido por Stokoe, foi aderida por muitos educadores ainda visando com que os surdos falassem oralmente, o que deu origem à comunicação total.

A **comunicação total** surgiu no Brasil final da década de 1970, com grande influência dos trabalhos de Ivete Vasconcelos, uma educadora de surdos que visitou a Universidade Gallaudet, nos EUA, e, posteriormente, difundiu a abordagem no país. A comunicação total consiste no uso de toda estratégia possível para a comunicação com surdos em que se pode, por exemplo, utilizar as línguas de sinais, a linguagem oral, os gestos, a datilologia (alfabeto manual), entre outros recursos.

Alguns estudos destacam que os profissionais que seguem a comunicação total, diferentemente do oralismo, passaram progressivamente a se desvincular do espaço clínico ou de “tratamento da surdez” para perceber os surdos socialmente. Assim, os surdos não eram vistos como pessoas com patologias a serem vistas sob a ótica médica, mas sim com uma especificidade que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa (LACERDA, 1998; ROCHA, 2021).

Contudo, apesar de inicialmente parecer promissor, nessa abordagem havia muitos problemas. De acordo com Gomes (2019),

[a]ssim como oralismo, a comunicação total fracassou, deflagrou em um processo que não favoreceu o pleno desenvolvimento das pessoas [surdas], negava a língua natural dos surdos provocando perdas significativas na aprendizagem desses indivíduos, além de não viabilizar o desenvolvimento sócio afetivo, linguístico, político, cultural dos surdos a que se tinha sido proposto inicialmente (GOMES, 2019, p. 60).

As principais críticas a essa postura enfatizaram que os surdos, nessa situação, estavam imersos em um ambiente com o qual se estabelecia uma comunicação provisória e artificial, pois se comunicam muito pouco com os seus pares. Ou seja, apesar de utilizarem sinais, imagens, oralidade e outros recursos, as demais pessoas não usavam a mesma forma de comunicação e não poderia compreender o que eles estavam produzindo/dizendo. Assim, como não havia uma língua sistematizada, os surdos apresentavam dificuldades até mesmo com professores, sobretudo quando havia mudanças no quadro docente, já que as estratégias variavam de uma para o outro, o que dificultava o estabelecimento de um padrão comunicativo.

O **bilinguismo**, por sua vez, consiste em uma postura de ensino na qual se focaliza a diversidade linguística dos surdos. Reconhecer as diferenças na forma de comunicação, nessa abordagem, representa que os surdos possam se comunicar por meio das línguas de sinais, mas também utilizem as línguas orais/auditivas como segunda língua, principalmente na modalidade escrita destas línguas. O bilinguismo, de um modo geral, começou a tomar força no período de 1950 - 1960, quando começaram a florescer estudos da sociolinguística, principalmente com maior preocupação voltada para estudar os fenômenos de linguagem em seu contexto social de ocorrência (SOUZA, 1995).

De acordo com Rocha (2021), a educação bilíngue está inserida em um contexto de ruptura com a visão clínica da surdez e se aproxima da visão sociocultural.

A visão sociocultural concebe a surdez como uma diferença que implica aos surdos uma forma distinta de interação com o mundo. Nela, não se deixa de reconhecer a surdez enquanto uma condição sensorial que impõe desafios nas interações sociais, contudo, não há uma tentativa de “consertar” as pessoas surdas. Dessa visão, decorre a defesa do uso das línguas de sinais como principal forma de interação e comunicação, e das línguas não sinalizadas como segunda língua, usadas em sua forma escrita (ROCHA, 2021, p. 47).

Ainda segundo a autora, as diferentes visões em relação à surdez - clínica, caritativa e sociocultural - e as abordagens de ensino decorrentes delas se sobrepõem e continuam sendo usadas em instituições escolares brasileiras até os dias atuais (ROCHA, 2021). Já em relação ao modo como os surdos podem se tornar bilíngues, a autora ressalta algumas diferenças se comparados a outros contextos de bilinguismo,

(...) diferentemente de outros contextos de comunidades bilíngues - como, por exemplo, de imigrantes, de moradores de fronteiras entre países, de povos indígenas e de povos com territórios colonizados -, o bilinguismo dos surdos depende do modo como os familiares e a escola se organizam em relação a eles (ROCHA, 2021, p. 48).

Nesse sentido, a autora explica que para surdos que nascem ou são criados em famílias nas quais todos os membros são ouvintes, muitas vezes torna-se mais desafiador o processo familiar de proporcionar para essas crianças o acesso à língua de sinais para que possam ser, portanto, bilíngues - o que se torna processo desafiador.

A principal característica do bilinguismo dos surdos, em que uma língua de sinais é reconhecida, é a possibilidade dessa comunidade não ter que passar por “tratamentos” clínicos e poderem interagir com o mundo. Essa interação passa a ser valorizada por meio do canal visual e pelo uso das línguas de sinais.

Conforme observa Garcêz (2015), o movimento da comunidade surda atuou por muitos anos na busca por uma educação bilíngue. Um dos movimentos nessa direção aconteceu em abril de 1999, quando foi realizado o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos em Porto Alegre/RS, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No evento, que reuniu participantes surdos e ouvintes de diversos locais no país, foi elaborado um documento que posteriormente foi enviado para o Ministério da Educação em defesa da educação bilíngue para surdos. Esse pode ser considerado um dos movimentos que se somava às ações das FENEIS e de outras entidades de surdos. Atualmente, diversas políticas públicas nacionais preveem a educação bilíngue para surdos, conforme explica Rocha (2021).

A partir de iniciativas crescentes, desde os anos 1990, de movimentos da comunidade surda pela defesa da educação bilíngue

para esse grupo, essa demanda passou a ser contemplada nas pautas das políticas públicas. Dentre os instrumentos legais que preveem o direito à educação bilíngue para surdos no Brasil, estão: o Decreto nº 5.626 de 2005, que regulamentou questões ligadas ao acesso à Libras e a educação de surdos; a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2007), da qual o Brasil é signatário por meio do Decreto no 6.949/2009; a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); o Decreto no 7.611/2011 que dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado; a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Estatuto da Pessoa com Deficiência –, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015; e o Plano Nacional de Educação, sancionado em 2014 por meio do Decreto no 13.005 (ROCHA, 2021, p. 50).

Contudo, a autora observa que embora a questão da educação bilíngue seja contemplada no âmbito das referidas políticas públicas e também amplamente defendida em diversos estudos a forma de sua implementação ainda continua a ser pauta de debates tensos. Por um lado, existe a defesa da comunidade surda pela implantação de escolas bilíngues, semelhantes às demais escolas desse tipo, como francês-português, inglês-português ou mesmo escolas internacionais bilíngues de sucesso que existem em países como a Suécia e a Dinamarca. Por outro lado, há pesquisadores que entendem que se os surdos estudarem em escolas bilíngues pode significar a volta do ‘ensino em escolas especiais’ e representaria uma segregação. Desse modo, em meio a embates contra ou a favor dessa pauta foi aprovada a Lei nº 14.191, de 2021, que insere a Educação Bilíngue de Surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996 (BRASIL, 2021).

Ainda não se sabe os caminhos ou contornos que essa decisão irá tomar, ou mesmo como serão implementadas essas políticas, contudo, pode-se dizer que esse contexto representa fortemente as disputas e tensões que existem em relação à educação de surdos. Por outro lado, ainda há muito que se conhecer sobre as raízes relacionadas a esse histórico, o que ressalta a relevância deste trabalho, conforme será explicitado a seguir.

2.3 As instituições, as políticas e os aspectos históricos da educação de surdos no Brasil: das vertentes históricas à localização do contexto desta pesquisa

Nesta seção será apresentado de uma forma sintética o histórico da educação de surdos no Brasil. O objetivo aqui é situar o contexto de Minas Gerais e a relevância de voltar o olhar para a instituição analisada nesta pesquisa. Em todo o histórico nacional da educação de surdos algumas instituições são conhecidas, mas muito pouco se sabe sobre o trabalho realizado no estado, principalmente nas primeiras décadas do século XX.

As primeiras iniciativas em relação à educação de surdos no Brasil datam do período do império. Com a criação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que na época era chamado de Instituto Imperial de Surdos-Mudos, foi também quando teve início a formalização da língua de sinais brasileira, que mais tarde passou a ser conhecida como Libras.

A Libras foi constituída no Brasil a partir do 'encontro' da Língua de Sinais Francesa (LSF) com as variedades da comunicação em sinais já usadas pelos surdos brasileiros, quando o professor surdo francês Ernest Huet foi convidado para lecionar no Brasil pelo então imperador Dom Pedro II. Com esse convite, foi criado, no Brasil, em 1857, o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) na então capital do império, o Rio de Janeiro (ROCHA, 2021, p.123).

Ainda segundo a autora, nesse espaço “os surdos brasileiros (apenas homens inicialmente) aprendiam aspectos da língua que ganhou traços da LSF e traços brasileiros nesse encontro” (ROCHA, 2021, p.123). Nesse contexto, “alguns dos estudantes surdos egressos do INES, que funcionava como um internato, voltaram para as suas cidades e se tornaram multiplicadores da língua em diversos espaços de socialização” (ROCHA, 2021, p. 123). Esses espaços de socialização mais tarde deram origem às diversas associações de surdos que existem pelo Brasil e que também ajudaram na manutenção da Libras por longos períodos, quando o oralismo predominou nas orientações de ensino.

O INES foi fundado oficialmente em 26 de setembro de 1857, dia em que atualmente se comemora o dia nacional dos surdos. No Instituto, conforme ressaltado anteriormente, se utilizava inicialmente a língua de sinais. Porém, em 1911, seguindo a tendência mundial, o INES passou a estabelecer o oralismo como forma de comunicação e foi adotado em todos os espaços da instituição. De acordo com Gomes,

(...) o caráter pioneiro, o modelo e as concepções de educação de surdos desenvolvidas no INES serviram de referencial para a implementação da educação de surdos em todo País e que, ainda hoje, influencia significativamente esta especificidade educativa (GOMES, 2019, p. 51).

Em seu início, a instituição proporcionava aos alunos o ensino de áreas como: “Língua Portuguesa; Aritmética; Geografia; História do Brasil; Escrituração Mercantil; Linguagem articulada (aos com aptidão); Leitura sobre os lábios e Doutrina Cristã” (ROCHA, 1997, p. 5). Além disso, o INES passou a atuar em outras frentes.

Nas décadas iniciais do século XX, o Instituto oferta, além da instrução literária, o ensino profissionalizante. A terminalidade dos estudos está condicionada à aprendizagem de um ofício. Os alunos frequentam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e também artes plásticas. As oficinas de bordado são oferecidas às meninas que frequentam a instituição em regime de externato (INES, 2016, s/p).

Com o passar dos anos, além do INES, outras instituições voltadas para a educação de surdos foram criadas no Brasil. Após o INES, a mais antiga e conhecida delas foi o Instituto Santa Terezinha, criado em 1929 em São Paulo. O Instituto Santa Terezinha era um internato que educava meninas surdas também pelo método oral, depois passando a usar a filosofia da comunicação total. Assim como as demais escolas para surdos, a instituição alterou a metodologia de ensino na década de 90, passando a adotar o bilinguismo. Bem como o INES, a instituição possui a sua história documentada e a sua atuação em relação à educação de surdos publicada em diversos estudos (LACERDA, 1998).

Em Minas Gerais, apesar do pioneirismo na educação de pessoas com deficiência e também de surdos, ainda há poucos estudos históricos sobre a educação de surdos no estado em períodos mais antigos, especialmente quando se trata da cidade de Belo Horizonte. A maior parte dos estudos históricos ainda está centrada na atuação do INES.

A história do movimento político para a educação de surdos em Belo Horizonte se confunde com o movimento nacional. Foi no estado de Minas Gerais que surgiram grandes lideranças nacionais do movimento político das pessoas surdas, como Antônio Abreu e Patrícia Resende. Mesmo com diversas atuações nesse campo realizadas no estado, se olharmos para o passado há

indícios de que ocorreram aqui alguns marcos para a história da educação de surdos que talvez ainda não estejam tão explorados nas pesquisas.

Um exemplo dos trabalhos ainda pouco explorados em relação aos surdos foi a atuação da psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974), que fundou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte em 1932, com o objetivo de promover o cuidado das chamadas “crianças excepcionais” e assessorar as professoras de classes especiais dos grupos escolares. Segundo Borges e Barbosa (2019), as ações dela formam um novo marco na busca de direitos e nas políticas de promoção da acessibilidade no Brasil, principalmente em Minas Gerais. Sabe-se que ela se ocupou da educação dos surdos, embora não se saiba em detalhes ainda em quais termos e como esse processo acontecia.

Dentre as professoras formadas por Helena Antipoff, destaca-se a educadora Ester Assumpção, que trabalhou com a educação de surdos no estado de Minas Gerais. Ester Assumpção (1906 -2001) nasceu na cidade de Luz, no estado de Minas Gerais e foi professora na cidade de Bom Despacho no ano de 1927. Estudou na primeira turma da Escola de Aperfeiçoamento, depois se tornou professora das classes anexas desta instituição, tendo sido convidada por Helena Antipoff a ser gerente das turmas, ministrando aulas especiais para crianças surdas (BORGES, 2005).

Segundo Barbosa (2019), um artigo escrito por Ester Assumpção mostra como iniciaram os atendimentos à criança surda pelo grupo da SPMG¹². O artigo trata de um estudo de caso com a apresentação da história de um aluno surdo. Por volta do ano de 1933, foi aberta uma classe anexa à Escola de Aperfeiçoamento que recebeu, durante três vezes por semana, cinco crianças “surdo-mudas”. Nas palavras de Ester Assumpção (1934 *apud* BORGES, 2015, p. 350) eram oito crianças. Foi ela a professora que ficou encarregada dessa turma. Em 1933, já havia em Belo Horizonte 34 classes especiais em 15 grupos escolares. Num total de 9.272 crianças, 883 crianças frequentavam

¹² SPMG se refere à Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais fundada em 1932, em Belo Horizonte. A data exata é difícil de ser definida, pois no Boletim “Infância Excepcional” de 1932, onde os estatutos da Sociedade Pestalozzi, a data registrada é de 22 de novembro de 1932, ocasião em que Dr. J. de Mello Teixeira fez uma conferência em homenagem a fundação da Sociedade. A partir da centralidade do nome de Helena Antipoff e da confiança no seu trabalho, ela foi presidente da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais de 1932 até 1945 (BORGES, 2015).

classes especiais, ou seja, 9,5% da população (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1933 *apud* BORGES, 2015, p. 350).

Ester Assumpção trabalhou na alfabetização das pessoas surdas na década de 1930 em Belo Horizonte, e pode ser considerada uma pioneira na educação dos surdos. O atendimento às crianças surdas continuou no Instituto Pestalozzi, fundado em 1935. Será necessário recuperar os registros dessa época para compreender como foram realizados os atendimentos na instituição.

A filantropia marcou fortemente o período da década de 1930, se estendendo aos anos seguintes. O Instituto Santa Inês foi outra importante instituição, fundada na década de 1960, se constituindo como escola católica e dirigida por freiras. No contexto da educação de surdos, outras escolas vão sendo criadas, mas pelo poder público. Na década de 1950, há um fortalecimento das Escolas Especiais como modelo privilegiado para a educação dos alunos com deficiência (BORGES; CAMPOS, 2018). Nessa perspectiva é possível referenciar a Escola Estadual Francisco Sales em Belo Horizonte, que foi a primeira e principal escola especial em Minas Gerais, voltada para os discentes surdos de todas as faixas etárias e que permanece em atividade. Quando foi fundada, todos os professores eram ouvintes, hoje, com as ações de protagonismo e organização do movimento surdo, existem professores surdos e ouvintes trabalhando na instituição educacional. Os alunos da escola são todos surdos. Entretanto, existem algumas escolas públicas na capital do estado que possuem surdos em suas classes especiais somente para os surdos, bem como turmas mistas, para surdos e ouvintes.

Cabe ressaltar ainda que a história nacional da educação dos surdos está intimamente ligada ao movimento político dessa população, que se organizou em torno da pauta da conquista de direitos a partir do estabelecimento de leis que pudessem dar garantias de uma educação baseada no respeito às diferenças.

Foi por meio dessas lutas que foi criada a FENEIS¹³, fundada em 1977. Inicialmente o nome era Federação Nacional de Educação e Integração dos

¹³ FENEIS é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com finalidade sociocultural, assistencial e educacional que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade

Deficientes Auditivos, ou seja, FENEIDA, cuja diretoria era constituída apenas por pessoas ouvintes. Apenas mais tarde, em 1987, quando as pessoas surdas conseguiram assumir certo protagonismo, foi reestruturado o estatuto da instituição, que passou a ter o nome Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, retirando o nome de “deficiente auditivo” e marcando uma identidade.

Essa entidade acabou reunindo as lutas locais que eram feitas por meio das associações de surdos, o que possibilitou que uma luta nacional tomasse corpo. Através dela, os surdos passaram a compartilhar seus interesses em torno de políticas de educação, reconhecimento e valorização da comunidade surda, empregabilidade, esportes, atendimento às famílias de surdos, ensino da Libras, entre outras atividades. As filiais começaram suas ações em uma sede própria, alugada, cedida pelo governo ou em outros espaços físicos.

Esses espaços foram fortalecidos principalmente por ações de seus presidentes, diretores e militantes surdos e ouvintes em prol da comunidade surda. Um exemplo de ativista nesse campo é o ex-presidente da FENEIS, surdo, Antônio Abreu¹⁴, que enfrentou muitas batalhas para conquistar o lugar da comunidade surda na sociedade atual (ABREU, 2007). Quando os demais surdos viam representantes como ele entrando em espaços políticos, fazendo reivindicações e explicando essas lutas em Libras, entenderam que ele havia se tornando uma liderança, tendo sido apoiado por muitos outros surdos que seguiram o mesmo caminho.

O movimento de luta dos surdos, que em muitos momentos caminhou junto com o movimento político das pessoas com deficiência, foi o que desdobrou no reconhecimento da Libras como língua em nosso país através da Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). A partir desse momento,

Surda Brasileira. É filiada à Federação Mundial dos Surdos e suas atividades foram reconhecidas como de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal.

¹⁴ Antônio Campos Abreu é um professor de história, surdo, que faz trabalhos de militância em defesa da educação de surdos e da Libras há mais de 45 anos. Ele estudou no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro e fez um curso direcionado para lideranças surdas na Universidade Gallaudet, em Washington D.C, Estados Unidos. Ele é ex-presidente da Associação de Surdos de Minas Gerais (ASMG), da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e foi um dos fundadores da Federação Mineira Desportiva de Surdos (FMDS) e da Confederação Brasileira de Desporto dos Surdos (CBDS). Ele trabalhou como voluntário e também presidindo essas instituições.

pode-se considerar que a luta pelo estabelecimento da língua de sinais como primeira língua dos surdos tornou-se a pauta principal do movimento surdo. Essa política culminou em outros avanços legislativos, em contraposição a uma visão clínica da surdez. Essas lutas tiveram como resultados algumas¹⁵ políticas públicas que serão destacadas a seguir:

- Lei nº 10.098/00, de 19 de dezembro de 2000: reconhece que “o Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em Braille, língua de sinais e de guia intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação”. Essa política traz de forma clara e direta, pela primeira vez nas políticas, as expressões intérprete e língua de sinais (BRASIL, 2000, cap. VII. Art. 18).
- Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002: esse talvez seja o marco histórico mais importante para a comunidade surda no Brasil por ter reconhecido a Língua Brasileira de Sinais, a Libras, como meio legal de comunicação no país (BRASIL, 2002).
- Decreto nº 5.262, de 22 de dezembro de 2005: regulamentou a Lei nº 10.436, tratando de aspectos importantes, tais como a Libras como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura em todo o país; a formação de professores de Libras; a formação dos intérpretes de Libras; o acesso e a acessibilidade na educação; entre outros aspectos (BRASIL, 2005).
- A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010: regulamentou a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Com isso, a profissão passou a ter um marco que permitiu o seu reconhecimento e, conseqüentemente, que fosse assegurado esse serviço aos surdos (BRASIL, 2010).
- A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015: trata-se da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência. Foi também um marco para a comunidade

¹⁵ A consulta dessas políticas foi feita utilizando a Linha do Tempo da legislação sobre Educação Especial no Brasil. A Linha do Tempo é um banco de dados onde consta um total de 320 leis sobre a Educação Especial no âmbito federal e do estado de Minas Gerais. Desse total, foram encontradas 24 leis que tratam, especificamente, da escolarização do surdo. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/lappee/index.html>.

surda brasileira por defender entre os tipos de barreiras as barreiras linguísticas e, sobretudo, por defender nela a educação bilíngue para surdos (BRASIL, 2015).

Como é possível perceber, o Brasil já avançou muito em termos de políticas para a educação de surdos nos últimos anos. A Lei Brasileira de Inclusão, por exemplo, exige do poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar oferta de educação bilíngue em Libras como primeira língua e a modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas (BRASIL, 2015).

Por fim, os marcos históricos apresentados nesta seção nos dão pistas sobre a complexidade dos processos que envolveram a educação de surdos. Eles possibilitam uma visão macro do contexto educacional do qual esses alunos são oriundos e, ao mesmo tempo, nos mostram que ainda há muito a ser compreendido nesse contexto. Com isso, apresentam-se a seguir aspectos específicos do contexto mineiro e da cidade de Belo Horizonte, no que diz respeito à educação dos surdos.

3 AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL E A CONQUISTA DE DIREITOS

Neste capítulo, será discutido como a educação dos surdos evoluiu no Brasil, mais especificamente na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, a partir da perspectiva de diferentes fases. Borges e Campos (2020) propuseram uma divisão esquemática que auxilia na compreensão de como cada período histórico se organizou frente às demandas e realidades da época.

A partir de 1930 (1930-1950) as classes especiais tornaram-se realidade no contexto mineiro, inclusive em relação à escolarização de alunos surdos. Depois, as escolas especiais se fortaleceram. No período entre 1950 e 1990, a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro (CESB) se constituiu como importante ação de visibilidade para o público em questão. A fase seguinte, da educação inclusiva (a partir dos anos 1990), é a fase atual, onde a Libras foi reconhecida e muitos avanços ocorreram na educação dos surdos. Finalmente, destaca-se o papel das associações e dos movimentos sociais e políticos na conquista de direitos.

3.1 A Fase das Classes Especiais (1930-1950)

Embora a década de 1930 tenha inaugurado o acesso das crianças com deficiência às escolas regulares, mesmo que em classes especiais, Jannuzzi (1992) esclarece que durante cerca de 20 anos (1930-1949) foi constatada uma lenta evolução dos serviços (cerca de apenas trinta estabelecimentos novos foram criados), enquanto o número de estabelecimentos nas escolas regulares públicas (provavelmente na modalidade de classes especiais) duplicou e os estabelecimentos nas instituições especializadas privadas quintuplicaram.

Além disso, Mendes (2010) argumenta que

de 1937 a 1945 o Brasil passou pelo Estado Novo¹⁶ com forte controle estatal em todos os setores sociais, centralização da Educação, e retrocesso no processo de democratização do ensino, em função de uma política explícita de favorecimento do ensino

¹⁶ Segundo Mendes (2010), o período do governo de Getúlio Vargas foi denominado Estado Novo, ele assumiu o poder depois de um golpe que instalou ou a ditadura entre 1937 e 1945.

superior. A ênfase na educação como equalização das oportunidades de ascensão social, vai ceder lugar às mensagens patrióticas para despertar a consciência nacional para a necessidade de centralizar o poder político (MENDES, 2010, p. 98).

Segundo Borges (2015), a primeira fase da Educação Especial em Minas Gerais se inicia com o estabelecimento das classes especiais em 1931, definidas por lei no Regulamento do Ensino Primário de 1927, trazendo a proposta de homogeneização das classes por nível intelectual das crianças e o estabelecimento de classes especiais para aquelas com mais dificuldades. No entanto, a ideia de criar classes especiais não surgiu aqui no Brasil, pois essa proposta já estava sendo implementada em países da Europa e na América do Norte, a partir do desafio de obrigatoriedade do ensino primário (BORGES; CAMPOS; SILVA, 2020). As classes especiais no estado tiveram início em 1931, a partir do trabalho realizado pelo *Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento*.

As experiências educacionais realizadas pela psicóloga e educadora Helena Antipoff com crianças com deficiências se espalharam pelo Brasil. No ano de 1932, com o apoio de médicos, educadores e religiosos, a Sociedade Pestalozzi foi fundada, com o objetivo de oferecer assistência a crianças excepcionais e abandonadas, promover estudos a respeito dos distúrbios psicológicos, deficiências e doenças mentais, além de preparar professoras para as classes especiais das escolas públicas (CAMPOS, 2010). Já nessa época, o vocábulo excepcional começa a ser utilizado pelo grupo de Antipoff, em oposição ao termo anormal.

O excepcional não é mencionado na Constituição de 1934, mas o artigo 149 ressalta que a educação é direito de todos, que deve ser gratuita e obrigatória e que isto se estenderia progressivamente ao ensino ulterior, a fim de torná-lo mais acessível a todos.

Art 149 - A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana (BRASIL, 1934a).

Em 1934 foi publicado o Decreto nº 24.794 de 14/07/1934, criando no Ministério da Educação e Saúde Pública, sem aumento de despesa, a

inspetoria geral do ensino emendativo. Nesse momento, existiam presumivelmente no Brasil cerca de trinta e cinco mil “surdos-mudos” (BRASIL, 1934b). A criação dessa inspetoria geral demonstra a crescente preocupação com a educação dos alunos com deficiência por parte do estado, mas suas ações ainda eram incipientes.

Segundo Jannuzzi (2012), a obra *Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo*, escrita pelo diretor Armando de Lacerda (1934), discorre a respeito da concepção do ensino dos surdos: a oralização, pois o objetivo da escolarização seria principalmente possibilitar aos surdos desenvolver habilidades orais que permitissem a conversação cotidiana. Dessa forma, os conteúdos do ensino primário ficavam subordinados à aquisição de determinada quantidade da linguagem oral, não havia metodologia para o ensino das disciplinas nem preocupação sistemática com a instrução. Essa era a visão dominante no INES. Como o Instituto possuía uma influência muito grande no Brasil, essa visão era difundida em todo país (VILELA, 2014).

3.2 A Fase das Escolas Especiais (1950 a 1990)

Mazzota (2011) reconhece o estabelecimento da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro, ocorrida em 1957, como marco do início da organização de políticas nacionais para a educação dos alunos com deficiência. O governo federal publicou três decretos em favor da educação das pessoas com deficiência, assegurando em âmbito nacional o atendimento educacional do excepcional. Essa foi a chamada “Fase das Campanhas”: a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (CESB), em 1957; a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes da Visão, em 1958; e a Campanha Nacional de Habilitação e Reabilitação de Deficientes Mentais (CADEME) em 1960.

Antes centrada no Instituto Nacional de Educação dos Surdos, a capacitação profissional passaria a ser descentralizada, a partir da liberação de verbas para todo território nacional e pela divulgação através dos meios de comunicação. No entanto, o INES permaneceu por trás dessa descentralização e da diretoria desta Campanha da CESB.

No ano de 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 4.024/61) criou o Conselho Federal de Educação (CNE), que ficou reconhecido como o marco oficial do poder público na área de Educação Especial, pois foi contemplada a expressão de “educação de excepcionais” nos artigos 88 e 89:

Art. 88. A educação de excepcionais deve no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade. Art. 89. Toda iniciativa privada considerada eficiente pelos conselhos estaduais de educação, e relativa à educação de excepcionais, receberá dos poderes públicos tratamento especial mediante bolsas de estudo, empréstimos e subvenções (BRASIL,1961).

Segundo Canton (2018), nesse período houve um intenso crescimento de instituições privadas filantrópicas sem fins lucrativos espalhadas pelo Brasil, assim como as instituições apaeanas (APAE), de sua associação (FENAPAES) e as instituições da Sociedade Pestalozzi. Com a omissão do setor educacional público, a sociedade se mobilizou para reivindicar o direito à escolarização, visto que as instituições eram financiadas pela área de assistência social e o governo não assumiu a responsabilidade de arcar com a educação.

Segundo Mendes (2010) as classes especiais permaneceram, apesar do avanço das escolas especiais. No final da década de 1960, havia 74% de classes especiais nas escolas regulares e a maioria delas em escolas estaduais (71%). Por isso, a década de 1970 é marcada pela necessidade de se definir bases legais e técnico-administrativas para implantar a Educação Especial no país.

O Decreto nº 72.425, de 3 de julho de 1973, concernente ao Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), apresenta a política de Educação Especial no Brasil. Segundo Rafante (2015), por meio da análise dos documentos, as Sociedades Pestalozzi tiveram participação na criação do CENESP, acontecida devidamente por Decreto nº 72.425, de 3 de julho de 1973, assim como na proposição da política de educação especial, pois a criação do CENESP, que posteriormente ficou conhecido como Secretaria de Educação Especial (SEESP), é resultado de um processo histórico, envolvendo diferentes pessoas com deficiências. Em 1976, foi criado Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (Sinpas), e seu instrumento financeiro, o Fundo de Previdência e Assistência Social (FPAS), reunindo e centralizando as

várias instituições responsáveis pelos programas de assistência social, incluindo entre elas a Legião Brasileira de Assistência (LBA), que era responsável pelo financiamento das instituições filantrópicas privadas. Com a criação do Ministério da Previdência e Assistência Social, no ano de 1977, posteriormente designando portarias interministeriais (educação, previdência e ação social), ficaram formalizadas diretrizes para a ação no campo do atendimento a “excepcionais”, dispendo sobre atendimento integrado com ações complementares de assistência medico-psicossociais e de educação especial, definindo e delimitando sua clientela, dispendo sobre diagnóstico, encaminhamento, supervisão e controle, reforçando enfim o caráter assistencial mais do que educacional do atendimento (MENDES, 2010).

No ano de 2004 foi criada, por demanda de movimentos sociais, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), que foi extinta. Posteriormente, em 2011, foi criada a Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE) como uma demanda clara da CONAE 2010, que exigia do MEC uma ação mais presente na coordenação do trabalho de instituir o Sistema Nacional de Educação.

O projeto para Captação de Recursos para Educação Especial de 1976 buscava a garantia de melhoria da produtividade do sistema, mediante a preparação de pessoal especializado para atendimento à Educação Especial. No estado de Minas Gerais, constavam 11.971 alunos com deficiências que careceriam da assistência especial, com base nos dados fornecidos pelo PROCARTA¹⁷ (1974), sendo 628 alunos com algum nível de surdez.

Em 1979 foi fundada em Belo Horizonte a Clínica Fono, com o objetivo “de atender pessoas surdas, promovendo o desenvolvimento das habilidades sensoriais e psicológicas” (MIRANDA, 2007, p. 55). Com o tempo, a instituição foi assumindo uma função mais educacional e passou a ser denominada como Clínica Escola Fono. Em sua proposta inicial, a clínica-escola seguia uma perspectiva educacional oralista, entretanto, com o tempo, passou a discutir as perspectivas da comunicação total.

¹⁷ Programa Nacional da Carta Escolar (PROCARTA), instituído pelo Ministério de Educação e Cultura, com o objetivo de executar em convênio com as secretarias de Educação dos Estados, um levantamento de dados educacionais do ensino de 1º e 2º graus, no sentido de que cada unidade da Federação elabore sua Carta Escolar, hoje elemento indispensável ao Planejamento Educacional (DISTRITO FEDERAL/73).

A partir da década de 1980, em Belo Horizonte, outras instituições escolares passaram a atender alunos surdos. Dentre elas, destaca-se a 'Escola Estadual Francisco Sales – Instituto de Deficiência da Fala e da Audição', inaugurada em 1983. A escola atuava inicialmente em uma perspectiva oralista e somente após alguns anos passou a ser usada a Libras, contudo, dentro das diretrizes da chamada comunicação total.

3.3 A Fase da Educação Inclusiva (1990 até os dias atuais)

A década de 1990 foi marcada pelo crescente investimento na Educação Inclusiva, ou seja, na perspectiva de uma escola para todos, que pudesse acolher as diferenças.

A década de 1990 iniciou-se sob o impacto dos efeitos das conquistas estabelecidas na Constituição Federal do Brasil de 1988, que em seu artigo 206 afirma a igualdade de condições de acesso e permanência na escola e, em seu artigo 208, ressalta o dever do Estado com a educação, efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos, inclusive aos que a ele não tiverem acesso na idade própria, e, ainda, atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (RIBEIRO, 2003, p. 46).

Em 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia. O país assinou a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, ficando responsável por assegurar a universalização do direito à educação. Portanto, o compromisso decorrido da Conferência de Jomtien foi responsável pela elaboração do Plano Decenal de Educação para Todos, concluído em 1993, cujo objetivo era o de assegurar, até o final de sua vigência (2003), a todos os cidadãos brasileiros “conteúdos mínimos de aprendizagem que atendam necessidades elementares da vida” (BRASIL, 1993, p. 13).

Segundo a Declaração de Jomtien, como minoria linguística, os surdos não podem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. Eles precisam ter a garantia de igualdade de acesso à educação:

O principal sistema de promoção de educação básica fora da esfera familiar é a escola fundamental. A educação fundamental deve ser universal, garantir a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de todas as crianças, e levar em consideração a

cultura, as necessidades e as possibilidades da comunidade. Programas complementares alternativos podem ajudar a satisfazer as necessidades de aprendizagem das crianças cujo acesso à escolaridade formal é limitado ou inexistente, desde que observem os mesmos padrões de aprendizagem adotado na escola e disponham de apoio adequado (DECLARAÇÃO MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS, 1990, p.5).

No estado de Minas Gerais, a Lei nº 10.379, de 10 de janeiro de 1991, reconheceu oficialmente, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a “linguagem gestual codificada” na Língua Brasileira de Sinais - Libras. Esse foi o primeiro documento que reconheceu a Libras no estado. A lei previa ainda a inserção nas repartições públicas de profissionais que fariam o serviço de tradução e interpretação da língua de sinais, assim como rever o currículo na rede pública de ensino e a qualificação de diferentes profissionais para saber como atender as pessoas que estão especificadas no documento como “portador de deficiência auditiva” (ALMEIDA; SILVA, 2015).

As salas voltadas para surdos começaram a se organizar a partir da perspectiva da Libras, como na Escola Estadual José Bonifácio, que em 1996 formou sua primeira turma de surdos; e na Escola Estadual Maurício Murgel, que em 1999 formou suas primeiras turmas mistas. A Escola Municipal Arthur Versiani Velloso, a partir do projeto piloto “Integração de alunos surdos no Ensino Regular”¹⁸, passou a atender alunos surdos; e a Escola Municipal Paulo Mendes Campos que em 1998 passou a atender os surdos, jovens e adultos, no turno noturno (RODRIGUES, 2008).

Enquanto isso, o movimento da educação inclusiva ganhava força. Percebe-se que esse momento foi caracterizado como paradigma da inclusão de muitas conquistas para a Educação Especial (RIBEIRO, 2003). Segundo Rogalskia (2010) considera-se a Declaração de Salamanca (1994) como marco e início da caminhada para a educação inclusiva, pois a inclusão é um processo educacional pelo qual todos os alunos, independentemente das especificidades, devem ser educados juntos, principalmente com o apoio necessário, na idade adequada e em escola de ensino regular. De acordo com a Declaração de Salamanca:

¹⁸ O formato inicial do projeto era de agrupamento de 5 alunos surdos por turma, tendo como apoio pedagógico uma professora auxiliar intérprete de Libras, para interpretar os conteúdos desenvolvidos pelo professor regente (RODRIGUES, 2008).

2. Acreditamos e proclamamos que: - cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias; - os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades;

3. Apelamos a todos os governos e incitamo-los a: - adotar como matéria de lei ou como política o princípio da educação inclusiva, admitindo todas as crianças nas escolas regulares, a não ser que haja razões que obriguem a proceder de outro modo (UNESCO, 1994).

Esse mesmo documento, que foi apresentado pelo MEC, na parte que se intitula “Estrutura de ação em Educação Especial, orienta no item 8 que

o encaminhamento de crianças a escolas especiais ou a classes especiais ou a sessões especiais dentro da escola em caráter permanente deveriam constituir exceções, a ser recomendado somente naqueles casos infrequentes onde fique claramente demonstrado que a educação na classe regular seja incapaz de atender às necessidades educacionais ou sociais da criança ou quando sejam requisitados em nome do bem-estar da criança ou de outras crianças (UNESCO, 1994).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394, de 20 de novembro de 1996, art. 24, ressalta que “as pessoas com deficiência têm direito à educação pública e gratuita e, preferencialmente, na rede regular de ensino, e, ainda, se for o caso, à educação adaptada às suas necessidades educacionais especiais” (BRASIL, 1996).

A Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, aprovou o Plano Nacional de Educação. As duas das metas estabelecidas (PNE 2001-2010) que estão relacionadas à educação de surdos são:

10. Estabelecer programas para equipar, em cinco anos, as escolas de educação básica e, em dez anos, as de educação superior que atendam educandos surdos e aos de visão sub-normal, com aparelhos de amplificação sonora e outros equipamentos que facilitem a aprendizagem, atendendo-se, prioritariamente, as classes especiais e salas de recursos.

11. Implantar, em cinco anos, e generalizar em dez anos, o ensino da Língua Brasileira de Sinais para os alunos surdos e, sempre que possível, para seus familiares e para o pessoal da unidade escolar, mediante um programa de formação de monitores, em parceria com organizações não governamentais (BRASIL, 2001).

Assim, temos o documento do Programa Nacional de Apoio à Educação de surdos, do MEC/SEESP (2001), com as metas, os objetivos, o conteúdo e a metodologia. A partir das metas estabelecidas no PNE 10.172, relacionadas à

educação de surdos no Brasil, a maior conquista histórica foi a aprovação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Portanto, atualmente a Libras tem o status de língua, reconhecida pela lei como:

[...] como forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Essa lei garante a acessibilidade do uso da Libras e de sua divulgação em todos os lugares públicos, como língua das comunidades surdas do Brasil, permitindo assim aos alunos surdos o seu uso frequente no ensino regular ou em qualquer escola que estude, seja especial ou não, conforme assegura o referido artigo:

Art.2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Há outro artigo da mesma lei indicando a inclusão da disciplina de Libras nos cursos superiores da educação e da saúde, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), que subsidiam a educação nacional. No entanto, há um parágrafo único que afirma que a língua portuguesa é insubstituível em relação à escrita pela Língua Brasileira de Sinais, tal como:

Art.4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme a legislação vigente.
Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (BRASIL, 2002).

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG) criou em 2005 o Projeto Incluir, destinado a preparar uma escola comum de cada município para o recebimento de estudantes público-alvo da educação especial. Com o passar dos anos, o recebimento desses estudantes cresceu e inúmeras escolas passaram a contar com os suportes pedagógicos

disponibilizados pela SEE-MG, por meio do Serviço de Apoio à Inclusão (SAI) de suas regionais (BARBOSA, 2019). A partir disso, os Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas Surdas (CAS) e os Núcleos de Capacitação destinam-se ao oferecimento de recursos específicos necessários ao atendimento educacional, capacitação de educadores, produção e distribuição de materiais didáticos e pedagógicos, específicos para alunos surdos e surdocegos, além de orientar às escolas e comunidades sobre o uso frequente da Libras no contexto de ambiente escolar.

A Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010, regulamentou a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Vale a ressaltar que a comunicação é um fator fundamental para o ser humano. Por isso, a Libras é uma ferramenta que possibilita a interação dos surdos e ouvintes. Contudo, os intérpretes de Libras surgiram devido à necessidade da comunidade surda em possuir profissionais que pudessem auxiliar no processo de comunicação com as pessoas ouvintes. O intérprete de Libras tem a função de ser o canal comunicativo entre aluno surdo, professor, colegas e equipe escolar, pois seu principal papel na sala de aula é servir como tradutor entre pessoas que compartilham línguas e culturas diferentes. Essas conquistas da comunidade surda não podem ser desvinculadas dos movimentos sociais e da organização política. Em Belo Horizonte, personagens singulares participaram de conquistas importantes a partir da mobilização em associações.

3.4 O Papel dos Movimentos Sociais e Políticos dos Surdos na Educação

No que diz respeito às entidades de representação de surdos, a Associação dos Surdos de Minas Gerais (ASMG) é a mais antiga delas, fundada em 30 de abril de 1956. Em seguida, vem a Sociedade dos Surdos de Belo Horizonte, fundada em 14 de julho de 1979.

Na década de 1980, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), presidida por Ana Regina Campello, buscou organizar um registro de intérpretes no Brasil a partir do modelo americano do *Register of Interprets Def* (RID). Principalmente por meio desse registro, a FENEIS começava a implantar cursos para preparar, capacitar e certificar intérpretes, organizar bancas de avaliações para reconhecimento da atividade

interpretativa em língua de sinais. Assim, essa instituição filantrópica obteve muito sucesso nessa atividade organizacional.

A partir da organização da FENEIS, outras filiais foram abertas no Brasil, iniciando a elaboração de uma cartilha com requisitos e critérios básicos para que o intérprete enquanto profissional pudesse atuar nos espaços sociais (BRITO, 2013). Filiada à Federação Mundial dos Surdos, a FENEIS é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos de apoio à comunidade surda.

A trajetória de fundação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), formada por um grupo de profissionais ouvintes ligados à área de surdez e que trabalhavam com a educação dos surdos, foi um marco histórico no contexto da educação dos surdos e, por isso, se destaca no Brasil. Após sua fundação, os surdos começaram a se interessar pela instituição e pela participação na recém-fundada Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos.

O movimento surdo, ao assumir a instituição, mudou o nome de FENEIDA para FENEIS. A FENEIS passou a constituir-se como uma instituição não-governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, com caráter educacional, assistencial e sociocultural para realizar os objetivos propostos, como promover e ampliar a educação e a cultura dos surdos, amparar socialmente a comunidade surda, congregar e coordenar atividades junto às filiadas, associações, escolas e instituições de surdos, lutar pela melhoria de recursos educacionais aos surdos, organizar e participar de eventos na área da Libras. Essa capacidade de associação e mobilização foi fundamental para as conquistas dos surdos.

Conforme Ferreira-Brito (2013), as passeatas do Dia Nacional dos Surdos foram se estabelecendo como espaços políticos importantes para a construção da identidade, do reconhecimento da cidadania e da consciência política dos surdos. Após as manifestações de 2001, a comunidade surda ainda organizou mais um movimento: *A educação que nós surdos queremos*. Esse movimento diz respeito à organização de um ciclo de debates que ocorreu em Belo Horizonte, na Assembleia Legislativa, no dia 10 de dezembro de 2001 (COSTA, 2014). Esse evento contou com a participação de vários surdos de outros estados, diversos políticos, participação da SEE-MG,

representantes das escolas de surdos, além de representantes da comunidade surda.

Depois da implantação do chamado projeto Escola Plural¹⁹, em 1995, e das experiências advindas do projeto piloto *Integração de alunos surdos no ensino regular*, a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte precisou repensar a educação de alunos surdos, o aprofundamento das discussões relativas à aquisição da Língua de Sinais e ao aprendizado do português escrito como segunda língua. Assim, a Rede optou decisivamente pela implantação de uma proposta bilíngue nas escolas comuns. A primeira escola a participar dessa proposta, em 2002, foi o Colégio Municipal Imaco, seguido por outras escolas nas diferentes regiões de Belo Horizonte (RODRIGUES; MIRANDA, 2012).

De acordo com Lopes (2013), Belo Horizonte adotou o ensino inclusivo, mesclando alunos surdos e ouvintes na mesma sala. As maiores dificuldades nos processos linguísticos e cognitivos dos surdos foi o preconceito e a interação com os demais membros da comunidade escolar - os ouvintes. Além disso, outro grave problema foi a questão da alfabetização. Conforme Lopes (2013), os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) mostraram que 10,8% dos surdos não estavam alfabetizados na época na cidade. Esse índice foi maior que o registrado no estado de Minas Gerais, 8,8%, e semelhante ao do Brasil, que possuía o índice de 10,9%.

A Lei nº 10.917, de 14 de março de 2016, dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Belo Horizonte e dá outras providências. Sancionada em 2016, essa lei traz orientação quanto ao desenvolvimento das políticas educacionais até 2025. As atuais metas e estratégias do Plano Municipal de Educação – 2015/2025 trazem o seguinte:

1.15) ampliar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar às crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação,

¹⁹ Escola Plural foi uma proposta político-pedagógica criada em 1994 pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Nessa proposta considerava-se que o processo educativo devia ser considerado conforme os ciclos de formação do ser humano, ou seja, infância, pré-adolescência, adolescência, juventude e vida adulta. Com o aluno no centro do processo de aprendizado, esse projeto não seguia mais o modelo da escola tradicional, pois passou a focalizar nos conhecimentos que se organizam interdisciplinarmente, possibilitando o envolvimento dos estudantes em seu próprio processo de aprendizagem (MIRANDA, 2007).

assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e outras que demandem esse atendimento;

Meta 5: alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.

Estratégias:

4.14) manter, na Rede Municipal de Educação, a oferta do ensino da Libras na educação infantil, nas escolas e UMEIs que recebam matrícula de criança com deficiência auditiva;

4.15) manter a oferta do ensino da Libras e em Libras para os estudantes com deficiência auditiva matriculados no ensino fundamental;

4.16) manter e ampliar a inserção da oferta do ensino da Libras para estudantes com deficiência auditiva e ouvintes nos projetos pedagógicos das escolas;

4.17) manter o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua no turno de matrícula e em serviço complementar para estudantes com deficiência auditiva [...] (BELO HORIZONTE, 2016).

No contexto da educação dos surdos, destaca-se:

5.10) apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas com deficiência auditiva, sem estabelecimento de terminalidade temporal (BELO HORIZONTE, 2016).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, 1,1% da população brasileira (ou 2,3 milhões de pessoas) possuíam algum nível de surdez. Desse total, 22,4% conheciam a Língua Brasileira de Sinais. Ou seja, a Libras, de acordo com esse estudo, é utilizada por 22,4% das pessoas surdas. Ao mesmo tempo, a pesquisa perguntou se a pessoa sabia a Libras, independentemente de serem surdas, e os resultados apontam que 4,6 milhões de brasileiros são usuários da língua, o que indica o interesse das pessoas pela aprendizagem da língua (IBGE, 2020).

Todos esses dados mostram que ainda há muito a ser compreendido em relação à educação de surdos, desde os motivos pelos quais uma parte dessa população não usa a Libras (*estariam sendo oralizados? Não há uma forma de comunicação?*), até mesmo as influências históricas desse processo. O fato de mais pessoas saberem Libras, incluindo surdos e ouvintes, pode ser um indicativo de que esse tema tem sido pauta para mais pessoas no país, o que pode ser um reflexo das políticas mais recentes. Todos esses processos corroboram ainda mais com uma perspectiva de se entender o histórico de escolarização dos surdos e seus possíveis reflexos no contexto atual.

4 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO INSTITUTO PESTALOZZI EM BELO HORIZONTE

Belo Horizonte é a capital do estado de Minas Gerais. Desde a época do Brasil Império, o estado ocupa uma centralidade, principalmente política, no país. Primeiro, por conta das minas, onde era explorado ouro e outros minérios. Depois, na época do Brasil República, o estado formou homens que exerceram grande influência no cenário político nacional. Haja vista, a época da república “Café com Leite” em que os interesses dos estados de São Paulo e Minas Gerais se sobressaiam em relação aos demais estados brasileiros.

Se a história da educação de surdos no Brasil tem início com a fundação do INES em 1857, a história da educação dos surdos em Belo Horizonte é ainda mais recente. As primeiras iniciativas de escolarização dos alunos considerados “anormais” no início do século XX ocorreram com a aprovação do Regulamento de Ensino Primário de 1927 e o estabelecimento das classes especiais no estado. A educação passa a ser uma prioridade no país e a formação de professores assume um lugar central (BORGES, 2015). É nesse contexto de intensas mudanças sociais e de valorização da educação que os surdos passam a ter assegurado o direito à escolarização.

4.1 As primeiras iniciativas: a educação de surdos em Belo Horizonte

Segundo Rodrigues (2008), a partir da década de 1920, em Minas Gerais, teve início a criação da Educação Especial, tanto na rede pública quanto nas escolas privadas, através do fomento de uma política de incentivo ao oferecimento da educação para alunos anormais.

O termo “anormalidade”, na época, foi amplamente utilizado para se referir aos alunos com deficiência, com problemas de comportamento e até mesmo às crianças órfãs. Foi Helena Antipoff quem propôs a utilização do termo excepcional nos documentos oficiais, ainda na década de 1970, na tentativa de diminuir a estigmatização desse grupo de crianças (ANTIPOFF, 1996).

Em 1929, o governo do estado de Minas Gerais investiu fortemente em educação. A criação da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte insere-se nesse projeto político (FAZZI, 2005). Para assumir o laboratório da Escola e trabalhar na formação de professores, é contratada a Professora Helena Antipoff (1892 - 1974). Formada no Instituto Jean Jacques Rousseau, em Genebra, Suíça, ela tinha a experiência em psicologia e na educação dos anormais. Depois de se estabelecer na cidade, Antipoff ampliou sua atuação, tornando-se uma figura central no campo da Educação Especial no Brasil. Uma de suas principais iniciativas foi a criação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais (SPMG).

De acordo com Borges (2015), os trabalhos desenvolvidos na Sociedade foram realizados tomando como referência teorias que eram inovadoras na época, como aquelas defendidas pela Escola Nova²⁰ e fundamentadas nos direitos humanos. A SPMG foi constituída em 1932 na cidade Belo Horizonte, reunindo intelectuais mineiros e tendo à frente Antipoff. A Sociedade pretendia realizar ações de defesa da chamada “infância anormal”, tanto na área da saúde quanto da educação. Em 1933, a Sociedade promoveu atendimentos com uma equipe multidisciplinar no Consultório Médico-Pedagógico; em 1934 inaugurou a Casa do Pequeno Jornaleiro, que acolheu meninos trabalhadores; e em 1935 passou a funcionar o Instituto Pestalozzi, como uma escola especial. Portanto, é possível considerar que as ações iniciadas por Helena Antipoff, a partir da década de 1930, contribuíram para as conquistas da segunda década dos anos 2000, com ações desenvolvidas por lideranças surdas.

A educação de pessoas surdas vem se aprimorando e se reorganizando através do tempo. É importante destacar que na década de 1930 outro marco da educação de surdos em BH foi a criação do Instituto Santa Inês, pertencente à Congregação das Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário. A escola destacou-se na educação de surdos e contou com o apoio de religiosas do Instituto Estadual de Roma, uma importante instituição educacional para

²⁰ A Escola Nova foi uma criação do chamado ‘movimento escolanovista’, composto por educadores europeus e norte-americanos, organizado nos fins do século XIX, propondo uma nova compreensão das necessidades da infância. O escolanovismo, a Escola Nova chegou ao Brasil na década de 1920, com Reformas do Ensino de inúmeros Estados brasileiros (MENEZES, 2001).

surdos da época. Contudo, cabe destacar que a escola defendia e adotava nessa época o oralismo na educação de surdos e, aos poucos, passou a aceitar a Libras, que era inicialmente adotada como um “auxílio” para a comunicação.

Nos trabalhos desenvolvidos na Sociedade Pestalozzi, Antipoff prezava por práticas e pedagogias desenvolvidas pelo método de experimentação natural de Lazursky, que objetivavam “a liberdade de escolha do educando, a atividade consciente, a sociabilidade e a tomada de decisões em grupo” (CAMPOS, 2002, p. 224). A utilização desse método revela o respeito pelos alunos, independentemente de suas características. Helena Antipoff também se preocupou com a Educação Rural, com a educação para o trabalho, capacitando os excepcionais para o mercado técnico-econômico, agrícola e artesanal. No entanto, é interessante destacar que um dos ofícios era o de cuidar dos “meninos mudos”, que talvez fossem os surdos, considerados na época como mudos e, de certa forma, como incapazes, pois requeriam cuidados especiais (ANTIPOFF; BARBOSA, 1992).

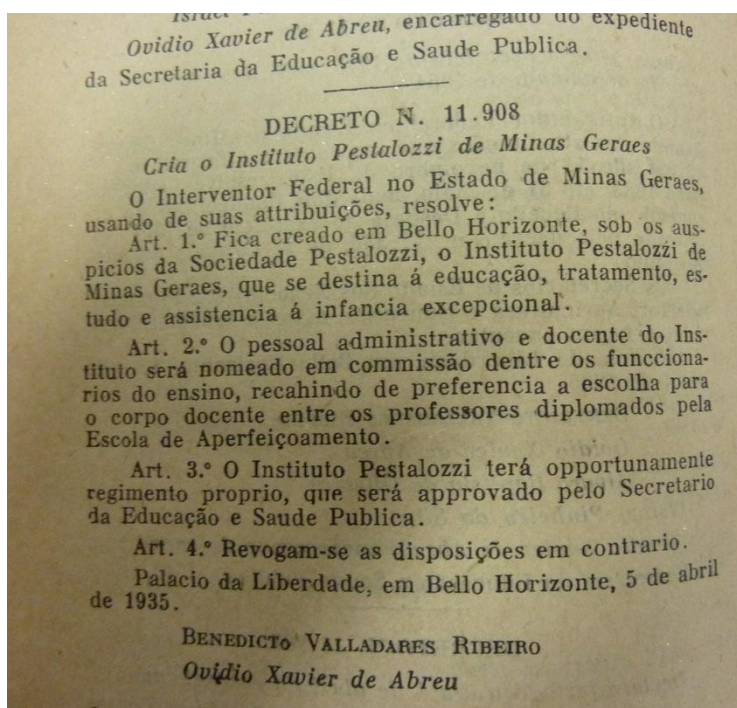
A primeira iniciativa de escolarização das crianças surdas nas classes especiais foi conduzida por Antipoff e ocorreu em 1933, a partir da abertura de uma classe anexa à escola de Aperfeiçoamento, que recebeu, durante três vezes por semana, cinco crianças “surdo-mudas”. Ester Assumpção foi a professora que ficou encarregada da classe, além de Marília de Castro, mas sempre com a orientação constante e dedicada de Antipoff (BORGES, 2014).

Nesse mesmo ano, 1933, A SPMG publicou o primeiro número do Boletim *Infância Excepcional*. Nele, consta um artigo intitulado “A instrução de surdos-mudos”. O artigo discorre sobre informações adquiridas por um membro da Sociedade que visitou o Instituto Santa Terezinha em São Paulo e trouxe elementos sobre o tipo de educação realizada com os surdos na instituição. Segundo o artigo, primeiro era preciso preparar a criança através do tato e da visão. Depois, deveriam ser realizados exercícios de atenção para estimular a leitura labial. Depois de oito anos de estudos, a criança “surdo-muda” poderia se tornar um membro “útil na sociedade” (SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS, 1933). Em 1934, a Sociedade Pestalozzi ofertou um curso para professoras e um dos temas era: Metodologia do ensino especial (retardados, nervosos, surdos-mudos, com perturbações da linguagem, leitura,

escrita, com defeitos de caráter, social e moral). É possível perceber que a educação de surdos nesse período se assemelhava ao que era realizado em outras partes do mundo na mesma época: era necessário fazer o surdo falar.

O Instituto Pestalozzi foi inaugurado em 28 de outubro de 1934 e registrado na SEE-MG Minas Gerais, em 05 de abril de 1935, para a oferta do ensino emendativo, conforme Decreto nº 11.908, do então interventor Dr. Benedito Valladares Ribeiro, publicado em Minas Gerais em 06 de abril de 1935 (Figura 2). O Instituto foi efetivamente criado através desse decreto, mas desde fevereiro de 1935 já existiam em suas dependências três classes especiais. No mês de março, foram criadas mais duas ou três classes. Segundo Borges (2015), Helena Antipoff revela que no ano de 1935 havia duas classes para crianças entre sete e 11 anos de ambos os sexos, retardadas, sem graves defeitos de caráter; uma classe para crianças da mesma idade, nervosas, psicastênicas, com inteligência relativamente normal. Ainda, duas classes para alunos entre 12 e 14 anos que haviam permanecido por seis ou oito anos na escola, mas que não aprenderam suficientemente bem. E a outra classe que já funcionava, era a classe de responsabilidade de Ester Assumpção, formada por crianças “surdo-mudas” (BORGES, 2015).

Figura 2 - Decreto nº 11.908, que criou o Instituto Pestalozzi, Belo Horizonte, MG, 1935



Fonte: Minas Gerais (1935).

Além do Instituto Pestalozzi, outra importante escola que recebeu alunos surdos em Belo Horizonte foi o Instituto Santa Inês, como já mencionado, que ganhou destaque na educação de surdos e teria o apoio de religiosas do Instituto Estadual de Roma. Em um primeiro momento, o Instituto propagou e defendeu a adoção do oralismo na educação de surdos, mas posteriormente passou a ter aceitação da Língua de Sinais como um auxílio à comunicação com os alunos surdos (RODRIGUES, 2008). A cidade de Belo Horizonte contava, ainda, com o Instituto São Rafael, inaugurado em 1926, que atendia cegos e surdos.

Desde a inauguração e principalmente em seus primeiros anos, o Instituto Pestalozzi passou a ser uma referência em Educação Especial na cidade de Belo Horizonte e no estado de Minas Gerais. Ester Assumpção assumiu a direção do Instituto no ano de sua inauguração, 1935, permanecendo até sua aposentadoria, em 1969.

Uma das preocupações do Instituto, desde sua criação, era a formação dos professores para acompanhar alunos surdos. A correspondência de Helena Antipoff, com data do dia 18 de março de 1965, trata da indicação da professora Maria Therezinha Guerra para realizar um curso para professores no INES. Na carta, Antipoff elogia a capacidade e perseverança da professora Maria Therezinha Guerra nos estudos e serviços psicopedagógicos, e considera, assim, que ela merecia receber uma bolsa de estudos no Instituto Nacional de Educação dos Surdos.

De acordo com Freitas (2019), no Brasil havia somente um único curso normal visando à formação de professores de surdos no INES na cidade do Rio de Janeiro, no período de 1951 a 1957. Além deste curso, foram ofertadas especializações (também denominados de cursos de aperfeiçoamento em alguns textos legais), em nível de 2º grau, entre os anos de 1957-1972/1981-1990. Este tipo de curso ocorreu em esfera estadual em São Paulo, nos Institutos de Educação Padre Anchieta e Caetano de Campos, entre os anos de 1963 e 1972.

O trabalho de Lourenço *et al.* (2017, p. 77) destaca que “o Instituto Pestalozzi exerceu importante papel na educação da criança excepcional em um período histórico em que era comum seu alijamento do sistema público de ensino”. Em 1974, esse Instituto passou a ser denominado Escola Estadual

Pestalozzi, fazendo parte da rede pública de ensino, destinada ao atendimento especializado de alunos com deficiência.

Em 1975, a Escola havia se dividido em três setores: Educáveis, Treináveis e Deficientes da Audição e da Fala.

Cabe ao 1º - dar escolarização àqueles em condições possíveis; ao 2º, como nome indica, se limita ao treinamento de crianças com um Q.I abaixo de 50. Ao setor de deficiente auditivo e da fala, cabe a tarefa de atender a todos os portadores dessa deficiência. Nele aceita-se crianças a partir dos 2 anos de idade e existem, além daquelas em perfeitas condições de serem escolarizadas, vencendo o programa oficial, aquelas com dupla deficiência: surdez e deficiência física e/ou mental (DIAS, 1975, p. 3).

Segundo dados de junho de 1975, de um total de 600 alunos matriculados na época, havia 120 alunos “Deficientes de Audição e Fala”. Nos arquivos da Escola Estadual Pestalozzi foram encontrados livros Atas com informações sobre os alunos surdos. O primeiro livro Ata compreende o período de 1977 a 1987, e o segundo livro Ata de 1988 a 1992. Nos livros constam os anos letivos onde teriam os alunos surdos e/com deficiência. No livro Ata de 1978 a 1987 foram encontrados os registros dos alunos, com os nomes, data de nascimento, nome das professoras, séries e turnos, além do diagnóstico de surdez ou deficiência auditiva. Nos cadernos, havia o registro das notas dos alunos nas disciplinas de Comunicação e Expressão, Integração social, Iniciação a Ciências e Matemática.

O Regimento Escola da Escola, aprovado em 30 de abril de 1985 relata que a partir daquele ano, não haveria mais atendimento especializado a alunos surdos e/com deficiência auditiva (PESTALOZZI, 1985). Essa mudança está relacionada com a fundação da Escola Estadual Francisco Sales: Instituto da Deficiência da Fala e da Audição, e o início do processo de separação da educação dos alunos surdos, dos alunos com deficiência intelectual (COSTA, 2014). Portanto, até o final dos anos 1980, o Instituto Pestalozzi recebeu e educou alunos surdos.

4.2 Ester Assumpção (1906-2000)

De acordo com Freitas (2020), Assumpção era natural de Luz (MG), trabalhou como professora primária em Bom Despacho (MG). Foi convidada para participar da primeira turma de professoras da Escola de Aperfeiçoamento pelo próprio Secretário de Educação do estado de Minas Gerais, que ficou impressionado com sua inteligência depois de ouvi-la proferir um discurso de boas-vindas para ele em um evento na cidade de Bom Despacho. Além da classe para surdos, Assumpção também assumiu uma classe para alunos com altas habilidades, estimulada por Antipoff.

Considerado como modelo de educação para pessoas com deficiência intelectual e surdez, o Instituto recebia pessoas de todo o território nacional, levando a educadora a criar um programa de “lares-residências”, sensibilizando famílias de Belo Horizonte, para abrigarem os estudantes em suas casas. Sua própria casa foi transformada em um “lar-residência”, chegando a abrigar 30 estudantes. Com idealismo pedagógico, ela construiu no Instituto Pestalozzi instalações adequadas à educação especial com biblioteca, consultórios para atendimentos multiprofissionais e oficinas pedagógicas, além de alojamentos/acomodações para professores de várias localidades, que vinham para Belo Horizonte em busca de aperfeiçoamento profissional (FREITAS, 2020).

Fundou o Instituto Santa Helena para atender, com uma pedagogia avançada, estudantes com Altas habilidades/Superdotação em 1940. Em 1950, cedeu um prédio para a criação da Clínica São José, que atendia crianças com dificuldades motoras e deficiência intelectual. Abrigava em sua própria casa pessoas do interior que vinham trazer os filhos para atendimentos na capital, até que em 1964 comprou um terreno em um município próximo à capital para receber essas pessoas. Em 1974, inaugurou a Escola Nossa Senhora D’Assumpção que prestava atendimento-dia e como Hospital-Escola, que passou a se chamar Centro Especializado Nossa Senhora D’Assumpção (CENSA). Em 1977, inaugurou a Comunidade Novo Horizonte, uma espécie de moradia vitalícia para adultos com deficiência. Em 1987, D. Ester reuniu-se com um grupo de pais e doou o espaço físico, criando a Sociedade Ester Assumpção de Pesquisa e Assistência ao Excepcional (SEAPE).

Na presente pesquisa, interessa sua atuação como educadora de surdos. Como dito anteriormente, ela assumiu uma classe de surdos anexa à Escola de Aperfeiçoamento em 1933. Em 1934, é publicado um artigo intitulado *Nossa experiência com o ensino e a educação dos “surdos-mudos”*

(ASSUMPÇÃO, 1934). No artigo, Assumpção fala sobre sua atuação como professora de Edson. A princípio, a família do menino solicitou sua entrada na classe dos anormais. Mas ela percebeu que o lugar dele não era ali. Ela recebeu o menino na sua outra turma, mista, de alunos com “elevado quociente intelectual”. Ela resolveu, então, sair todas as manhãs com o menino para que ele pudesse ver coisas diferentes e aprender o nome delas com significado. Organizou um dicionário ilustrado, cada palavra tinha um desenho de seu significado, elaborado pela própria criança. Depois, ela partiu para os exercícios de pronúncia, ortografia, leitura labial e leitura. A criança foi, definitivamente, incluída na classe dos chamados “normais”. Ela ainda relata que muitas vezes, nos trabalhos em grupo, ele se saía muito melhor que os colegas.

Era o primeiro da classe em desenho, caligrafia, educação física e modelagem. Dessa forma, segundo ela, o menino se desenvolveu sem nenhum sentimento de inferioridade perante os outros. A classe, formada por oito crianças surdas, se estabeleceu a partir desse trabalho com Edson. O material utilizado para o trabalho nas classes, moderno e variado, foi trazido por Antipoff da Europa e consistiam em exercícios (...) de escolaridade (BORGES, 2015).

Em 1937, já a frente do Instituto Pestalozzi, Assumpção publica o artigo “*Surdo-mudez*” no Boletim número 20 e defende o direito à educação dos surdos, que deveria ser gratuita. Segundo ela, esse seria um problema dos governos e não da caridade pública:

É necessário que os pais ou família vejam claramente a dura realidade, mas que sintam ao mesmo tempo com energia e convicção a certeza de que seu filho falará, terá uma profissão, ganhará a sua vida e levará uma vida relativamente normal e bem feliz (ASSUMPÇÃO, 1937, p. 113).

Ela comenta ainda sobre a aptidão das crianças surdas. Segundo ela, os melhores alunos na oficina de encadernação eram os surdos, sendo que uma das alunas, com 14 anos, fazia tudo com perfeição. E previu: “Futuramente, eles poderão escolher uma profissão encadernadores, gravadores, arquitetos, desenhistas, etc” (ASSUMPÇÃO, 1937, p.116).

Assumpção foi, portanto, uma importante educadora de surdos em Belo Horizonte. Viveu numa época em que o oralismo era predominante e atuou

dentro dessa perspectiva, mas ao mesmo tempo, acreditava no potencial dos surdos e lutou pelo direito à escolarização desse público.

4.3 A Educação dos surdos nas publicações da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais

Já foram citados aqui alguns artigos publicados nos boletins da SPMG, principalmente aqueles de autoria de Ester Assumpção. Agora, serão explorados artigos que tragam informações sobre a educação dos surdos publicados nos boletins. De acordo com Barbosa (2019), a revista *Infância Excepcional*, ora era chamada de Boletim, ora era chamada de Revista.

A revista *Infância Excepcional*, foi publicada pela SPMG do ano de 1933 ao ano de 1979. Sua publicação foi fragmentada e sua organização foi construída a partir do ano de 1966 (BARBOSA, 2019, p. 51).

Foram analisados todos os números da publicação, sendo que a Revista foi constituída de 12 números²¹. A Tabela abaixo apresenta as publicações por anos.

Tabela 1 – Publicações da revista *Infância Excepcional*.

ORDEM	Nº PUBLICAÇÃO	ANOS PUBLICAÇÃO	ASSUNTOS
1º	12	1933	Dois suplementos do Mensageiro Rural
2º	16	1934	
3º	20	1937	
4º	26	1953 e 1954	II Seminário sobre a Infância Excepcional - 1952 em Belo Horizonte
5º	Não há informação	1962 e 1963	Suplemento do Mensageiro Rural
6º	3	1963 e 1964	Suplemento do Mensageiro Rural
7º	1	1963	Faz 30 anos a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais

²¹ Para saber mais sobre a Revista *Infância Excepcional*, ver a dissertação de Esther Augusta Nunes Barbosa, intitulada *A revista infância excepcional (1933 – 1979): uma contribuição para a história da educação especial*.

8º	Não há informação	1964 e 1965	Suplemento do Mensageiro Rural
9º	2	1965	Suplemento do Mensageiro Rural
10º	9	1966	2º Encontro - Curso Pró Infância Excepcional
11º	10	1966	Jogos Educativos em Bambu
12º	8	1966	A assistência ao Excepcional nos suplementos do Mensageiro Rural: 1962-1965
13º	Não há informação	1975	40 anos a serviço do Excepcional servindo Mina e o Brasil - 1935 -1975

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todos os exemplares foram explorados. Além disso, foram encontrados artigos que continham informações sobre a educação dos surdos em quatro números. No Boletim de número 26 (1953/1954), consta um artigo intitulado “Aspectos de um lar para crianças excepcionais”, resultado da observação de um grupo de crianças excepcionais, em um período de 14 anos, ou seja, de 1939 a 1952. Segundo o artigo, 73% das crianças que passaram pelo internato são procedentes de várias cidades de Minas Gerais, enquanto os 27% restantes são de outros estados do Brasil. O diagnóstico médico e os registros dos motivos de internação apresentados pelos pais e encontrados nas anamneses revelaram o diagnóstico dos alunos. Havia 18 casos de “surdos-mudos”.

A grande referência para a educação dos surdos citada no artigo foi o trabalho desenvolvido no John Tracy Clinic²² (JTC), que oferecia serviços para famílias de todo o mundo. John Tracy era filho de Louise e Spencer Tracy, tendo sido diagnosticado “com surdez nervosa” em 1925, por causa da síndrome de Usher, que o deixou cego quando adulto.

²² John Tracy Center é um centro educacional privado sem fins lucrativos para bebês e crianças em idade pré-escolar com perda auditiva em Los Angeles, Califórnia, EUA. Em 1942, foi fundado por Louise Treadwell Tracy, esposa do ator Spencer Tracy. Essa organização é reconhecida como líder em escuta e educação de línguas faladas na primeira infância, como um dos três principais centros de audiologia pediátrica na área de Los Angeles e como o maior privado de serviços para crianças pequenas, com ou em risco de perda de audição (JTC, 2015).

John Tracy Clinic que é hoje um dos grandes centros de orientação para pais e educadores de crianças surdas, nasceu do amor de uma mãe desejosa de auxiliar seu próprio filho, há alguns anos, na cidade de Los Angeles (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1953-1954, p. 5).

Desde sua fundação, o JTC auxiliou crianças a desenvolver a fala, linguagem e as habilidades auditivas. A discussão do artigo também se referia aos tipos de testes que deveriam ser utilizados com as crianças surdas. Na clínica havia uma seção de psicologia onde os profissionais teriam estudado inúmeros casos, investigando a inteligência das crianças. Algumas delas, além da surdez, possuíam lesões cerebrais. Era importante conhecer os testes mais usados para as crianças surdas.

Na seção de psicologia tomei conhecimento dos testes mais usados para a criança surda, e do modo como os psicólogos estudam os diversos casos (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1953-1954, p. 55).

Já o Boletim *Infância Excepcional* (número 8), de 1966, traz a parte intitulada “Educação Emendativa”, que se referia à educação do “menor excepcional”. Uma das partes refere-se ao conteúdo e atividades práticas para os alunos surdos.

Conteúdo:

Aparelho auditivo e fonador: centro, vias nervosas, mecanismos.

Causas da surdês

Surdês completa

Restos auditivos

Acuidade auditiva

Efeitos psicológicos da surdês

Educação do surdo.

Aperfeiçoamento dos sentidos da visão e tato, no surdo.

Meios de comunicação: alfabeto digital, leitura labial.²³

Aproveitamento dos surdos – surdo-mudos na vida profissional, aptidões artísticas, habilidades motoras.

Atividades Práticas:

Visita à instituições de assistência aos surdos-mudos.

Exame de audição nas escolas; preparo e uso do material adequado.

Trabalhos manuais, exigindo graus diversos de percepção visual e tátil.

Exercício de ortopedia mental.

Observação e registro das reações e conduta de crianças surdas, em diferentes ambientes e atividades.

Aproveitamento nas oficinas pedagógicas, protegidas ou oficinas comuns visando selecionar as atividades mais adequadas aos surdos (SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS, 1996a, p. 42).

²³ “Não se trata de especializar professoras para a educação de surdos durante o Curso de Formação, mas de levar as formandas ao conhecimento de que existe essa especialização na área e educação emendativa e, talvez, levar alguns a ser preparar para a educação de surdos em Cursos de pós-graduação” (SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS, 1966a, p. 42).

Já o Boletim *Infância Excepcional* de número 9, do 2º Semestre de 1966, traz um relato sobre II Encontro-Curso Pró Infância Excepcional na Fazenda do Rosário, onde se destaca o subtítulo “Educação Especial nos Estados Unidos, de Dra. Romaine P. Mackie²⁴ e um grupo de educadores”, pois há abordagem referente à Educação do Surdo.

Hoje, geralmente reconhece-se que o surdo, quando dadas oportunidades adequadas, pode alcançar os mesmos níveis educacionais daqueles que ouvem normalmente. Também foi demonstrado que desenvolvem habilidades de comunicação eficazes, especialmente através de leitura labial e expressivamente através da fala. Até há um século atrás pensava-se que essa realização fosse completamente impossível (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1966b, p. 36).

Além disso, há outra informação a respeito da parte intitulada “os duros de ouvido”.

Muitos meninos e meninas duros de ouvido podem frequentar a escola com crianças de audição normal, desde que sua educação especial seja contínua e tenha sido iniciada o mais cedo possível. (...) Este programa especial para as crianças duras de ouvido deve incluir uma cuidadosa avaliação da audição, seleção e uso de aparelhos semelhantes aos aparelhos binaural usados na gravura, treinamento auditivo e leitura labial como também a educação da fala, de linguagem significativa e da leitura (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1966b, p. 37).

O termo “duros de ouvido” chama a atenção. O que parece é que ouve uma tradução literal da inglesa de “*hard to hearing*” para “duro de ouvir”. Essa expressão, em inglês, pode significar “baixa audição” ou “surdez acentuada”. Esse termo é utilizado geralmente para se referir aos deficientes auditivos.

Ainda no ano de 1966 foi publicado o número 10 do Boletim. Nele, encontra-se a publicação da Portaria nº 3 de 1963 que havia regulamentado a Educação Emendativa no estado de Minas Gerais:

PORTARIA Nº 3/63. Regulamenta a Educação Emendativa.

O Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições, e de acordo com o artigo 55 do Código do Ensino Primário, resolve regulamentar a Educação Emendativa.

²⁴ Refere-se ao Departamento e Saúde, Educação e Bem Estar dos Estados Unidos, é chefe do Serviço de Crianças nas Áreas de Baixo Nível Econômico (SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS, 1966).

1. A Educação Emendativa destina-se a menores deficientes, de ambos os sexos, débeis orgânicos, portadores de defeitos físicos, cegos, surdos, com distúrbios emocionais e desajustamento social e aos retardados mentais que estejam impedidos de frequentar a escola comum (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1966c, p.19).

Outra parte dizia respeito à organização das classes emendativas para os tipos dos alunos nas escolas.

5.2 – Poderão organizar-se, nos diversos tipos de escolas, classes emendativas para:

- a) crianças com problemas especiais;
 - b) crianças inválidas ou portadoras de defeitos ortopédicos;
 - c) crianças com visão parcial;
 - d) crianças cegas;
 - e) crianças surdas;
 - f) crianças com distúrbios de linguagem;
 - g) crianças com distúrbios emocionais ou de conduta;
- (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1966c, p. 20).

O documento aborda, no capítulo V, a linguagem como meio de expressão:

A criança total ou parcialmente surda terá o seu processo de linguagem deficiente, como consequência da audição defeituosa dos sons que constituem as palavras, ou pela ausência de modelo a imitar, no caso da surdez completa. Essa é a razão porque muitas vezes crianças surdas não conseguem aprender a falar e são consideradas mudas, até que um dia, por uma determinada razão podem começar a falar. Outras nunca chegam a essa aprendizagem. As dificuldades de linguagem causadas pela audição deficiente serão facilmente corrigidas quando a deficiência da audição é atenuada (com amplificador, por exemplo), embora em alguns casos, seja necessária uma assistência especializada (SOCIEDADE PESTALOZZI, 1966c, p. 37).

Percebe-se, assim, a grande importância dada à linguagem oral no período. A criança, total ou parcialmente surda, teria uma linguagem “deficiente”, como consequência da audição defeituosa dos sons, que constituem as palavras, ou pela ausência de modelo a imitar, no caso da surdez completa.

Na visão médica, o termo “surdo” é utilizado para pessoas diagnosticadas com surdez profunda. Quando a pessoa tem uma perda leve ou moderada, persiste o termo deficiente auditivo. Entretanto, na comunidade surda, o surdo é aquele que é falante de Libras e pertence a tal. A pessoa é muda porque não utiliza seu aparelho fonador como conjunto de órgãos e estruturas que produzem sons da fala para conversar ou manifestação vocal.

Qualquer surdo tem o aparelho em perfeito estado, pois pode desenvolver a fala com ajuda desse aparelho, normalmente com acompanhamento do especialista.

4.4 A educação dos surdos na correspondência de Helena Antipoff e Helena Dias Carneiro

Uma das mais fiéis colaboradoras de Helena Antipoff, que desenvolveu e dinamizou atividades vitais para Federação das Sociedades Pestalozzi, foi Helena Dias Carneiro. Foi ela quem apresentou, no ano de 1979, o projeto de criação do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA).

Foi consultada, na Sala Helena Antipoff, localizada na Biblioteca Central da UFMG, a correspondência estabelecida entre Helena Dias Carneiro e Helena Antipoff, com o objetivo de encontrar informações sobre a educação dos surdos no período localizado entre as décadas de 1950 e 1970. Toda a correspondência foi analisada, sendo que as passagens que tratam do tema surdez foram transcritas. Helena Carneiro tinha um filho com sofrimento mental e residia no Rio de Janeiro. Dessa forma, auxiliava Helena Antipoff estabelecendo contatos com políticos e fazendo a mediação entre a educadora e o Ministério da Educação.

Em correspondência do ano de 1952, Helena Carneiro fala sobre a amizade do filho com um amigo que era irmão de uma professora no Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Ela comenta sobre o filho ter sido atendido nas oficinas do Instituto a partir de uma intermediação de Helena Antipoff. É interessante notar nessa correspondência como Helena Antipoff já tinha um reconhecimento no período, a ponto de conseguir uma vaga para uma pessoa com sofrimento mental em uma oficina no Instituto para surdos.

Em outra correspondência, de 1955, Helena Antipoff escreve para Helena Carneiro e utiliza o termo “demutisação”²⁵. Ela usa o termo para se referir ao trabalho exercido na cidade de Juiz de Fora pelo padre Vicente Burnier. O trabalho do padre Vicente Burnier compreende o começo da

²⁵ O termo *demutisação* pareceu, pelo contexto, fazer referência ao ato de ensinar e ou treinar os surdos a falarem verbalmente (oralização).

fundação de sua pastoral (ele foi ordenado no ano de 1951). Nasceu surdo, no dia 2 de março de 1921, na cidade de Juiz de Fora (MG) e foi o primeiro padre surdo do Brasil e o segundo no mundo. Fundou mais de 18 pastorais de surdos e tinha nove irmãos, sendo quatro surdos. Tinha também dois irmãos padres. Padre Vicente trabalhou durante muitos anos, principalmente com a comunidade surda. Viajava para ensinar catecismo, ministrar primeira comunhão, celebrar casamentos, prestar assistência religiosa aos surdos. Ele faleceu no dia 16 de julho de 2009, aos 88 anos (SILVA; NEGRISOLI, 2019).

A proximidade de Helena Antipoff com o INES pode ser atestada em carta de 26 de setembro de 1956, dia nacional dos surdos no Brasil. Ela mesma se refere à data ao registrar na carta que o Instituto estava completando 99 anos. Na mesma carta há outra referência ao Instituto: “Também na Direção do Instituto de Surdos Mudos recebemos excelente colaboração. Suas dependências (salão de festas, auditório) bem como as oficinas foram postas à disposição da APAE” (ANTIPOFF, 1956).

4.5 A Escola Estadual Pestalozzi

A Escola Estadual Pestalozzi está localizada em Belo Horizonte. Faz parte da Região Metropolitana A, conforme a divisão da Secretaria do Estado de Educação do estado de Minas Gerais. Atualmente, a escola oferece a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), para os anos finais do Ensino Fundamental.

Em conformidade com o Artigo 28 da Resolução SEE 2.197/2012, o Ensino Fundamental com duração de nove anos estrutura-se em quatro ciclos de escolaridade, considerado em blocos pedagógicos sequenciais: O Ciclo da Alfabetização, com duração de três anos de escolaridade, sendo o 1º, o 2º e o 3º anos; o Ciclo Complementar, com duração de dois anos de escolaridade, compreendendo o 4º e o 5º anos; o Ciclo Intermediário, com duração de dois anos de escolaridade, correspondendo ao 6º e ao 7º anos; o Ciclo de Consolidação, com duração de dois anos de escolaridade, sendo o 8º e o 9º anos.

A escola oferece o Ciclo Intermediário e o Ciclo da Consolidação, num período de três anos (reduzido para dois anos, a partir da Resolução n.

4.234/2019), em projeto específico (Anexo A), na modalidade EJA. De acordo com projeto inicial da EJA, o atendimento era destinado apenas aos estudantes maiores de 15 anos de idade que concluíram os anos iniciais do Ensino Fundamental em instituições de Ensino Especial. Atualmente, de acordo com a demanda, a EJA vem recebendo matrículas de estudantes com deficiência intelectual e/ou Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) de outras instituições de ensino (comum ou especial). Conta ainda com o trabalho das Oficinas Pedagógicas de Formação e Capacitação Profissional que, a partir do ano de 2018, passaram a oferecer um serviço com proposta diferente daquele oferecido desde a sua criação.

A Escola iniciou suas atividades como Instituto Pestalozzi e pertencia à Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Através do Decreto nº 11.959 de 10 de novembro de 1969, o Instituto Pestalozzi passou a ficar subordinado, técnico e administrativamente, à direção do Instituto de Educação do Estado de Minas Gerais, do qual passou a fazer parte como anexo e, no mês de julho de 1974, passou a ser denominada Escola Estadual Pestalozzi. O público atendido pela escola foi, desde a sua fundação, formado prioritariamente de alunos com deficiência intelectual, mas a educação de alunos surdos também foi marcante na instituição.

No ano de 2007, a Escola Estadual Maria de Lourdes da Costa Camelo, também de Educação Especial integrou-se à Escola Estadual Pestalozzi, através do Decreto nº 44.689, de 26/12/2007, permanecendo o nome da escola mais antiga e tradicional. Em 2012, após o encerramento das atividades da Escola Estadual Iolanda Martins, de Ensino Especial, alguns estudantes vieram para a Escola Pestalozzi, bem como toda a documentação daquela escola.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola do ano de 2020 consta seu quadro de funcionários. Atualmente, o corpo docente é formado por uma Diretora; uma Especialista em Educação – EEB (Supervisor Pedagógico); por Analistas Educacionais – AEB (1 Psicólogo, 1 Assistente Social, 1 Terapeuta Ocupacional e 1 Fisioterapeuta); por Auxiliares Técnicos de Educação Básica – ATB (1 Secretária e 3 auxiliares); por Auxiliares de Serviços Gerais; por Profissionais do Núcleo de capacitação em Deficiência Intelectual com ênfase em Deficiência Intelectual (1 Supervisora Pedagógica – EEB e 1 Professora regente da turma – PEB. Ambas lotadas na Escola Estadual Pestalozzi).

A escola ocupa um amplo terreno em ponto importante da capital mineira. De acordo com o PPP (2020), a escola possui as seguintes dependências:

- 1 sala para a Direção;
- 1 sala para a Vice-Diretora;
- 1 sala para a Secretária;
- Anexo Pestalozzi (casa que abriga as mães dos estudantes, e enquanto isso, eles estão em atividades na Escola);
- 4 salas para o Arquivo permanente;
- 1 Auditório;
- 1 Biblioteca;
- 1 Brinquedoteca;
- 1 Cozinha/Cantina/Refeitório;
- 1 Depósito de alimentos;
- 1 Depósito de materiais de limpeza;
- 1 Laboratório de Informática;
- 1 Parque Infantil;
- 1 Piscina;
- 1 Quadra de esportes;
- Salas de Aulas;
- 1 Sala da Supervisão Pedagógica;
- 1 Sala da Equipe Multidisciplinar (para reuniões);
- 1 Sala de Fisioterapia;
- 1 Sala da Psicologia;
- 1 Sala do Serviço Social;
- 1 Sala da Terapeuta Ocupacional;
- 5 Salas de Oficinas Pedagógicas de Formação e Capacitação Profissional;
- 1 Sala de Professores;
- 1 Sala de Reuniões;
- 1 Sala do Núcleo de Capacitação;
- 1 Sala de Vídeo;
- Sanitários;
- 2 Sanitários adequados a pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida;
- Dependências e Vias adequadas para acessibilidade de pessoas com Mobilidade Reduzida (PESTALOZZI, 2020).

Atualmente, a escola desenvolve alguns projetos, principalmente de capacitação dos alunos com deficiência, além de disponibilizar o espaço físico e os profissionais para trabalharem na capacitação dos professores da Rede Estadual de Ensino na perspectiva inclusiva.

4.5.1 A educação dos surdos registrada em prontuários

Conforme explicitado anteriormente neste estudo, a instituição educacional selecionada para a coleta de documentos foi a Escola Estadual Pestalozzi. Essa escola foi fundada em 1935, funciona até o momento atual, e

foi uma das primeiras instituições a ter alunos surdos matriculados em Minas Gerais.

Na escola foram selecionados os registros dos estudantes surdos, principalmente em prontuários. Esse material foi importante para entender como eram recebidos e registrados os alunos surdos. Dentro dos prontuários, foram encontrados documentos diversos que tornaram possível descobrir mais detalhes sobre esses estudantes, como, por exemplo, documentos do Consultório Médico-pedagógico, exames somato-clínicos, históricos escolares e relatórios sobre o desempenho dos alunos surdos. Esses documentos estavam na sala de arquivo da escola, onde se localizavam as caixas de arquivo-morto, organizados em ordem alfabética. Os exames somato-clínicos, segundo Borges (2015), eram realizados pelos médicos, mas as fichas sofreram alterações com o tempo.

Foram encontrados 246 prontuários datados a partir da década de 1930, sendo que 148 pertenciam a crianças do sexo masculino e 98 pertenciam a crianças do sexo feminino. Os números de prontuários analisados podem ser observados na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Número de prontuários analisados por décadas

Década	Número de prontuários
1930	4
1940	44
1950	55
1960	77
1970	61
1980	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

As caixas estavam identificadas através de um sistema alfanumérico, ou seja, A1, A2, B1, B2, C1, C2. Para entender a organização dessas caixas, foi consultado um caderno da escola, no qual havia uma explicação do significado das letras e números das caixas que continham os registros dos alunos. Os prontuários estão identificados pelo número da caixa e depois pelo número da

matrícula. Eles foram selecionados a partir do registro de matrícula de alunos surdos na instituição, registrados em um caderno.

As visitas feitas na escola foram iniciadas no mês de setembro de 2020. Por ser um período de pandemia de Covid-19, a escola estava funcionando somente de segunda a sexta das 09hs às 14hs. As visitas ocorreram de forma agendada para que houvesse segurança devido ao contexto pandêmico. Na maior parte dos prontuários consta uma anamnese cuja formulação é bem completa, mas que não foi completamente preenchida em nenhum registro acessado. Como critério de seleção para a análise, foram utilizadas as categorias: descrição do aluno (adjetivos utilizados para definir o aluno), educação e tratamento propostos.

Depois de toda a coleta realizada, percebeu-se que a maioria dos registros constava da anamnese, com informações sobre a saúde e o histórico do aluno, mas pouquíssimas informações sobre a educação e o tratamento. O Apêndice C traz a listagem de todos os prontuários consultados, com a descrição das crianças. Chama a atenção o tipo de descrição. Por exemplo, o prontuário de matrícula 8146, descreve uma criança de cinco anos, um menino, da seguinte forma: vivo, agitado, corajoso, metódico, desordenado, perseverante, impaciente, irritadiço, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, sociável, alegre, insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os animais e antipatia pela irmã.

Já outra criança (matrícula 1482) é assim descrita: lento, vivo, corajoso, dócil, paciente, tagarela, irritadiço, sujeito a crise de raiva, dado e sociável, alegre, chorão, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais. Interessante a criança ser considerada tagarela, apesar de ainda prevalecer, no ano de 1940, a denominação "surdo-mudo". Essa característica apontada pela pessoa que fez a entrevista já dá indícios de que a palavra mudez não deveria ser associada aos surdos.

Quanto aos registros encontrados no prontuário, foi possível observar em alguns deles um teste para crianças não verbais, como ilustra a Figura 3. O prontuário de número de matrícula 5995 pertenceu a uma criança que nasceu em 1954 e foi matriculada em 1963. O menino foi descrito como indiferente, vivo, agitado, disciplinado, dócil, paciente, sociável, alegre, excessivamente

sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos e as pessoas conhecidas, bom obediente. O teste encontrado foi o Teste de Inteligência Não Verbal, fator G, de Pierre Weil.

Figura 3 - Exemplo de um teste de inteligência não verbal

Idade *18* anos Sexo
 Data do nasc.
 Grau de instrução
 Profissão

BATERIA FATORIAL
CEPA

N.º
 Data do exame *18.11.76*
 Aplicador
 Apurador
 Pontos *38*... Percentil *75*
Mélio Superior

TESTE DE INTELIGÊNCIA NÃO VERBAL - INV
FATOR G
PIERRE G. WEIL
 FORMA - C

Quadrante 1: Duas figuras de gatos. Subimagens: 1. gato, 2. gato, 3. gato, 4. gato, 5. gato, 6. gato, 7. gato, 8. gato, 9. gato, 10. gato, 11. gato, 12. gato, 13. gato, 14. gato, 15. gato, 16. gato, 17. gato, 18. gato, 19. gato, 20. gato, 21. gato, 22. gato, 23. gato, 24. gato, 25. gato, 26. gato, 27. gato, 28. gato, 29. gato, 30. gato, 31. gato, 32. gato, 33. gato, 34. gato, 35. gato, 36. gato, 37. gato, 38. gato, 39. gato, 40. gato, 41. gato, 42. gato, 43. gato, 44. gato, 45. gato, 46. gato, 47. gato, 48. gato, 49. gato, 50. gato, 51. gato, 52. gato, 53. gato, 54. gato, 55. gato, 56. gato, 57. gato, 58. gato, 59. gato, 60. gato, 61. gato, 62. gato, 63. gato, 64. gato, 65. gato, 66. gato, 67. gato, 68. gato, 69. gato, 70. gato, 71. gato, 72. gato, 73. gato, 74. gato, 75. gato, 76. gato, 77. gato, 78. gato, 79. gato, 80. gato, 81. gato, 82. gato, 83. gato, 84. gato, 85. gato, 86. gato, 87. gato, 88. gato, 89. gato, 90. gato, 91. gato, 92. gato, 93. gato, 94. gato, 95. gato, 96. gato, 97. gato, 98. gato, 99. gato, 100. gato.

Quadrante 2: Rosto de um homem. Subimagens: 1. rosto, 2. rosto, 3. rosto, 4. rosto, 5. rosto, 6. rosto, 7. rosto, 8. rosto, 9. rosto, 10. rosto, 11. rosto, 12. rosto, 13. rosto, 14. rosto, 15. rosto, 16. rosto, 17. rosto, 18. rosto, 19. rosto, 20. rosto, 21. rosto, 22. rosto, 23. rosto, 24. rosto, 25. rosto, 26. rosto, 27. rosto, 28. rosto, 29. rosto, 30. rosto, 31. rosto, 32. rosto, 33. rosto, 34. rosto, 35. rosto, 36. rosto, 37. rosto, 38. rosto, 39. rosto, 40. rosto, 41. rosto, 42. rosto, 43. rosto, 44. rosto, 45. rosto, 46. rosto, 47. rosto, 48. rosto, 49. rosto, 50. rosto, 51. rosto, 52. rosto, 53. rosto, 54. rosto, 55. rosto, 56. rosto, 57. rosto, 58. rosto, 59. rosto, 60. rosto, 61. rosto, 62. rosto, 63. rosto, 64. rosto, 65. rosto, 66. rosto, 67. rosto, 68. rosto, 69. rosto, 70. rosto, 71. rosto, 72. rosto, 73. rosto, 74. rosto, 75. rosto, 76. rosto, 77. rosto, 78. rosto, 79. rosto, 80. rosto, 81. rosto, 82. rosto, 83. rosto, 84. rosto, 85. rosto, 86. rosto, 87. rosto, 88. rosto, 89. rosto, 90. rosto, 91. rosto, 92. rosto, 93. rosto, 94. rosto, 95. rosto, 96. rosto, 97. rosto, 98. rosto, 99. rosto, 100. rosto.

Quadrante 3: Figura de um homem segurando uma placa. Subimagens: 1. homem, 2. homem, 3. homem, 4. homem, 5. homem, 6. homem, 7. homem, 8. homem, 9. homem, 10. homem, 11. homem, 12. homem, 13. homem, 14. homem, 15. homem, 16. homem, 17. homem, 18. homem, 19. homem, 20. homem, 21. homem, 22. homem, 23. homem, 24. homem, 25. homem, 26. homem, 27. homem, 28. homem, 29. homem, 30. homem, 31. homem, 32. homem, 33. homem, 34. homem, 35. homem, 36. homem, 37. homem, 38. homem, 39. homem, 40. homem, 41. homem, 42. homem, 43. homem, 44. homem, 45. homem, 46. homem, 47. homem, 48. homem, 49. homem, 50. homem, 51. homem, 52. homem, 53. homem, 54. homem, 55. homem, 56. homem, 57. homem, 58. homem, 59. homem, 60. homem, 61. homem, 62. homem, 63. homem, 64. homem, 65. homem, 66. homem, 67. homem, 68. homem, 69. homem, 70. homem, 71. homem, 72. homem, 73. homem, 74. homem, 75. homem, 76. homem, 77. homem, 78. homem, 79. homem, 80. homem, 81. homem, 82. homem, 83. homem, 84. homem, 85. homem, 86. homem, 87. homem, 88. homem, 89. homem, 90. homem, 91. homem, 92. homem, 93. homem, 94. homem, 95. homem, 96. homem, 97. homem, 98. homem, 99. homem, 100. homem.

Quadrante 4: Casa. Subimagens: 1. casa, 2. casa, 3. casa, 4. casa, 5. casa, 6. casa, 7. casa, 8. casa, 9. casa, 10. casa, 11. casa, 12. casa, 13. casa, 14. casa, 15. casa, 16. casa, 17. casa, 18. casa, 19. casa, 20. casa, 21. casa, 22. casa, 23. casa, 24. casa, 25. casa, 26. casa, 27. casa, 28. casa, 29. casa, 30. casa, 31. casa, 32. casa, 33. casa, 34. casa, 35. casa, 36. casa, 37. casa, 38. casa, 39. casa, 40. casa, 41. casa, 42. casa, 43. casa, 44. casa, 45. casa, 46. casa, 47. casa, 48. casa, 49. casa, 50. casa, 51. casa, 52. casa, 53. casa, 54. casa, 55. casa, 56. casa, 57. casa, 58. casa, 59. casa, 60. casa, 61. casa, 62. casa, 63. casa, 64. casa, 65. casa, 66. casa, 67. casa, 68. casa, 69. casa, 70. casa, 71. casa, 72. casa, 73. casa, 74. casa, 75. casa, 76. casa, 77. casa, 78. casa, 79. casa, 80. casa, 81. casa, 82. casa, 83. casa, 84. casa, 85. casa, 86. casa, 87. casa, 88. casa, 89. casa, 90. casa, 91. casa, 92. casa, 93. casa, 94. casa, 95. casa, 96. casa, 97. casa, 98. casa, 99. casa, 100. casa.

Logo **cepa**

Edição autorizada - Reprodução proibida
 C1.1.01.02 - 20.7.27104 M.

CEPA - CENTRO ESTUDO DE PSICOLOGIA APLICADA LTDA.
 RUA EDUCADOR DANTAS, 119 - 4º ANDAR
 RIO DE JANEIRO, RJ - 20.048 - BRASIL

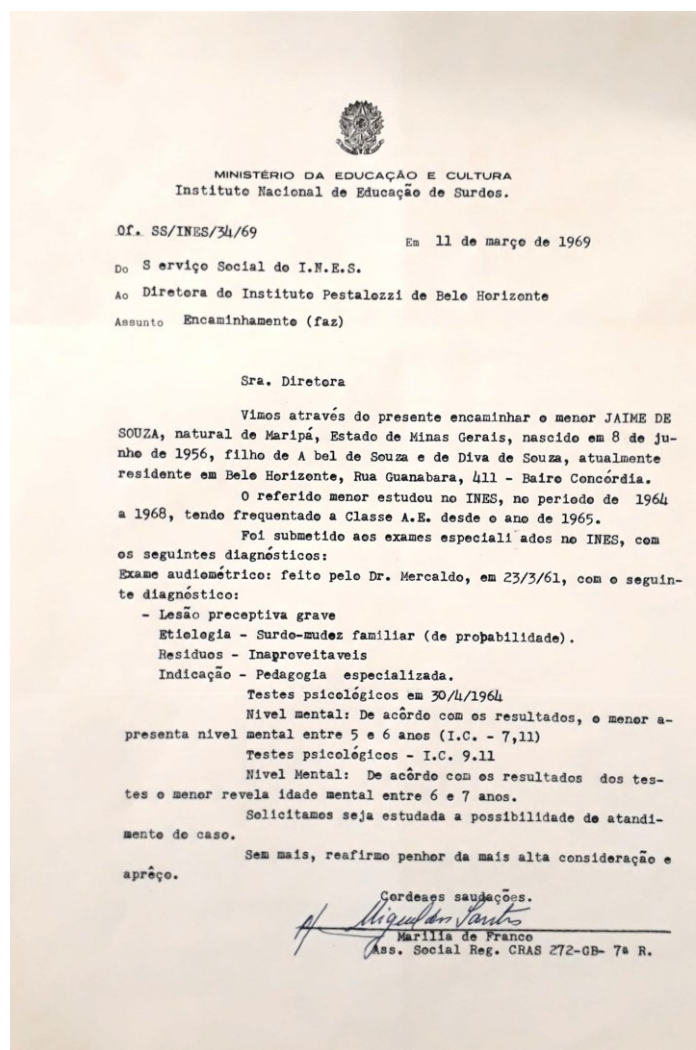
Fonte: Caixa J8/5995

O Teste de Inteligência Não Verbal foi criado na década de 1950 por Pierre Weil (WECHSLER; HUTZ; PRIMI, 2019). É interessante lembrar que ele teve uma relação muito próxima com o grupo de Antipoff. Weil nasceu na França e veio para o Brasil em 1958 a convite do Banco da Lavoura. Lecionou em cursos na Fazenda do Rosário e foi um importante colaborador, desenvolvendo uma relação próxima com a obra pestalozziana.

O teste foi realizado quando o aluno tinha 18 anos, sendo que a inteligência apontada no teste foi média superior. Portanto, esse é um indício de que os alunos eram avaliados em mais de um momento, não somente na

época da matrícula na instituição. O teste foi encontrado também em outros prontuários. Em outro prontuário, de número 7215, cuja matrícula foi realizada no ano de 1969, consta um encaminhamento do INES, conforme a Figura 4:

Figura 4 - Encaminhamento realizado pelo INES



Fonte: J9/7215.

Vimos no documento que a família residia em Belo Horizonte, mas o menino foi encaminhado para estudar primeiramente no INES. Depois de alguns anos, o aluno é encaminhado para o Instituto Pestalozzi. O exame aponta um déficit intelectual associado à surdez, pois a criança tinha 13 anos e

a idade mental era de 6/7 anos. A indicação do INES para a criança é a pedagogia especializada. Na anamnese, ele é assim descrito: vivo, agitado, atento, resoluto metódico, aplicado, perseverante em suas ações, dócil, às vezes teimoso, paciente, tagarela, dado e sociável, sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso, tem simpatias.

Outro dado importante encontrado nos prontuários é o fato de muitos deles chegarem à escola com uma idade mais avançada e não terem tido qualquer tipo de escolarização anterior. Dos 246 prontuários analisados, 46 prontuários especificaram que a criança nunca tinha ido à escola. Outros não tinham a informação. A maior parte dos alunos chegava ao Instituto após os 10 anos de idade.

A questão da idade e da falta de sensação de pertencimento por parte de um dos alunos matriculados pode ser visto através do relato da mãe. O prontuário F2/8644, cuja matrícula foi realizada em 17 de abril de 1980, pertence a um rapaz de 17 anos e três meses de idade. Os antecedentes pessoais envolvem a concepção da criança, sendo que a mãe informou que a criança não foi desejada porque já tinha um filho surdo. Os pais possuem nove filhos vivos, destes, três filhos surdos – o sétimo filho (surdo) fazia a 4ª série na Escola Estadual Pestalozzi, o nono filho (surdo) tem 15 anos. Este prontuário pertence ao oitavo filho. Com 10 meses, a mãe notou que era surdo. Quanto à escolaridade do aluno, a mãe relatou que ele mudou da outra escola porque não tinha um tratamento adequado. Em relação aos aspectos sociais, ele possuía alguns companheiros surdos. Além disso, ele tem bicicleta como brinquedo preferido. Mas a grande preocupação da mãe era quanto ao futuro do filho. Ela demonstra desejo de que:

Ele aprenda um ofício, para viver a vida dele independente. Atualmente, o aluno está muito diferente, antes reagia como um menino normal, apesar da surdez. A partir do ano passado ficou muito agressivo com a família principalmente. Atualmente, uns três meses pra cá, ficou apático, indiferente, deixando principalmente de cuidar dele, não aceita o próprio corpo, ficou trancado no quarto, não gosta de tomar banho, de sair e está muito triste. Quando a mãe ficou esperando-o, não desejava o nascimento, porque estava com um filho pequeno que já dava muito trabalho por ser surdo e estava sempre doentinho. Durante a gestação moravam no interior, tinha muita contrariedade, era muito preocupada com o 7º filho. No nascimento, a mãe acha que ele passou algumas horas de nascer, por isso ficou cianótico e demorou para chorar. Quanto da surdez, acha que é devido ser ela e o marido, primos em 1º grau e tendo

parentes mais afastados surdos. Quando criança, apesar da surdez, era um menino normal, com reflexos e inclusive reagia ao barulho através de vibrações segundo a mãe. Atualmente é que está diferente, não aceitando o seu corpo, deixando de fazer as coisas que gostava. Está precisando fazer um eletro, não pode fazer porque não está gostando de tomar banho e principalmente de lavar a cabeça. Antes tinha muito cuidado principalmente com a higiene corporal. (...)

Os sintomas depressivos estavam se manifestando e a mãe relata essa preocupação que, de certa forma, se relaciona com o processo de aceitação (ou não aceitação) da surdez do filho.

O prontuário de número A28/8655 era de uma jovem de 21 anos que nunca tinha ido à escola antes. A menina nasceu em 1956 e sua matrícula se deu no ano de 1978. No relato da mãe, toda a dificuldade com a filha que, além da surdez, havia nascido com lábio leporino, que é a abertura do lábio ou do palato (céu da boca).

No prontuário de matrícula 7056 consta a certidão de nascimento de um menino, o histórico escolar e o protocolo de Raven²⁶, com o diagnóstico de deficiência mental. O menino tinha 16 anos na época em que foi aplicado o teste, no ano de 1970. Foram encontradas certidões de nascimento em outros prontuários.

O prontuário A29/8002 é de um menino que possui, ainda na sua documentação, um relatório da Faculdade de Medicina da UFMG. Ele nasceu em 1962, foi matriculado em 1974, mas o relatório é do ano de 1973. Foram realizados os exames neurológicos, clínico e oftalmológico, com detalhamento da acuidade auditiva. A conclusão do aludo é de um déficit auditivo de origem neurossensorial, provavelmente de “sequela de evento infeccioso” do Sistema Nervoso Central. No documento estava registrado que ele possuía catarata congênita, deficiência auditiva e retardo da linguagem. A orientação do relatório consistia em encaminhamento para escola especializada e acompanhamento no serviço de neurologia.

Outros prontuários trazem avaliações realizadas em locais diferentes. É o caso do prontuário C2/7160, onde consta um resultado da Escala de Gesell e

²⁶ Matrizes Progressivas Coloridas de Raven foram desenvolvidas por John Carlyle Raven na Universidade de Dumfries, Escócia, sendo padronizado e publicado em 1938. É utilizado para aferição do QI.

foi realizado no Instituto Psicopedagógico do Hospital de Neuropsiquiatria Infantil de Belo Horizonte, como pode ser observado na Figura 5.

Figura 5 - Avaliação conforme Escala de Gesell

INSTITUTO
- DE
PSICO - PEDAGOGIA
RUA PADRE MARINHO, 150

INSTITUTO DE PSICOEDAGOGIA
" CÓPIA "

TESTE: ESCALA DE GESSELL

Nome: Carlos Alberto Santana
Data do nascimento: 15/11/1960
Data de aplicação: 15/2/1968
Pedido Médico: Int. G. Moretzsohn
Procedência: H.N.P. Infantil - Ambulatório
Nº do teste: 15.780 Matrícula: Não consta o nº

RESULTADO:

IDADES	CONDUTA PESSOAL SOCIAL	CONDUTA VERBAL	CONDUTA ADAPTATIVA	CONDUTA MOTORA
2 anos	Sim	Sim	Sim	Sim
3 anos	Sim	Não	Sim	Sim
4 anos	Faz lavar e enxugar o rosto e brinca com amigos, mas não dá recados.	Não	Sim	Sim
5 anos	Veste-se sem ajuda, mas não pergunta o significado de palavras.	Não	Não	Sim

Obs.: Em vista do menor apresentar déficit auditivo aplicamos o teste de Florence Goodenough, cujo resultado apresentamos: I.N. = 87 meses
I.M. = 63 meses
Q.I. = 72.

Aplicadora: Maria Alice Lisboa de Melo

(a) Dr. Paulo Saraiva

VISTO: (a) Dr. José Jorge Teixeira
- Diretor -

MLV.

Fonte: C2/7160.

O prontuário C5/8026 pertence a uma criança que nasceu em 1964 e foi matriculada em 1974. Ela foi avaliada na Fundação Dom Bosco, uma escola de educação especial, no ano de 1973. Foi realizada uma observação na sala de brinquedos da instituição e tentativas de aplicação dos testes Bender e Raven. O que chama mais atenção nesse documento é a observação cuidadosa da psicóloga. O cuidado se reflete na conclusão, em que ela diz que, apesar do baixo rendimento nos testes de inteligência, a criança teria potencial, mas estava prejudicado pela falta da escolarização, como ilustram as Figuras 6 e 7:

Figura 6 - Testes Bender e Raven – Parte A

FUNDAÇÃO "DOM BOSCO"
VILA MAGNEBITA

NOME: CIRO MOREIRA
 DATA DE NASCIMENTO: 15/01/64
 DATA DO EXAME: DE 17/05/72 a 23/05/72
 RESPONSÁVEL: SANDRA MARIA SERRETTI ESPINHA

TECNICAS UTILIZADAS: OBSERVAÇÃO EM SALA DE BRINQUEDOS
 TESTES - BENDER E RAVEN

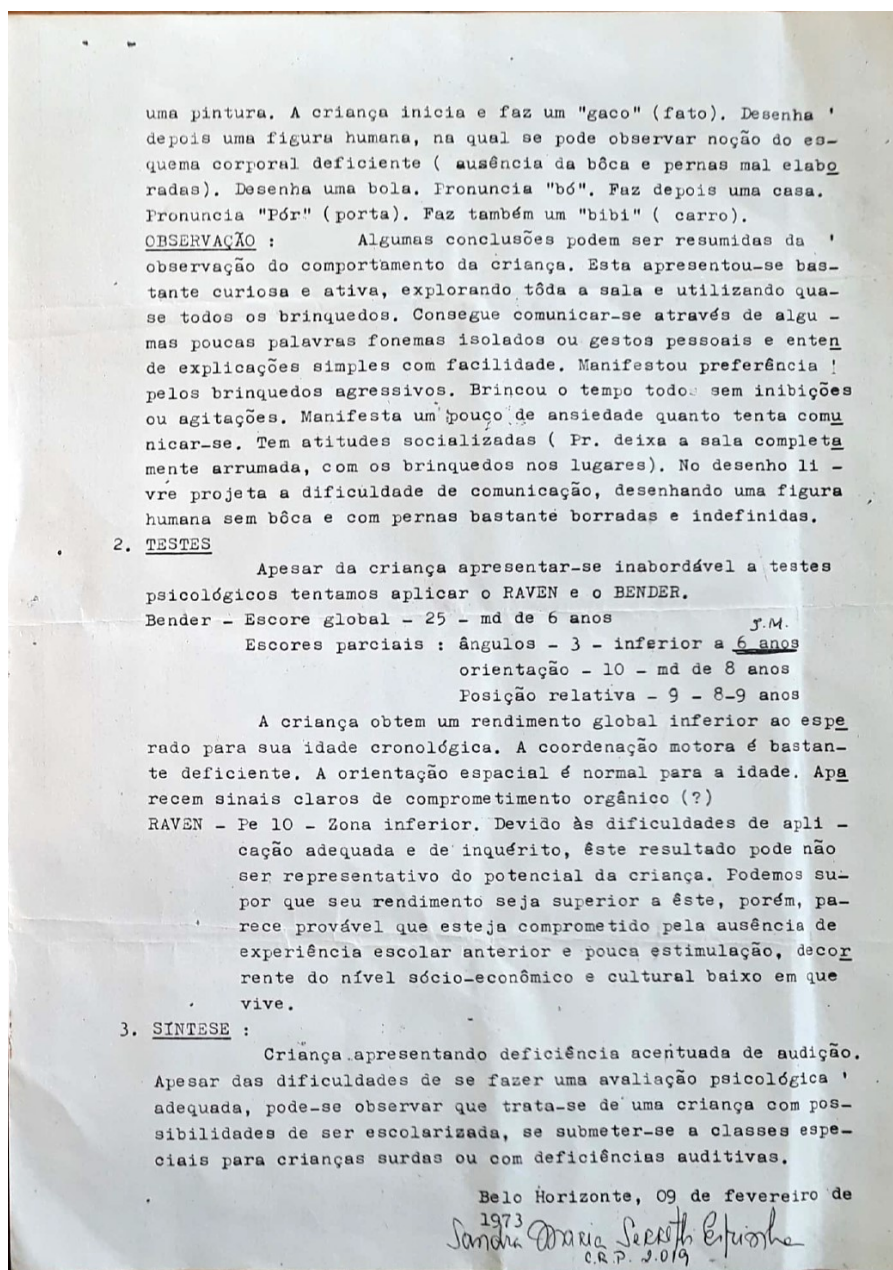
1. OBSERVAÇÃO EM SALA DE BRINQUEDOS

A criança explorou toda a sala, durante o tempo em que permaneceu sob observação. Utilizou, praticamente, todos os brinquedos da sala. Inicialmente, esperou pelas atitudes do técnico, depois tomou, sozinho, as iniciativas de usar a sala.

A criança inicia com o material agressivo (metralhadoras, revólveres). Apesar da problemática verbal, consegue comunicar-se pedindo explicações sobre o funcionamento desse brinquedo. Entende com facilidade as demonstrações feitas. De posse dos revólveres e metralhadoras dá tiros para diversos pontos da sala. Utiliza a espada simulando uma luta, dando golpes com a mesma. Passa, posteriormente, para os carrinhos. Explora a prateleira onde estão colocados. Faz pequenos e rápidos passeios, com cada um, pelo centro da sala. Pega o posto de gasolina e aciona a manivela do tanque. Guarda os brinquedos nos lugares. Enquanto os utiliza tenta comunicar-se pronunciando alguns fonemas. Utiliza o trenzinho de madeira e o avião da mesma forma que os carrinhos. Nessa atividade imita os sons de carro e avião. Depois de guardar esse material pega o telefone, disca e fala usando uma linguagem incompreensível para o técnico. Vai, então para o tambor, batendo nele com ritmo. Explora uma outra parte da sala onde encontram-se balde, rôdo, barco, banheiro. Manipula esse material parecendo querer comunicar que sabe o que são e como usá-los. Vai para outro canto da sala e manipula o jogo de dominós e uma caixinha com letras de plástico. Nota-se que a criança não conhece os símbolos gráficos verbais, colocando-os em posições invertidas. Guarda esse material e pega a caixa do "pequeno construtor". Pede explicações constrói pequenos blocos utilizando mal as peças (inverte-as coloca janelas fora do lugar habitual). Essas construções são pouco elaboradas. Utiliza, então, um jogo de encaixes. Consegue perceber o mecanismo dos encaixes e utilizar as peças. Entretanto não constrói algo elaborado. Volta aos materiais agressivos, dando tiros pela sala com os revólveres e metralhadoras. Aproxima-os do ouvido como se quisesse ouvir-lhes o som. O técnico pede à criança que faça

Fonte: C5/8026.

Figura 7 - Testes Bender e Raven – Parte B

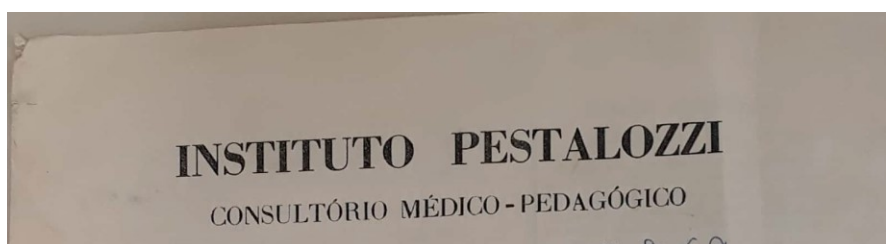


Fonte: C5/8026.

Já a mudança do Instituto Pestalozzi para Escola Estadual Pestalozzi pode ser visualizada no logotipo dos documentos. Antes, constava na logo: Instituto Pestalozzi – Consultório Médico-Pedagógico. A partir de meados de

1970, como mostram as Figuras 8 e 9, surge os documentos com nova logo: Escola Estadual Pestalozzi, para crianças surdas e infradotadas.

Figura 8 - Instituto Pestalozzi



Fonte: A22/ 7292.

Figura 9 - Logo da Escola Estadual Pestalozzi



Fonte: C8/ 8848.

Os prontuários da Escola Estadual Pestalozzi registram histórias de alunos surdos que foram aos poucos conquistando direitos. No entanto, fica evidenciado o modelo médico da deficiência, presente nas anamneses e na palavra “defeito”, observada em vários momentos ao se referir aos surdos; a falta de informação sobre a escolarização reforça a tese de que a ênfase era dada muito mais ao oralismo e aos tratamentos da fala do que a uma escolarização propriamente dita. Além disso, demorou muito para que o Instituto pudesse ter uma professora surda. Conhecer a história da professora Maria Barbosa, que atuou na Escola Pestalozzi, e a história do professor Antônio Abreu são importantes para entender que as conquistas em termos de políticas somente ocorreram a partir dos movimentos das pessoas com

deficiência. Nesse contexto, é importante situar as conquistas da comunidade surda dentro do contexto dos movimentos da própria comunidade surda. No próximo capítulo discutiremos a importância dos educadores mencionados para a educação de surdos no estado de Minas Gerais.

5 A PERSPECTIVA DE DOIS EDUCADORES SURDOS PIONEIROS NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Nesta parte do estudo são apresentadas as entrevistas realizadas com dois personagens considerados, pela comunidade surda mineira, como pioneiros na educação de surdos em Minas Gerais: Antônio Campos de Abreu e Maria Barbosa Coelho. O objetivo da realização das entrevistas foi compreender, por meio de suas trajetórias individuais e de suas atuações como educadores, o protagonismo da pessoa surda na educação de surdos no estado.

Os dois entrevistados vivenciaram e atuaram em diferentes períodos/épocas e de diferentes maneiras na educação dos surdos, sendo que suas trajetórias são reconhecidas por toda comunidade surda brasileira, registradas em sites e publicações da comunidade surda. Essas trajetórias pessoais e profissionais permitem compreender aspectos importantes do processo de educação dos surdos a partir das décadas de 1940 e 1950, que foi quando nasceram os entrevistados, até as suas visões sobre o período atual. Os entrevistados relataram suas vivências enquanto alunos surdos e posteriormente como educadores de surdos

5.1 A perspectiva de Maria Barbosa Coelho

Maria Barbosa Coelho, surda, nasceu na cidade mineira de Ipanema, em 15 de julho de 1943, filha de Lindolfo Vieira Coelho e Nair Barbosa Coelho. Ela foi a primeira professora surda na Escola Estadual Pestalozzi, onde permaneceu trabalhando entre os anos 1967 e 1983, com os alunos surdos e outros com deficiência intelectual e Síndrome de Down. Atuou também na antiga 2ª série no Ensino Fundamental, na Escola Estadual Francisco Sales, em 1983, depois de fazer um concurso e ser nomeada. Além de professora de

classe, trabalhou como professora na biblioteca, em oficinas profissionalizantes e na formação de cabeleireiros e manicure. Atualmente, a professora está aposentadora e frequenta a Pastoral do Surdo em Belo Horizonte, no bairro de Nova Suíça.

Foram realizadas duas entrevistas com a professora Maria Barbosa Coelho. A primeira entrevista foi por escrito, ocorrida em 30 de junho de 2021. A professora estava muito receosa de se encontrar pessoalmente por causa da pandemia de Covid-19 e o seu acesso à tecnologia era difícil. Posteriormente, recebendo apoio de pessoas próximas, a segunda entrevista ocorreu através da plataforma digital *Google Meet*, em 24 de julho de 2021. A professora Maria apresentou um pouco de sua história de vida profissional, iniciada na Escola Estadual Pestalozzi.

Então eu comecei lá como monitora e depois fui professora substituta. Eu usava língua de sinais, que ainda não conheciam. Então me lembro que Antônio Abreu foi na escola defender a língua de sinais, lutar pelo direito dos surdos de utilizar de língua de sinais. Eu como monitora cuidava dos surdos, levava ao dentista, ao médico, no parque para brincar, monitorava o corredor... porque a escola é muito grande. Eu trabalhava cuidando, mas eu queria uma turma de verdade, eu queria ser professora de verdade. Toda vez que algum professor faltava, eu era chamada para substituir **(Maria Barbosa Coelho, entrevista realizada em 20/08/2021)**.

A professora informou ainda que foi reservado, no 2º andar da Escola, um corredor com salas para o ensino dos alunos surdos. Na Escola Estadual Pestalozzi havia oficinas de marcenaria, datilografia, gráfica, artes, horta, recreação em parquinho. A média da idade dos alunos era de 7 a 12 anos, porém a maioria era constituída por alunos mais velhos.

Naquela época, as classes eram seriadas de 1ª a 4ª série. A escola possuía dez turmas de dez alunos cada e as avaliações se davam no domínio da leitura, escrita e matemática. Todos os professores eram ouvintes, a professora Maria Barbosa era a exceção. Muitos alunos vinham do interior e moravam em pensão, longe de suas famílias.

A metodologia utilizada na Pestalozzi foi descrita por ela como eclética, com ênfase no treinamento da fala, mas também com a utilização da vibração de sons.

Eu questioneei, principalmente, perguntei qual seria a relação do treinamento da fala junto com o treinamento auditivo... com aparelhos

de acústica para atendimento coletivo de cada turma, se a maioria dos alunos não tinha resto de audição. Então, como fazer? Alguns alunos ficavam muito incomodados com as vibrações do som no aparelho. Perceber vibrações não ajuda a entender palavras, ouvir barulho não ajuda a entender as palavras. Concordo com o treinamento da fala, mas não podemos ignorar que surdo não possui “discriminação auditiva” que ajuda a memorizar as palavras. Antes de treinar a fala, é preciso respeitar e aprender as palavras em língua de sinais, que ajuda o surdo a ter uma “discriminação visual”, (conhecer a palavra) que ajuda registrar (memorizar) as palavras. Se o aluno não sabe língua de sinais, ele fica repetindo as palavras sem registrar. Se o aluno sinaliza uma palavra, ele grava registra porque é visual **(Maria Barbosa Coelho, entrevista realizada em 20/08/2021)**.

Segundo a professora, era utilizado o treinamento de compreensão da fala, a leitura labial, o ensino de mecânica da fala e o treinamento áudio visual. Além disso, era utilizada a logopedia, realizada em atendimento coletivo para cada turma na sala especializada no tema.

A logopedia pode ser definida como a ciência que cuida de trabalho de problemas da voz e da palavra. Sobre a Escola Estadual Pestalozzi, a professora Maria Barbosa relatou que a logopedia foi utilizada através da prática de exercícios de respiração, emissão vocal, ressonância e associação de fonemas, além do treinamento áudio visual, com aparelhos de acústica.

Naquele tempo, segundo a professora entrevistada, era muito difícil e muito complicado para o surdo assumir uma sala de aula como professor regente, pois era necessário muito esforço para provar experiência de trabalho.

Mas eu sabia língua de sinais. Então eu não aceitava que os alunos surdos ficassem só oralizando. Quando eu fechava a porta da minha sala, eu usava a língua de sinais, eu insistia. Meus alunos adoravam e ficavam bem animados. Tinha mãe que me perguntava: O que que aconteceu? Meu filho agora consegue fazer “para casa” sozinho. Eu respondia que na minha aula, tinha comunicação em língua de sinais, então eles entendiam bem **(Maria Barbosa Coelho, entrevista realizada em 20/08/2021)**.

A professora Maria Barbosa trabalhava pela manhã em sala de aula e à tarde em um salão profissionalizante de cabeleiras e manicure, onde os surdos eram formados para exercer uma profissão. Essa perspectiva funcionalista da educação prevaleceu durante muito tempo, e ainda permanece em discursos velados ou não. Às pessoas surdas ou com deficiência era reservado o lugar da profissionalização, mas limitada à sua condição. Essa visão é capacitista e influenciada pelo modelo médico.

O modelo médico considera a incapacidade como um problema da pessoa, causado por um desvio ou uma doença. Assim, seria necessário buscar tratamento através da assistência médica e profissional. Muitos esforços e intervenções seriam necessários para corrigir as “falhas” trazidas pela deficiência, buscando a normalização dos sujeitos, a adequação de seus corpos aos padrões sociais aceitos. No entanto, nas últimas décadas, essa visão começou a ser questionada (GUIMARÃES, 2020, p. 36).

Ou seja, o modelo médico da deficiência ainda vigorava com toda a sua força. A própria aprendizagem da língua de sinais pela professora se deu através da convivência com os pares:

Eu aprendi língua de sinais com os alunos porque a gente partilhava os sinais, antigamente não tinha cursos. Eu aprendi muito com os próprios alunos surdos (**Maria Barbosa Coelho, entrevista realizada em 20/08/2021**).

A fala da professora demonstra que, mesmo ocupando um lugar profissional naquele tempo, os desafios para ela também eram visíveis. Ou seja, por não haver cursos, espaços de interação ou outros locais formativos, ela aprendia alguns sinais com os alunos, formando uma pequena comunidade linguística no interior da escola.

A escolarização de surdos no Instituto Pestalozzi aconteceu desse modo até que, no ano de 1983, ocorreu um congresso em Paris, na França, que apontou a importância de que os alunos deveriam ter acessibilidade em escola própria, sem “misturar deficiências”. Dessa forma, foi realizado um projeto de transferência dos surdos para uma escola própria para eles, a chamada “Escola Estadual Francisco Sales - Instituto da Deficiência da Fala e da Audição”.

Anos depois, ainda na ativa, a professora Maria Barbosa participou do Pré-Congresso e do V Congresso de Educação Bilíngue para Surdos, promovidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, parceria com FENEIS, nos dias 20 e 21 de abril de 1999. Nesse Pré-Congresso, foi elaborado um documento pela comunidade surda intitulado “*A educação que nós surdos queremos?*”, que foi entregue ao Ministério da Educação.

Nesse relatório, foi informado como era realizado o trabalho na época com os alunos surdos, como estava organizado o ambiente escolar, além de

apresentar as práticas utilizadas na escolarização dos alunos e como ocorria a finalização do processo escolar: o perfil do aluno surdo era de um aluno esforçado, que tentava aprender, com grandes desafios, em língua portuguesa, e que aprimorava Libras com amigos surdos, pois ainda não havia a difusão de cursos de Libras. Os alunos eram treinados diariamente em aulas com fonoaudiólogos para o acesso a oralização. Além disso, não havia intérpretes e professores fluentes em Libras.

Portanto, conforme ressaltou a professora, a escolarização dos surdos foi marcada por uma série de equívocos e desafios. As conquistas se deram dentro de um movimento maior, que se organizou a partir da união de pautas de diferentes grupos, nas várias frentes representativas e entidades que começaram a ser organizadas. O posicionamento das pessoas surdas, como da professora Maria Barbosa Coelho, que se destacou na educação de surdos foi bastante importante. Além disso, ela e outros personagens se organizaram por meio das associações de surdos e outras entidades, o que favoreceu as conquistas da comunidade surda.

5.2 A perspectiva de Antônio Campos de Abreu

Antônio Campos de Abreu tem uma longa trajetória no campo da educação de surdos, atuando principalmente nos movimentos sociais e políticos da comunidade, na construção de políticas, na educação dos surdos e na busca por direitos linguísticos.

Em sua trajetória, destacam-se diversas atuações profissionais e políticas. Antônio foi um dos fundadores da Federação Mineira Desportiva de Surdos e seu presidente entre os anos de 1982 a 1985. Ele participou da fundação da Confederação Brasileira de Desporto dos Surdos, trabalhando como voluntário em ambas as instituições. No período de 1975 a 1989, Antônio foi diretor da Associação de Surdos de Minas Gerais (ASMG), tendo ainda passado pelos cargos de presidente, vice-presidente e diretor social. Em 1989, Antônio fez o curso de Lideranças Surdas na Universidade Gallaudet, em Washington D.C, nos Estados Unidos. Já entre os anos de 1995 a 1999 foi Conselheiro (*Board-Member*) da Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf - WFD), sediada na Finlândia. De 1998 a 2001, foi

presidente e vice-presidente do Centro Verbotonal de Minas Gerais (CBV), uma instituição que trabalhava com o apoio às crianças surdas e, dentre seus serviços, oferecia tanto o suporte da fonoaudiologia para a fala quanto o suporte de comunicação por meio da Libras. De 2004 a 2008, Antônio foi conselheiro titular do Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência (CONADE). Além disso, entre os anos de 2014 a 2021 foi professor de História e também de Geografia na Escola Estadual Francisco Sales – Instituto da Deficiência da Fala e da Audição (IDFA), que é uma instituição especializada no atendimento aos Surdos, em Belo Horizonte/MG.

No ano de 1987, Antônio participou da criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), da qual ele foi presidente no período de 1993 a 2001, cargo que ele ocupa na atualidade. Este cargo tem como principal objetivo liderar e coordenar as lutas da comunidade surda na busca de direitos. Antônio se aposentou dos cargos nos quais atuou na iniciativa privada e também como professor de História e de Geografia, mas continua os seus trabalhos pela comunidade surda. Ele é autor da obra intitulada *Surdos, uma abordagem brasileira historiográfica e cultural*. Em relação à sua formação, Antônio se graduou em História, obtendo grau no ano de 2007, em uma instituição privada na cidade de Belo Horizonte.

A entrevista com o professor Antônio Abreu, que foi realizada em Libras, ocorreu no dia 13 de junho de 2021. Para a filmagem, foi possível contar com o apoio do profissional surdo Vagner Luiz de Figueiredo. Ela foi realizada no escritório da FENEIS/MG, localizada no bairro Cruzeiro, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após a entrevista, foi realizada a transcrição para língua portuguesa.

Inicialmente, na entrevista, o professor descreveu sua história de vida pessoal. Ele nasceu na cidade mineira de Abaeté, em 11 de maio de 1956, em uma família de surdos. Aos 11 anos, ele se mudou para Rio de Janeiro para estudar no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), onde permaneceu no período de 1967 a 1973.

Bem, na minha cidade não tinha escola para surdos. Eu tenho um primo mais velho que foi estudar no Rio, no início. E aí meus irmãos tinham acesso à escola, eu sou o caçula da família e eu queria ir também para escola... e meus pais tinham dificuldades financeiras para poder me colocar para estudar, mas eles me levaram para iniciar

os estudos no Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), eu tinha 11 anos. E aí eu fui para a cidade do Rio de Janeiro e fiquei lá por sete anos, morando lá, e depois, quando eu retornei, fui para Belo Horizonte e ingressei em uma escola regular, de ouvintes. Era uma “inclusão”, daquele jeito, não tinha intérprete eu não entendia nada, mas eu tinha apoio dos colegas que faziam os “para casa” com os meus familiares e me apoiaram, me ajudavam e fui correndo atrás. Concluí os estudos, não fiz o ensino médio nesse período, fiz somente o fundamental, ao invés de continuar na escola fazer o ensino médio **(Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021)**.

No trecho da entrevista acima, podemos notar que a trajetória do professor Antônio Abreu foi marcada pela falta de acesso à educação próximo de casa e, como muitos surdos, teve que se deslocar para outra cidade ou outro estado para que pudesse ter acesso aos processos de escolarização. A sua família era moradora do interior do estado de Minas Gerais e procurou o INES, no Rio de Janeiro, para a sua educação. O INES, instituição na qual Antônio estudou, era uma das poucas que recebiam os surdos contemplando as suas especificidades naquele período, na década de 1960.

Até a década de 1950 no Brasil raramente se falava em Educação Especial ou em inclusão escolar, as ações se restringiam às ações dos governos estaduais e poucas/isoladas ações federais. A partir de 1970, a Educação Especial passou a ser problematizada, tornando-se preocupação dos governos com a criação de instituições públicas e privadas, órgãos normativos federais e estaduais, além das classes especiais (ROGALSKI, 2010). Através do Decreto Federal nº 42.728, de dezembro de 1957, foi criada a Campanha para Educação do Surdo Brasileiro (CESB), instalada no Instituto Nacional de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, tendo por finalidade promover e concretizar as medidas necessárias à educação e assistência no mais amplo sentido. A campanha poderia desenvolver ações de forma direta, ou por meio de convênios com entidades públicas ou particulares.

Convencida de que esta coletividade de surdos a educar dará, em futuro não muito distante, cidadãos úteis à Pátria, a direção do Instituto Nacional de Educação de Surdos, com o beneplácito do Senhor Ministro da Educação e Cultura, propugna pela ampliação da rede educativa, na qual os deficientes da audição e da fala possam condignamente situar-se. Para levar a bom termo esse intento e baseada no preceito constitucional de que a educação é direito de todos (e os deficientes sensoriais podem recebê-la, com êxito), esta direção houve por bem propor a Sua Excelência, o Senhor Ministro da Educação e Cultura, a criação da CAMPANHA PARA A

EDUCAÇÃO DO SURDO BRASILEIRO, cujas finalidades primordiais seriam: a organização e o financiamento de planos exequíveis de proteção e ajuda aos deficientes da audição e da fala e a promoção de iniciativas assistenciais, técnicas estatísticas que se enquadrem na educação ou reeducação dos aludidos deficientes, com o objetivo de soerguê-los moral, cívica e socialmente (BRASIL, 1957, p. 6).

Portanto, a educação dos surdos entra com mais força na pauta política a partir da CESB em 1957. Mas, como demonstrado no exame dos prontuários analisados neste estudo, as crianças surdas demoravam a chegar às escolas e havia pouco conhecimento sobre a melhor forma de educá-las na época. A ida para o INES aos 11 anos de idade revela a busca por melhores oportunidades educacionais.

E aí, depois já mais velho eu fui fazer o supletivo em um mês, eu concluí o ensino médio e fiz o vestibular. Tentei na PUC e na Universo o curso de história, e na PUC era curso de pedagogia com ênfase em educação especial. E aí eu optei pelo curso de história, para poder entender o processo da formação da história e contar a história do povo surdo e geralmente as pessoas me conhecem, né, por isso. E aí a universidade me trouxe esse leque de informações para poder pesquisar a história do povo surdo, depois atuei como professor de história e geografia na Escola Francisco Sales no período da manhã e, no período da noite, na EJA, por 5 anos. Eu frequentava a Associação dos surdos desde o início, fui presidente da Associação dos Surdos de Minas Gerais e segui aí na militância (...) **(Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021).**

O forte movimento sociopolítico dos surdos encontra-se associado ao uso da língua de sinais, essa é talvez a sua maior pauta. Impedidos de fazer o uso dessa língua nas instituições escolares, os surdos foram se organizando em movimentos de resistência e em busca de reconhecimento da Libras e de ampliação de seus espaços de uso. De acordo com Brito (2013), a maior parte das associações de surdos se estabeleceu em momentos de maior ênfase na oralidade e na negação das diferenças.

No Brasil, há registros de que, no final da década de 1930, um grupo de surdos ex-estudantes do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) fundou a Associação Brasileira de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. Uma segunda associação foi fundada em maio de 1953 com a ajuda de uma professora de surdos, Ivete Vasconcelos. Além disso, os ex-estudantes do INES voltavam para suas cidades de origem e criavam associações de surdos, tais como a Associação de Surdos-Mudos de São Paulo, fundada em março de 1954, e a Associação de Surdos de Belo Horizonte, em 1956 (LANNA-JÚNIOR, 2010, p. 31).

Lanna-Júnior (2010) afirma ainda que a organização dos surdos brasileiros tem forte ligação com os esportes. O professor Antônio Abreu, como dito anteriormente, participou da fundação da Confederação Brasileira de Desporto dos Surdos. Os eventos esportivos da comunidade surda, além de proporcionar a prática de atividade física e momentos de lazer, propiciavam oportunidades dos surdos se encontrarem. Nesses encontros surgiam discussões de pautas políticas a favor da educação da comunidade surda. O próprio Antônio Abreu se envolveu nessas ações, conforme será apresentado mais a frente.

Além das atuações profissionais elencadas anteriormente - dentre elas como professor de História e de Geografia em uma escola de surdos -, Antônio ainda trabalhou, de 1989 a 1990, como instrutor voluntário de Libras na Escola Assistência Áudio-Visual para Deficientes Auditivos (AAVIDA) para crianças e adolescentes surdos na cidade de Divinópolis, no interior de Minas Gerais. Segundo ele, o seu trabalho na instituição se deu por haver naquele tempo uma grande carência de profissionais no campo:

Eu atuei na AAVIDA como instrutor de Libras, voluntário, sem remuneração. Eu ia para a escola, em Divinópolis... Ela é uma escola que tem uma característica de ser bilíngue (...). Nessa época, que fui trabalhar lá, eu já trabalhava na Usiminas, que é pertinho da UFMG na região da Pampulha (**Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021**).

Na fala de Antônio, referenciada acima, é possível notar que a sua atuação a favor dos surdos não se dava apenas no campo político, dentro dos movimentos sociais, mas também abrangeu outros campos, como a docência. Ou seja, ao atuar como professor/instrutor de Libras, de forma voluntária, ele auxiliava para que outras crianças surdas pudessem aprender essa língua e, assim, contribuía para a educação de surdos no estado de Minas Gerais.

A escola referenciada por Antônio, a AAVIDA, foi fundada em abril de 1979, como parte do chamado “Clube das Acácias” da cidade de Divinópolis, que fica a pouco mais de 120km de Belo Horizonte. O então clube era formado por esposas dos maçons, que apoiaram essa atividade de ensino ao notarem um grande número de pessoas surdas sem oportunidades de aprendizado, principalmente crianças e adolescentes. A escola funcionou inicialmente como

um anexo do clube e, ao mesmo tempo, a sua gestão buscava por profissionais especializados em ensino para surdos e também por financiamento para a sua manutenção. No ano de 1986, foi firmado um convênio da Rede Estadual de Ensino com a Escola, que passou a funcionar como classe anexa à Escola Estadual Helena Antipoff. No ano de 1988, foi extinto esse convênio entre o Estado e a Escola, que passou a funcionar de forma independente e se tornou uma escola bilíngue para surdos. Desde então, ela tem sido mantida pela instituição chamada de Sociedade Educacional e Beneficente Estrela do Oeste de Minas (AAVIDA, 2021).

A atuação de Antônio na escola AAVIDA marca também o percurso da educação de surdos no estado, que perpassa a atuação filantrópica, a atuação voluntariada e a atuação do estado, ao mesmo tempo em que a comunidade surda reivindicava o direito à educação pública. De acordo com Garcêz (2015), o movimento político da comunidade surda buscou ao longo dos anos romper com a ideia da tutela, tentando trazer um protagonismo político dos surdos. Para isso, a comunidade surda se organizou em espaços educacionais, em relações estabelecidas nas associações e em outros locais que se reuniam para conversar sobre as lutas sociais, nas mais diversas áreas, fossem presenciais ou mais recentemente por meio das redes sociais.

Em relação a essas atuações, sobretudo para uma organização política da comunidade surda, Antônio Abreu lembrou o papel da FENEIS e a mudança do nome e da orientação política da instituição.

Na minha juventude a gente não tinha nenhum grupo de colegas surdos, mas existia FENEIDA. Eu conhecia diversas pessoas na FENEIDA, que era no Rio de Janeiro. A maior parte dessas pessoas havia sido meus professores. O foco da FENEIDA estava sempre na “perda da audição” naquele tempo. Naquele tempo eu participava do movimento dos surdos parte esportiva, na Confederação Brasileira de Surdos (CBS) e nas federações esportivas dos surdos. E nesses espaços eu comecei a pensar sobre a questão da cultura, da educação, dos Direitos Humanos, da comunicação... como que isso seria? Na área dos esportes a gente tinha sim as nossas dificuldades, mas já tínhamos instituições estabelecidas. E nos demais espaços? Foi aí que começamos a formar um grupo politizado, pensando nessas questões. Como um dos primeiros movimentos, a gente tomou espaço na FENEIDA, que levava em seu nome as letras D e A, que era de ‘deficientes auditivos’, e transformamos em FENEIS, colocando o S de surdos. Ela passou então a marcar em seu nome a nossa luta principal, que era pelo uso da língua de sinais. E depois, o nosso próximo passo, passou a ser a luta pela educação, garantindo acesso para pessoas surdas e que houvesse professores qualificados para isso, nós não tínhamos formação para os

professores (**Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021**).

Na fala de Antônio, citada acima, é possível notar a sua participação em um importante marco para a organização institucional e política da comunidade surda brasileira. A Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), mencionada em sua fala, foi criada ano de 1977. Em seu estudo, Brito (2013) entrevistou Ana Regina Campelo que era naquele tempo e continua sendo atualmente uma das lideranças da comunidade surda. Ela participou do movimento citado por Antônio e, segundo ela, “a diretoria [da FENEIDA] era composta de funcionários ouvintes (a maioria professores do Instituto Nacional de Educação de Surdos) que se candidataram voluntariamente e de algumas pessoas militantes ouvintes de outros estados”. Ainda em sua entrevista, Ana Regina informou que a gestão da FENEIDA tinha como objetivo fazer com que os surdos falassem, oralmente, assim seus dirigentes “recebiam verbas do governo para comprar os aparelhos fonoaudiólogos e distribuir às escolas. Tudo era baseado na visão clínica terapêutica. Até o estatuto dela promovia esse objetivo” (BRITO, 2013, p.111).

Brito (2013), ao dar mais detalhes sobre a mudança de nome e a mudança de orientação política da então FENEIDA, explica que a referida postura da gestão em voltar os seus esforços para que os surdos pudessem ouvir e a sua instabilidade financeira deu origem a uma série de contestações por parte das pessoas surdas. Ainda segundo o autor,

(...) os ativistas surdos cogitavam criar uma organização nacional de surdos desde que participaram das deliberações do 3º encontro nacional do movimento das pessoas com deficiência de 1983 acerca da organização de federações nacionais por tipo de deficiência. Entretanto, eles não contavam com os recursos financeiros necessários para essa finalidade e, por isso, desenvolveram a estratégia de tomar o poder político na FENEIDA para assim poder transformá-la em uma organização efetivamente de surdos e não para surdos, sendo essa autodeterminação outra importante bandeira do movimento das pessoas com deficiência. A candidatura de Ana Regina Campello à presidência da FENEIDA surgiu com esse propósito e, apesar do preconceito e oposição da diretoria ouvinte, que ainda operava na lógica dos padrões do modelo médico da surdez, ela conseguiu eleger-se (BRITO, 2013, p. 112).

A partir desse ano, 1987, a FENEIS constituiu-se como uma instituição não-governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, com caráter educacional, assistencial e sociocultural. Assim, de acordo com Ferreira-Brito (1993), a

mudança de FENEIDA para FENEIS não se resumiu a alteração de do nome. A ideia de que os surdos deveriam se ajustar ao “padrão”, tendo que se comunicar como ouvintes, passou a ser fortemente tensionada. Esse movimento se relaciona intimamente com a lutas dos surdos pelos anos seguintes, que acarretou no reconhecimento da Libras, por lei, em 2002. Na entrevista realizada neste estudo, Antônio destacou algumas das pautas do movimento dos surdos, suas lutas nesse período e também sobre o preconceito que sofreram.

(...) outro Pilar era o espaço no mercado de trabalho, e aí entrava também a luta pelo reconhecimento da língua de sinais. Esse processo foi árduo, porque falavam que a gesticulação se assemelhava a comunicação dos macacos. Eu fui bastante ofendido! Ao mesmo tempo, muitos surdos não estavam satisfeitos com as escolas, não concordavam, não se sentiam bem nas escolas. Muitos colegas surdos largavam a escola e iam para Associação de Surdos e, na Associação, e lá se encontravam. Às vezes a gente pensa na centralidade que tem sim a FENEIS na luta política, mas antes dela estão as associações como espaço real para os surdos. Quando a gente tentava se encaixar socialmente e recebia um não, a gente tinha como espaço as associações. Lá interagíamos em Libras e falávamos sobre o nosso ensino em Libras. A negação das nossas pautas era “você não têm isso”, “você não têm esse acesso”, porque a gente não tinha a língua de sinais reconhecida nas nossas legislações, né? A gente sabia naquele tempo o que a gente queria, mas a gente não sabia como conquistar (**Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021**).

A fala de Antônio ressalta o preconceito que sentia naquele período quando percebia que a “gesticulação” no uso da língua de sinais era remetida à comunicação de animais. Ao mesmo tempo, podemos notar em seu relato o importante papel exercido pelas associações de surdos, que acolhia a comunidade surda e, em meio a atividades culturais e sociais, acabaram se constituído como espaços para o uso da língua de sinais e para a organização política em torno das pautas reivindicadas pela comunidade surda. Nesse processo, é possível fazer um paralelo entre o que ele ressalta em um contexto micro com o que há registrado em estudos em um contexto macro, ou seja, nesse mesmo período, nos anos 1980, os usos das línguas de sinais passam a serem pautas de estudos científicos. Com forte influencia de estudos desenvolvidos nos Estados Unidos nos anos 1960 (STOKOE, 2005) e com o desenvolvimento de estudos no Brasil (BRITO, 2010), a comunidade surda se

organizou cada vez mais em torno de suas pautas. Esse dado foi também destacado durante a entrevista:

(...) e aí, no processo de nos organizarmos, tivemos contato com uma equipe de uma Universidade nos Estados Unidos, e que nos mostrou seus caminhos... tudo isso no processo para a comprovação de que usávamos uma língua. A Lucinda Ferreira Brito, que é uma liderança surda, inspirada nos trabalhos dos EUA, fez um estudo bastante detalhado para mostrar o que a língua de sinais é uma língua. E foi assim que no final dos anos 1980 foi dado o primeiro passo, que depois de muito esforço deu origem à Lei 10436 de 2002, que reconheceu a Libras. **Mas, aqui no Estado de Minas Gerais, em 1991 conseguimos antes a aprovação da Lei 13.709, que já reconhecia a Libras.** Naquele tempo as coisas não eram fáceis, na época era tudo por correspondência, era como a gente se comunicava. E mesmo assim, aqui tivemos essa primeira conquista, mas, ainda assim essa Lei de Minas Gerais ignorada nas escolas, as pessoas não podiam usar a Libras oficialmente. Considerando o Brasil todo, a gente só tinha reconhecimento em Minas Gerais, que legalmente aceitava a língua de sinais, a gente tem guardado esses registros. Mesmo assim a nossa luta não parou, continuamos nessa luta. A educação especial sempre pautou fortemente nas deficiências intelectuais, e não considerava a nossa luta (**Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021, grifo nosso**).

A fala supracitada de Antônio Abreu mostra um marco para o estado de Minas Gerais, que foi o reconhecimento da Libras enquanto língua no ano de 1991, quase 12 anos antes do reconhecimento nacional. Nessa lei, em seu preâmbulo, está assinalado que se “reconhece oficialmente, no Estado de Minas Gerais, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais – Libras” (MINAS GERAIS, 1991). Desse modo, estão marcadas por meio do documento as reivindicações feitas pela comunidade surda no estado, que enviou cartas, fez reuniões com políticos com o apoio de intérpretes e se mobilizou em torno dessa pauta. Contudo, conforme assinalado por Antônio Abreu, a lei estadual que reconheceu a Libras em Minas Gerais não teve grandes reverberações em termos de adesão nos sistemas de ensino e na educação de surdos, o que fez com que a comunidade surda do estado continuasse mobilizada. Para a organização dessas lutas, três anos depois da aprovação da Lei de Libras do estado, foi fundada uma filial da FENEIS em Belo Horizonte. Na figura abaixo pode ser vista uma publicação da época, de 1994, registrando a criação da filial em Minas Gerais:

Figura 10 - Capa do jornal da FENEIS apresentando a criação de sua filial no estado de Minas Gerais em 1994



Fonte: Documento produzido pela FENEIS e imagem registrada por Antônio Abreu.

Conforme relata a matéria apresentada na imagem do jornal acima, a filial da FENEIS foi criada pelo próprio Antônio Abreu, sendo essa criação o cumprimento de uma de suas promessas quando se candidatou ao cargo de direção da entidade, que até então tinha apenas a sua sede no Rio de Janeiro.

Na imagem principal do jornal, Antônio Abreu está ao centro, de blusa branca e usando óculos de armação preta, ao lado de outros representantes da comunidade surda. Naquele momento, a FENEIS era uma das poucas entidades no país que atuava no ensino de Libras e na formação de intérpretes, mesmo a profissão não sendo reconhecida ainda. A profissão de Tradutor-Intérprete de Língua Brasileira de Sinais apenas foi reconhecida oficialmente em 2010. Contudo, no ano 2000, foi publicada a Lei de Acessibilidade, Lei nº 10.098, de 19 dezembro de 2000, que previa a atuação de Intérpretes de Libras nas instituições escolares como forma de promoção de acessibilidade aos surdos (BRASIL, 2000). Com a criação de cursos de Libras e, posteriormente, a criação de cursos para a qualificação de intérpretes na FENEIS Minas Gerais, foi possível iniciar a ampliação de profissionais no estado.

Segundo Antônio Abreu, uma das ações realizadas pela comunidade surda nesse processo de profissionalização aconteceu logo no início dos anos 2000, com a mobilização para a formação de professores de Libras surdos (chamados de instrutores). Essa ação aconteceu por meio de um curso realizado pelo Ministério da Educação destinado a participantes de diversos estados, para que pudessem voltar para suas cidades e multiplicar esse trabalho.

(...) em 2001 tivemos um encontro de 88 pessoas surdas, vindas de vários lugares do Brasil, lá no Ministério da Educação, em Brasília. A partir desse encontro fizemos o primeiro curso de formação de instrutor, para ensinarmos Libras, e então, nos tornamos de agentes multiplicadores (**Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021**).

Até o início dos anos 2000, a FENEIS e as associações de surdos foram os principais espaços de ensino e aprendizado da Libras no estado. Além disso, algumas instituições religiosas atuaram no ensino da Libras para o contato e catequização de pessoas surdas. Após a aprovação da lei que reconheceu a Libras, Lei nº 10.436, de 24 de abril 2002, esse cenário começou a ter mudanças mais expressivas. Essa lei foi regulamentada pelo Decreto 5.626, no ano de 2005, tornando, entre outras coisas, o ensino da Libras obrigatório em cursos de licenciatura e o direito a se ter intérpretes de Libras nas instituições de ensino. Com isso, somada à ampliação do ensino superior

no país por meio de novas vagas em instituições públicas e com bolsas em instituições privadas, muitas pessoas surdas puderam ter acesso ao ensino superior.

O próprio acesso de Antônio Abreu ao ensino superior pode ser considerado um marco importante na educação de surdos. O seu ingresso na graduação em 2005, mesmo ano da aprovação do Decreto 5.626, a sua busca por intérpretes na instituição em que estudou e a conclusão de sua graduação em 2007 serviu de exemplo para outros surdos. Assim como ele, muitos surdos haviam ingressado no ensino superior, alguns se graduaram antes (nas décadas de 1980 ou 1990), porém com muitos desafios em termos de acessibilidade.

Os trabalhos desenvolvidos por Antônio Abreu para a comunidade surda, em sua maioria, foram trabalhos voluntários. Embora tenha tido uma forte atuação no campo da educação, a sua atividade profissional principal e que garantia a sua renda foi o seu trabalho como industriário, de 1987 a 2012 (quando se aposentou) na Usiminas, uma empresa do setor siderúrgico com sede em Belo Horizonte. Segundo ele, considerando todos os seus cargos profissionais:

(...) trabalhei 35 anos e me aposentei. Depois de aposentado, eu pensei o que eu iria fazer. Então teve um processo seletivo na Escola Estadual Francisco Sales [que é uma escola para surdos localizada em Belo Horizonte]. Fui aprovado nesse processo seletivo e me tornei professor, atuando na educação de surdos. Encarei o desafio de atuar no ensino fundamental com alunos surdos, sendo muitos deles pessoas que tinham também outras deficiências. Isso para mim não foi problema, mas a questão de que esses alunos não terem uma língua de comunicação, muitos não saberem língua de sinais, foi preocupante. Atuei na escola também no turno da noite na EJA, com alunos adultos que não tiveram a oportunidade de estudar - muitos deles proibidos de estudar por suas próprias famílias e que não tiveram oportunidade porque eram moradores de zona rural. E nesse contexto eu trabalhava com conteúdos de história e de geografia (...) **(Antônio Campos de Abreu, entrevista realizada em 13/05/2021).**

A atuação de Antônio Abreu como professor de 2014 a 2021 o fez perceber os desafios ainda presentes na educação de surdos, como por exemplo, a presença de muitos estudantes que estão no Ensino Fundamental II e ainda não aprenderam a Libras ou outra forma de se comunicar. Esses

estudantes, sem a oportunidade de se comunicar em casa, chegavam à escola e não havia uma forma de mediar diretamente o ensino de conteúdos. Com isso, o ensino da Libras acabava de algum modo perpassando todas as disciplinas da Escola Estadual Francisco Sales. A referência para os alunos surdos em terem um professor também surdo é ressaltada por ele como uma representatividade/exemplo importante.

Fazendo uma retrospectiva em sua atuação no campo da educação, Antônio Abreu afirmou que conheceu pessoalmente a professora Ester Assumpção, na cidade de Betim, para conhecer os seus trabalhos com surdos. Segundo ele, na Escola Estadual Pestalozzi havia muitos surdos, embora o maior número fosse de estudantes com deficiência intelectual. Ressaltou também que a Escola Pestalozzi foi uma instituição importante na educação de surdos na capital mineira, acolhendo, principalmente, os alunos das classes sociais menos favorecidas. Para ele, antes da fundação da Escola Estadual Francisco Sales (Instituto da Deficiência da Fala e da Audição - IDFA), havia muitos surdos que frequentavam apenas a Associação dos Surdos de Minas Gerais (ASMG) por não terem outras possibilidades institucionais de aprendizado. O Instituto Santa Inês, já mencionado neste estudo, foi uma importante instituição para a educação de surdos em Belo Horizonte, mas, segundo Antônio, os pais com melhores condições financeiras tinham mais possibilidades de colocarem os seus filhos surdos no Instituto, por ser uma instituição privada, embora houvesse programas de bolsas. Assim, em sua visão, essa é uma questão a ser observada em geral, ou seja, as desigualdades sociais, que implicam nas oportunidades de aprendizado independentemente das especificidades.

Na atualidade, Antônio Abreu preside novamente a FENEIS nacional, tendo iniciado o atual mandato em 2020. Além disso, ele acompanhou o Movimento Bilíngue Mineiro e o Movimento Bilíngue Nacional (iniciado em 2011)²⁷ na busca da aprovação de uma política que permitisse a criação de escolas bilíngues para surdos. Como resultado de um longo processo de

²⁷ Esses movimentos foram iniciados no ano de 2011, quando uma política que estava tramitando o fechamento das escolas especiais e, conseqüentemente, o fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Com isso, manifestações de surdos surgiram em diversas partes do país e se deslocaram para um grande ato em Brasília, oficializando, naquele momento, o movimento de surdos em defesa da educação bilíngue.

reivindicação - e também do trabalho de lideranças surdas mais jovens como Rosely Lucas, Clarissa Fernandes, entre outras -, o projeto de Lei para a criação de escolas bilíngues para surdos foi aprovado na Assembleia Legislativa de Minas Gerais e sancionado em 6 de janeiro de 2021, por meio Lei Estadual nº 23.773.

Em âmbito nacional, Antônio Abreu participou das reivindicações no congresso e esteve presente, como presidente da FENEIS, quando foi sancionada a Lei 14.191 de 2021. Essa lei inseriu a educação bilíngue de surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/1996 e, com isso, ela passará a ser reconhecida como uma modalidade de ensino independente, que antes era incluída como parte da educação especial. Esse desmembramento gerou muitas discussões contrárias à proposta, principalmente de pesquisadores do campo da Educação Especial, por receio da volta das antigas classes especiais e da exclusão dos surdos. Contudo, com a defesa de muitos membros da comunidade surda, que defenderam o Projeto de Lei relatando suas experiências desafiadoras de aprendizado (incluindo Antônio Abreu), a Lei foi aprovada. Por meio desse documento, a educação bilíngue para surdos passa a ser categorizada como aquela na qual a Libras será ensinada como primeira língua e o português escrito como segunda. Como o processo muito recente, ainda não é possível conhecer como serão os seus desdobramentos em termos práticos - o que certamente demandará um distanciamento e a realização de outros estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível perceber, em grande medida, os desafios enfrentados na educação de surdos. Esses desafios podem ser observados a partir da revisão bibliográfica sobre o tema, que discutiu os embates sobre oralismo e língua de sinais e, em seguida, pelos dados obtidos na pesquisa de campo deste estudo, tais como as dificuldades relatadas na revista *Infância Excepcional*, sobre a precariedade dos serviços, até os registros sobre a educação dos surdos recuperados nos prontuários.

As análises dos dados coletados confirmam que na cidade de Belo Horizonte ocorreu o que tem sido documentado em muitos estudos sobre a educação de surdos. Ou seja, no período aproximado de 1880 a 1980 ocorreu certa hegemonia do oralismo como metodologia pedagógica para educação dos surdos. Contudo, o estudo também revelou nuances de preocupação em se atender os alunos surdos e, também, o movimento feito por lideranças surdas pelo reconhecimento da Libras.

Os trabalhos de personagens pioneiros, e suas perspectivas em relação à educação de surdos, implicaram em diversas mudanças nas abordagens educacionais trabalhadas com os surdos. Ao longo dos anos, foi possível se notar algumas quebras da visão capacitista (ou 'audista', como se diz na comunidade surda), que buscava com que os surdos se adaptassem à "normalidade", para que a sua língua e modo de interação com o mundo pudesse ser acolhido.

Por outro lado, sabemos também que os esforços de cada época foram realizados de acordo com as possibilidades do período. Desse modo, embora tenhamos hoje um longo percurso de lutas para entender as melhores possibilidades de educação desses estudantes, precisamos saber também que a construção desse conhecimento levou tempo e também teve a contribuição de muitos pioneiros que se esforçaram, ao seu modo, na busca do que consideravam como as melhores possibilidades de cada período.

A análise dos documentos registrados pela psicóloga e educadora Helena Antipoff mostrou que esses trabalhos ainda são pouco explorados em relação à educação de surdos. Helena Antipoff fundou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte em 1932, com o principal objetivo de promover o cuidado

das chamadas “crianças excepcionais” e também assessorar as professoras de classes especiais dos grupos escolares. Nesse contexto, dentre o público que buscava por seus trabalhos na época, estava o encaminhamento de muitos alunos surdos, os quais eram recebidos e registrados por meio de prontuários.

Além do trabalho de Helena Antipoff, a professora Ester Assumpção (1906-2001) também atuou com a educação de surdos no estado de Minas Gerais. Ela estudou na primeira turma da Escola de Aperfeiçoamento e tornou-se professora das classes anexas da Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, convidada por Helena Antipoff para ser gerente das turmas, principalmente para crianças surdas.

Os documentos consultados e analisados do acervo da Escola Estadual Pestalozzi, *locus* da pesquisa, mostra a sua importância como a primeira instituição da cidade a se dedicar ao campo, na qual havia o registro de escolarização de crianças surdas. Na instituição, a partir da coleta de fontes primárias, tais como cartas, atas, relatórios, legislação e prontuários a fim de entender como aconteciam os trabalhos especializados com os alunos surdos muitas pistas foram encontradas. Os documentos da Escola estavam armazenados em caixas de “arquivo-morto”, os prontuários consultados estavam organizados em ordem alfabética. Na análise dos documentos coletados sobre esse período histórico, a palavra defeito estava presente nos prontuários, o que nos denota uma visão, naquele período, do modelo médico da deficiência.

Nas correspondências de Helena Antipoff e Helena Dias Carneiro, conversando da educação dos surdos (1955), foi possível encontrar o termo “demutisação”, para se referir ao trabalho com os surdos. Helena Antipoff usou esse termo para se referir ao trabalho exercido pelo padre Vicente Burnier na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

No total, foram encontrados 246 prontuários de registros feitos a partir da década de 1930. Desses, 148 eram de crianças do sexo masculino e 98 de crianças do sexo feminino. Oriundo da década de 1930, foram analisados 4 prontuários; da década de 1940, 44 prontuários; de 1950, 55 prontuários; de 1960, 77 prontuários; de 1970, 61 prontuários e de 1980, 4 prontuários.

No processo de análise desses documentos, foi possível perceber que na maioria dos registros constava uma anamnese sobre os alunos, em que

constavam informações principalmente sobre a saúde e o histórico deles, mas pouquíssimas informações sobre a educação e as abordagens de ensino.

Nos registros presentes nesses documentos, em relação aos alunos surdos, foi possível encontrar descrições com termos como: lento, vivo, corajoso, dócil, paciente, tagarela, irritadiço, sujeito a crise de raiva, dado e sociável, alegre, chorão, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.

Algo peculiar nesse registro, por exemplo, é o fato de uma criança surda ser considerada como “tagarela”, apesar de nos anos de 1940 ter sido amplamente utilizada a denominação de “surdo-mudo” para fazer referência aos surdos. Essa forma de se referir aos surdos foi confirmada pela professora entrevistada neste estudo, que afirmou que a palavra mudez estava presente no vocabulário da época, o que foi uma grande luta posterior da comunidade surda para o não uso dessa expressão.

Outro dado importante encontrado nos prontuários é o fato de que muitos dos alunos surdos chegavam à escola com uma idade mais avançada, não tendo qualquer tipo de escolarização anterior. Dos 246 prontuários analisados, 46 prontuários especificaram que a criança nunca tinha ido à escola. A maior parte dos alunos já chegava ao Instituto após os 10 anos de idade.

Contudo, embora esse dado seja bastante relevante para compreendermos o contexto de acesso à educação na época, certamente devemos levar em conta que a educação naquele tempo estava muito longe de ser universal e a comunicação/divulgação das poucas oportunidades possíveis era lenta, realizada por meio de cartas. Além disso, certamente as famílias mais abastadas seriam as que teriam mais acesso, até mesmo devido à escolarização dos pais.

Nas entrevistas realizadas com a professora Maria Barbosa Coelho e com o professor Antônio Campos Abreu observamos o caminhar desses elementos identificados - principalmente em relação à visão dos surdos na época - para uma progressiva conquista de direitos pela comunidade surda.

A professora Maria Barbosa Coelho, a partir de suas experiências de trabalho no Instituto Pestalozzi no período de 1966 a 1983, indicou que além dos alunos surdos, havia surdos com deficiência intelectual e com Síndrome de

Down. Esses estudantes mais tarde foram transferidos para a Escola Estadual Francisco Sales, instituição na qual a professora Maria Barbosa, em 1983, passou a atuar como professora. Toda a sua trajetória individual de trabalho pode ser considerada também uma conquista para os surdos, que podiam a ver como um adulto semelhante e de referência.

A entrevista com Antônio Campos Abreu revelou, primeiramente, a sua trajetória individual, que reflete o processo de escolarização de muitos surdos e, em segundo, mostrou como o seu engajamento e o de outras lideranças surdas contribuiu significativamente para a conquista no espaço político e de direitos pela comunidade surda. Em sua infância, o deslocamento para estudar no INES, no Rio de Janeiro, nos mostra um exemplo de que a educação naquele tempo não era para todos, principalmente para pessoas surdas, com deficiência ou que não tivessem possibilidades econômicas e sociais para esse tipo de acesso. Mais tarde, a sua atuação no campo dos esportes para surdos, nas associações, na constituição de entidades e espaços políticos para os surdos, mostrou o seu papel enquanto multiplicador das oportunidades que teve. Mas não parou por aí, mesmo tendo um emprego em uma indústria para manter o seu sustento, Antônio Abreu foi professor de Libras voluntário e se manteve presente no campo político reivindicando o uso da língua de sinais, o direito à educação e o reconhecimento do bilinguismo dos surdos. Todos esses engajamentos, somados aos trabalhos de outras lideranças da comunidade surda, possibilitou a conquista de muitas pautas historicamente reivindicada pelos surdos.

Vale a pena lembrar que, em Minas Geras, apesar do pioneirismo na educação de pessoas com deficiência e também de pessoas surdas, ainda há poucos estudos históricos nesses campos. Principalmente em relação à educação de surdos nos períodos mais antigos ao se tratar da cidade de Belo Horizonte. A história do movimento político para a educação de surdos em Belo Horizonte se confunde com o movimento nacional. No estado de Minas Gerais surgiram grande lideranças nacionais dos movimentos da comunidade surda, como Antônio Abreu, entrevistado neste estudo, Patrícia Resende, defensora da educação bilíngue para surdos, entre outros. Desse modo, torna-se relevante finalizar este trabalho com a indicação de que outros estudos seriam importantes para aprofundar, por exemplo, os processos de negociação que

foram feitos com o governo local para que os paradigmas em relação à educação de surdos fossem sendo alterados.

REFERÊNCIAS

AAVIDA. **Histórico da AAVIDA**. Disponível em <<http://aavida.com.br/>>. Acesso em: 05 set. 2021.

ABREU, Antônio Campos. **História de Surdos**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Salgado de Oliveira. 2007. 48p. Belo Horizonte, 2007. Disponível <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAAA9w0AC/campos-abreu-monografia-historia-surdos>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Mara Rúbia Pinto de; SILVA, Luzia Márcia Resende. Língua Brasileira de Sinais no Estado de Minas Gerais: Movimentos sociais e os registros que antecedem o documento nacional. **III EHECO** – Catalão - GO, Agosto de 2015.

ANTIPOFF, Helena Carta - carta de 26 de setembro de 1956, dia nacional dos surdos no Brasil. **Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais**. 1956.

ANTIPOFF, H.; BARBOSA, Y. Material para estudo da experimentação natural no trabalho – década de 1940: Escola Rural D. Silvério – Outubro de 1943 – Como método de experimentação. In: **CDPH (Org.) Coletânea de Obras Escritas de Helena Antipoff** – Educação do Excepcional, v. 3. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, Publicado, inicialmente, em 1943, 1992.

ASSUMPÇÃO, Ester. Nossa experiência com o ensino e a educação dos surdos mudos. **A Infância Excepcional** (sub normaes e desamparados), n.16, p. 67 - 75, Boletim da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, publicação a cargo da Sociedade Pestalozzi. 1934.

BARBOSA, Esther Augusta Nunes. **A revista Infância excepcional (1933 – 1979): uma contribuição para a história da educação especial**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019, 168f.

BORGES, Adriana Araújo. **De anormais a excepcionais: história de um conceito e de práticas inovadoras em educação especial**. Curitiba: CRV, PR. 2015.

BORGES, Adriana Araújo Pereira; BARBOSA, Esther Augusta. Helena Antipoff e a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais: filantropia e ciência em prol dos anormais. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro. V.26, supl., dez. 2019, p. 163-177.

BORGES, Adriana A. P.; CAMPOS, Regina H. de F.; SILVA, Paulo Vitor R. **As três fases da Educação Especial em Minas Gerais: um resgate iconográfico**. 1. Ed. Belo Horizonte, Faculdade de Educação, 2020. 249p.

BORGES, Adriana; CAMPOS; Regina Helena de Freitas. A Escolarização de Alunos com deficiência em Minas Gerais: Das Classes especiais à Educação Inclusiva. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, Edição Especial, p.69-84, 2018.

BORGES, Adriana A. P.; SIEMS, Maria Ed. R. Fontes do conhecimento histórico em Educação e Educação Especial: entre a tradição e a renovação. **Revista Educação Especial**, v. 33, 2020.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Casa Civil, 1988.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Casa Civil, 2005.

BRASIL. Decreto nº 42.728, de 3 de dezembro de 1957. Institui a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-42728-3-dezembro-1957-381323-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 30 set. 2021.

BRASIL. Decreto nº 72.425, de 3 de julho de 1973. Cria o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) e das outras providências. Brasília: Casa Civil, 1973.

BRASIL. Lei nº 10.379, de 10 de janeiro de 1991. Reconhece oficialmente, no Estado de Minas Gerais, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Presidência da República. Belo Horizonte: Assembleia, 1991.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Dispõe sobre regulamentação de profissão de Tradutor e intérprete da Libras. Presidência da República, Brasília, 2010.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001 (PNE 2001-2010). Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília: Ministério da Educação, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, Casa Civil. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. 2002. . Brasília: Casa Civil, 2002.

BRASIL. Lei nº 10.917, de 14 de março de 2016. Aprova o Plano Municipal de Educação de Belo Horizonte e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2016.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 18 jan. 2021.

BRASIL. Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 out. 2020.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília: Casa Civil, 2021.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm. Acesso em: 13 set. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro**. Rio de Janeiro: [s. n.], 1957.

BRASIL. MEC/SEESP. **Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos**. Brasília, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997, 126p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Decenal de Educação para Todos**. Brasília, DF, 1993.

BRITO, Fábio Bezerra de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. 2013. Doutorado (em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por Uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

CABRAL, Eduardo. Para uma cronologia da Educação dos surdos. **Revista de Comunicação, nº 3, APECDA**, Porto, pp. 35-53, 2005.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2 , 2014.

CAMPOS, Regina H. F. Helena Antipoff. In: FÁVERO, Maria de Lourdes A.; BRITTO, J. (Orgs.) **Dicionário de educadores no Brasil – da colônia aos dias atuais**. UFRJ/ MEC-InepComped, Rio de Janeiro, 2002. p. 451-457.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.

CASTRO, Maíra de. **Educação de surdos: da educação narrada nos livros à história vivida**. TCC (Graduação em Pedagogia), Faculdade de Educação, UFMG, 2017, 47f.d. Massangana, 2010. 152f.

CANTON, Letícia Bernini. **Legislação para Educação de Surdos: Uma política de Inclusão**. TCC (Graduação em Pedagogia), Universidade Federal de Ouro Preto, 2018. 73f.

COSTA, Heliane A. C. **Políticas Públicas na Educação dos Surdos: O que se diz, o que se faz, o que os surdos querem....** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. 366f.

DECLARAÇÃO Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990) aprovada pela Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

DIAS, Lourdinha. **Você conhece esta escola? Instituto Pestalozzi - 40 anos a serviço do Excepcional servindo Minas e o Brasil: 1935 a 1975**. **Revista Instituto Pestalozzi**, 1975.

DISTRITO FEDERAL. Decreto 2.361, de 06 de setembro de 1973. Disponível em <http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/3428/Decreto_2361_06_09_1973.html>. Acesso em: 30 set. 2021

DORES, Clarissa Fernandes das. **A Escolarização de Surdos e o Congresso de Milão: Eclosão da Normalização para Oralidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2017, 113f.

DUARTE, Ana Beatriz da Silva. **Reeleitura histórica da educação de surdos no Brasil: 1961-1996**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2009, 174f.

FAENOL. **Fundação de Atendimento Especializado de Nova Lima**. Disponível em <<http://faenol.org.br>>. Acesso em: 10 set. 2021.

FAZZI, Ernani Henrique. **O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte (1929-1946)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2005.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Comparação de Aspectos Linguísticos da LSCB e do português. Conferência apresentada no II Encontro Nacional de Pais e Amigos de Surdos**. Porto Alegre, 27 a 29 de novembro de 1986.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FREITAS, Geise de Moura. Os Cursos de Formação/Especialização de Professores de Deficientes Auditivos, no Brasil e em Portugal (1950-1980). **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.25, n.2, p.267-282, Abr.-Jun., 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbee/a/PbKVMtY3rdGD9F6mFpn8wLn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

FUKS, Rebeca. Conto 'O patinho feio'. *Cultura Genial*. [<https://www.culturagenial.com/>] 08 jul. 2021. Disponível em <https://www.culturagenial.com/conto-o-patinho-feio/>. Acesso em 10 set. 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **Representação política e lutas sociais: quem fala em nome de quem no debate sobre a educação de surdos**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

GOMES, Fátima Letícia da Silva. **Processo de Escolarização dos Surdos no Piauí: História e Memória da Escola Especializada Professora Consuelo Pinheiro (1970 -1996)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2019, 138f.

GUIMARAES, Maria Cecília Alvim. **Trajetórias escolares de pessoas com deficiência e as políticas de educação inclusiva 2008-2018: da educação básica ao ingresso por cotas na UFMG**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: indicadores de saúde e mercado de trabalho [Internet]. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101758.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde 2019: indicadores de saúde e mercado de trabalho** [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE 2020.

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016**. Disponível em <http://www.ines.gov.br/uploads/institucional/PDI-2012-2016.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016**. Disponível em <http://www.ines.gov.br/uploads/institucional/PDI-2012-2016.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2016.

INSTITUTO PESTALOZZI. **Regimento Escolar**. 1985.

JTC. John Tracy Center. 2021. Disponível em <<https://www.jtc.org>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. **A luta pela Educação do Deficiente Mental no Brasil**. 2.a ed., Campinas, Autores Associados, 1992.

JUNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JUNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker; ROSA, Fabiano. **O Patinho Surdo**. Editora da ULBRA, 2005.

KRÜGER, Heinz-Hermann. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação na Alemanha. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 39-52.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 46, p. 68–80, 1998.

LANNA-JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010. 443p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. Ed. Campinas, SP. Unicamp, 1990.

LIMA, Maria do Socorro Correa. **Surdez, Bilinguismo e Inclusão: entre o dito, o pretendido e o feito**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004. 271f.

LOPES, Valquiria. Índice de analfabetismo em BH é maior entre os deficientes auditivos, mostra IBGE. **Estado de Minas**. Belo Horizonte. 27 de abril de 2013. Disponível em <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/04/27/interna_gerais,378042/indice-de-analfabetismo-em-bh-e-maior-entre-os-deficientes-auditivos-mostra-ibge.shtml> Acesso em 10 dez. 2021.

LOURENÇO, Érika. O Atendimento à Criança Excepcional no Instituto Pestalozzi de Minas Gerais (1940-1949). **Revista Psicologia e Saúde**. v. 9, n. 2, p. 77-89, maio/ago. 2017.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil**: História e políticas públicas. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 22, núm. 57, maio-agosto, 2010.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete Escola Nova. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001.

MINAS GERAIS. Decreto nº 11.908. Cria o Instituto Pestalozzi. Belo Horizonte, Minas Gerais, 1935.

MINAS GERAIS. Lei nº 10379, de 10 de janeiro de 1991. Reconhece oficialmente, no Estado de Minas Gerais, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais – Libras. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa de Minas Gerais, 1991.

MIRANDA, Dayse Garcia. **A história da educação dos surdos**: as práticas educacionais foram determinadas pelos profissionais ou formuladas pelo contexto sócio-político da época. Monografia (Pós-graduação em Educação Inclusiva) – Escola de Governo da Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 2007. 74f.

MIRANDA, Glaura Vasques de. Escola Plural. **Revista Estudos Avançados**, 21 (60), 2007.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. **Fonoaudiologia e Surdez**: uma análise dos percursos discursivos da prática fonoaudiológica no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002. 109f.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. Campinas: Editora Alinea, 2013.

OLIVEIRA, Ellen Cristina Celestino Tomas. A Educação Bilíngue para Surdos como uma ação afirmativa na Constituição do Conhecimento e Identidade do Sujeito. In: LINS, Heloísa A.; NASCIMENTO, Lilian C. R.; SOUZA, Regina Maria de (Org.) Série: **Setembro Azul-5** - Ações afirmativas para pessoas surdas no Processo de escolarização. Biblioteca/Unicamp, 2017.

ORSONI, Liliane Costa Antunes Machado. **A produção de sentidos da surdez e de filhos surdos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos**: A Aquisição da Linguagem. 1a edição. Porto Alegre: Artmed, 1997.

REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri. Perspectivas da escola inclusiva: Algumas reflexões. *In*: RIBEIRO, M. L. ; BAUMEL, R. C. (Org.). **Educação especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, p.41-51, 2003.

ROCHA, Solange Maria da. **Histórico do INES**. Espaço: Informativo Técnico-Científico do INE, Rio de Janeiro, p. 1-32, 1997, edição comemorativa 140 anos.

ROCHA, Terezinha Cristina da Costa. **Libras e Língua Portuguesa em Sala e Aula: da democratização do acesso ao Ensino Superior à participação de estudantes surdos em práticas de letramentos acadêmicos**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Situações de incompreensão vivenciadas por professor ouvinte e alunos surdos na sala de aula: Processos Interpretativos e Oportunidades de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais 2008, 239f.

RODRIGUES, Carlos Henrique; MIRANDA, Luciana de Assis. Fronteiras Linguísticas e Culturais no Processo de Ensinoaprendizagem: contrapondo as turmas com surdos às de surdos. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

ROGALSKI, Solange Menin. Histórico do surgimento da educação especial. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai. **Revista de Educação do IDEAU**. Vol. 5, nº 12 - Jul-Dez, 2010.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SILVA, Danielo da; NEGRISOLI, Kleber de Peder. Biografia de Padres Surdos. **Revista virtual de cultura surda**. Ed. Nº 25/março, 2019. Disponível em <https://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes/detalhes/61> Acesso em: 10 set. 2021.

SKLIAR, Carlos. Bilinguismo e Biculturalismo: Uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago. nº 8, 1998.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS. **A Infância Excepcional (sub-normais)** n.12, Boletim da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, Publicação a cargo da Sociedade Pestalozzi, 1933.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS. **Seminário Sobre a Infância Excepcional**, Ano IX, nº 26, Belo Horizonte. Boletim da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, 1952.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS. **Infância Excepcional: Estudo, Educação e Assistência ao Excepcional**. Razão do nº 8. Belo Horizonte, nº 8. 2º semestre de 1966a.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS. **Infância Excepcional**: Estudo, Educação e Assistência ao Excepcional. Boletim da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Belo Horizonte, nº 9. 2º semestre de 1966b.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS. **Infância Excepcional**: Estudo, Educação e Assistência ao Excepcional. Boletim da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Belo Horizonte, nº 10. 2º Semestre de 1966c.

SOUZA, Regina Maria de. Educação Especial, Psicologia do Surdo e Bilinguismo: Bases Históricas e Perspectivas Atuais. **Temas em Psicologia**, v.3. São Paulo, 1995, p.71-87.

SOUZA, Verônica dos Reis M. **Gênese da Educação dos Surdos em Aracaju**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 10, n. 1, p. 3–37, 1960[2005].

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. (1994). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 30 jul. 2020.

VILELA, Cristiano das Neves. A Revista de Ensino: Um olhar sobre os ideais da Escola Nova em Alagoas nos artigos de Craveiro Costa em 1927. *In: VIII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Aracaju, Volume 08, n. 01, p.1-8, set/2014 2014.

WECHSLER, Solange Muglia; HUTZ, Claudio Simon; PRIMI, Ricardo. O desenvolvimento da avaliação psicológica no Brasil: Avanços históricos e desafios. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 18, n. 2, p. 121-128, 2019.

APÊNDICE A



Termo de Compromisso de Utilização de Dados (TCUD)

1. Identificação dos membros do grupo de pesquisa

Nome completo (sem abreviação)	RG	Assinatura
Luciana Pereira Braga	MG 13.991.802	
Tales Douglas Moreira Nogueira	MG -11694397	

2. Identificação da pesquisa

a) Título do Projeto:

Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: instituições, personagens e práticas

b) Departamento/Faculdade/Curso:

Departamento de Administração Escolar/Faculdade de Educação/Pedagogia e Licenciaturas

c) Pesquisador Responsável:

Adriana Araújo Pereira Borges

3. Descrição dos Dados

São dados a serem coletados somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP-UFMG) e registrados no período de: julho de 2019 a julho de 2021.

Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado. Para dúvidas de aspecto ético, pode ser contactado o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP/UFMG): Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901 Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005 Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br .

4. Declaração dos pesquisadores

Os pesquisadores envolvidos no projeto se comprometem a manter a confidencialidade sobre os dados coletados nos arquivos das escolas especiais municipais e estaduais de Belo Horizonte, bem como a privacidade de seus conteúdos, como preconizam a Resolução 466/12, e suas complementares, do Conselho Nacional de Saúde.

Declaramos entender que a integridade das informações e a garantia da confidencialidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas estão sob nossa responsabilidade. Também declaramos que não repassaremos os dados coletados ou o banco de dados em sua íntegra, ou parte dele, a pessoas não envolvidas na equipe da pesquisa.

Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para este projeto. Todo e qualquer outro uso que venha a ser planejado, será objeto de novo projeto de pesquisa, que será submetido à apreciação do CEP UFMG.

Devido à impossibilidade de obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de todos os sujeitos, assinaremos esse Termo de Consentimento de Uso de Banco de Dados, para a salvaguarda dos direitos dos participantes.

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2020.

Nome completo (sem abreviação)	Assinatura
Luciana Pereira Braga	
Tales Douglas Moreira Nogueira	

5. Autorização da Instituição

Declaramos para os devidos fins, que cederemos aos pesquisadores apresentados neste termo, o acesso aos dados solicitados para serem utilizados nesta pesquisa.

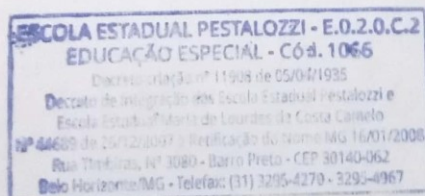
Esta autorização está condicionada ao cumprimento dos pesquisadores aos requisitos da Resolução 466/12 e suas complementares, comprometendo-se os mesmos a utilizar os dados dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2020.

Nome legível do responsável pela instituição:

Assinatura e carimbo:



Atil Peixoto Rosa
 Atil Peixoto Rosa
 Diretora - Mapp 1.303.01A-5
 Escola Estadual Pestalozzi

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Pesquisa: Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: instituições, personagens e práticas.

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: instituições, personagens e práticas, sob a coordenação da professora Adriana Araújo Pereira Borges, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com as pesquisadoras.

Proposta e Objetivos: Essa pesquisa será realizada com personagens que tiveram protagonismo na conquista de direitos das pessoas com deficiência no campo da Educação Especial. Serão ouvidas as pessoas com deficiência, os familiares, os profissionais da área da saúde e da educação que contribuíram em suas respectivas localidades para que a Educação Especial avançasse e, nesse sentido, podem ser consideradas “pioneiras”. O projeto pretende mapear pessoas, iniciativas, instituições, práticas da educação especial, estabelecidas em diferentes regiões do Brasil.

Benefícios: A partir da análise das entrevistas será possível compreender a influência de diversos atores na constituição das políticas públicas, o que contribui para a compreensão do processo de estabelecimento da Educação Inclusiva no Brasil. Para além das determinações internacionais, é necessário interpretar como estes agentes constituíram práticas e se organizaram em torno da questão da deficiência no âmbito local.

Metodologia: Devido aos momentos conturbados que estamos vivendo com a pandemia da Covid 19, as entrevistas serão realizadas virtualmente e gravadas para transcrição, realizadas através da plataforma digital Microsoft Teams. Assim que possível, poderão ser realizadas entrevistas presenciais, em horários e locais a serem definidos.

Possíveis riscos: Na intenção de reduzir os possíveis impactos dessa pesquisa e de minimizar algum desconforto que surja, nos colocamos à disposição para a assistência e os esclarecimentos necessários através do email: adriana.borges@terra.com.br.

Participação: A sua participação é voluntária. Nesse sentido, você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Liberdade de recusa e de desistência: Você terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. A qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do material armazenado, valendo a desistência a partir da data de formalização desta.

Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Os dados e resultados da pesquisa poderão ser publicados em aulas,

congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos, porém seu nome não será citado. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Coleta e Armazenamento: Pedimos a sua autorização para a coleta, a utilização e o armazenamento de dados e informações oriundos dessa pesquisa. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. A utilização desse material está vinculada somente a esta pesquisa. Os dados coletados serão armazenados em local seguro no LaPPEEI - Laboratório de Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão localizado no gabinete 15/19 na Faculdade de Educação – UFMG, situado na Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha – Belo Horizonte – MG - CEP 31270-901. Os dados ficaram sob responsabilidade das pesquisadoras, por pelo menos 5 (cinco) anos, conforme Resolução 466/12. Para qualquer outra informação ou assistência você poderá entrar em contato com a coordenadora do projeto, Prof^a. Dr^a. Adriana Araújo Pereira Borges. No caso de dúvidas éticas, você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa, localizado na Av. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar- sala 2005, Campus Pampulha em Belo Horizonte, telefone (31)34094592.

Contamos com sua colaboração e esperamos que você responda as perguntas de acordo com sua realidade e sua prática. Desde já, agradecemos a sua participação.

Você concorda em participar desta pesquisa?

SIM

NÃO

Eu, _____, portador do documento de Identidade _____ fui informado (a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “Portal Pioneiros da Educação Especial no Brasil: Instituições, Personagens e Práticas”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante/Data

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____

APÊNDICE C

Nº PDF	Nº	Nº de caixa	MaT	Data de Nascimento	Data de Admissão	Docs encontrados/ escola anterior	Educação/ Tratamento	Características dos alunos	Prontuários por ano
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	1	G12	543	Não há informação	10/08/1931	sem informação	Sem informação	Corajoso, dócil, alegre, desconfiado, afetuoso, dissimulado.	4 prontuários – 1930
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	2	J25	659	08/09/1922	02/03/1937	Sem informação	Sem informação	Atento, metódico, aplicado, teimoso, sujeito a crises de raiva, vaidoso, desconfiado, sensível, ciumento, afetuoso para com os pais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	3	G10	663	15/06/1929	05/03/1937	sem informação	Letra ilegível	Vivo, corajoso, aplicado, metódico, perseverante em suas ações, dado e sociável, alegre, chorão, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	4	A13	1018	12/07/1930	21/01/1939	Sem informação	Letra ilegível	Sem informação	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 02 07 2021)	5	H7	1169	Não há informação	21/08/1939	sem informação	Sem informação	Paciente, triste, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	6	E11	1277	12/06/1926	12/02/1940	Nenhuma	Sem informação	Disciplinado, impaciente, teimoso, muito generoso, impulsivo, social, alegre, muito sensível, orgulhoso, brigas com os irmãos e afetuoso com a mãe, dissimulado.	44 prontuários – 1940
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 06 2021)	7	A4	1293	03/07/1925	26/02/1940	Escola: Instituto Santa Terezinha/SP	Sim informação	Vivo, atento, corajoso, aplicado, inconstante, teimoso, impaciente, alegre, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres e	

								animais, antipatias especificamente pela pessoas com quem trata.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	8	J32	1310	18/09/1921	07/03/1940	sem informação	Sem informação	Lento, tímido, metódico, aplicado, disciplinado, voluntarioso, impulsivo, sujeito a crises de raiva, retraído, insociável, desconfiado, afetuoso para com os pais, sensível.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	9	M11	1323	19/03/1929	08/04/1940	Não frequenta/11 anos	Sem informação	Vivo, dócil, impaciente, triste, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	10	C2	1388	Não informando, mas sim somente a idade de 14 anos	17/07/1940	Nunca frequentou	Letra ilegível	Distraído, vivo, atento, metódico, disciplinado, perseverante em suas ações, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, invejoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	11	A20	1425	01/10/1937	07/08/1940	Não frequentou	Letra ilegível	Retraído, invejoso, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	12	E16	1426	08/09/1926	08/08/1940	sem informação	Sem informação	Lenta, dócil, teimosa, retraída, alegre, vaidosa, desconfiada.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	13	A5	1433	23/12/1926	14/08/1940	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, dócil, paciente, sociável, chorão, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, ciumento, afetuoso para com os pais e verídico.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	14	G8	148 1	12/07/192 8	21/10/194 0	sem informação	Letra ilegível	Lento, tímido, perseverante em suas ações, dócil, paciente, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, triste e alegre, excessivamente sensível, retraído, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	15	J12	148 2	01/09/193 2	21/10/194 0	Sem informação	Letra ilegível	Lento, vivo, corajoso, dócil, paciente, tagarela, irritadiço, sujeito a crise de raiva, dado e sociável, alegre, chorão, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	16	J17	155 6	26/01/193 0	05/03/194 1	Sem informação	Letra ilegível	Distraída, indecisa, retraída, tímida, muito disciplinada, impaciente, teimosa, impulsiva, violenta, às vezes tem crise de raiva, triste, chorão, muito afetuoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	17	M14	165 7	11/09/193 7	27/08/194 1	Não frequenta	Letra ilegível	Teimoso, impaciente, impulsivo, dado e sociável, alegre, vaidoso, orgulhoso, pouco sensível, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	18	E11	167 5	15/03/193 1	01/10/194 1	Nenhuma	Sem informação	Vivo, agitado, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, teimoso, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso

								para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	19	M18	1697	13/03/1934	26/11/1941	Sem informação	Letra ilegível	Vaidoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	20	N9	2108	06/09/1919	20/05/1942	Nunca frequentou escola, teve professora	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	21	A22	1804	15/12/1929	12/08/1942	Grupo Olegário Maciel – 2º ano	Letra ilegível	Lento, apático, vivo, aplicado, disciplinado, teimoso, impaciente, retraído, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	22	A16	508	05/05/1930	08/09/1942	Sem informação	Letra ilegível	Distraída, indecisa, retraída, tímida, muito disciplinada, impaciente, teimosa, impulsiva, violenta, as vezes tem crises de raiva, retraída, triste, foi sempre choraria, muito sensível principalmente quando vê outro irmão apanhar, ficar até nervosa, vaidosa e desconfiada, muito afetuosa.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	23	17	768	24/01/1934	01/02/1943	Nunca frequentou escola	Sem informação	Vivo, paciente, dócil, dado e sociável, alegre, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, debochada, sensível.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	24	F7	1902	14/05/1935	11/02/1943	Sem informação	Letra ilegível	Vivo, agitado, atento, corajoso, impaciente, violento, dado e sociável, sujeito a crise de raiva, alegre, excessivamente sensível, vaidoso, afetuoso para com as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	25	N5	1906	03/05/1939	17/02/1943	Sem informação	Sem informação	Atenta, agitada, observadora, corajosa, indisciplinada, ordenada, impaciente, teimosa. Voluntariosa, impulsiva, tem raiva, bate com a calça. Vaidosa, desconfiada, invejosa, ciumenta, afetuosa com os pais
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	26	G8	1964	28/12/1929	13/04/1943	6 meses – Escola Particular	Letra ilegível	Vivo, agitado, disciplinado, atento, dócil, paciente, tagarela, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	27	M42	1998	01/04/1934	09/06/1943	José Bonifácio, 1º ano, Sta Terezinha	Letra ilegível	Alegre, paciente, metódica, voluntariosa, tagarela, vaidosa, orgulhosa, desconfiada, invejosa, humilhada de ser surda-muda.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	28	F4	2000	26/09/1939	07/07/1943	Não frequenta	Sem informação	Vivo, agitado, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	29	I4	2087	14/10/1933	04/02/1944	Sem informação	Letra ilegível	Ativo demais, atento, muito corajoso, tímido em presença de estranhos, dócil com os desconhecidos, teimoso, paciente, irritadiço, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível ao sofrimento alheio,

								vaidoso, afetuoso para com os parentes, conhecidos, os animais. Simpatias pelas pessoas com quem trata, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	30	M27	2139	26/06/1939	12/04/1944	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, inconstante em suas ações, teimoso, voluntarioso, irritadiço, irascível, impulsivo, alegre, chorão, barulheira, vaidoso, desconfiado, sensível, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, simpatias, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	31	I6	2297	26/08/1934	07/03/1945	"Melo Viana". 1º ano repetente – D. Efigência.	Sem informação	Lento, distraído, indeciso, vivo, corajoso, descuidado, desordenado, teimoso, tagarela, irritadiço, voluntarioso, dado e sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, dissimulado e mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	32	M28	2350	22/01/1941	02/05/1945	Sem informação	Letra ilegível	Tímido, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, tagarela, violento, sociável sempre alegre, gosta de cachorro, vaidoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	33	M28	2385	15/03/1940	11/07/1945	Sem informação	Sem informação	Tímido, agitado, distraído, indeciso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, chorão, sensível ao próprio sofrimento e sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	34	N9	238 8	08/02/194 3	11/07/194 5	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, impaciente, irritadiço, impulsivo, sujeito a crises de raiva, alegre, chorão, ciumento, carinhoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	35	G11	240 5	16/06/192 8	16/08/194 5	sem informação	Sem informação	Viva, corajosa econômica, perseverante, aplicada, metódica, dócil, tagarela, raivosa, alegre, sensível ao sofrimento alheio, vaidosa, desconfiada
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	36	E14	241 4	25/05/193 6	17/09/194 5	Não frequentou escola	Letra ilegível	Vivo, dócil, voluntarioso, sensível, afetuoso para com os pais, os irmãos, voluntarioso, simpatias e antipatias especiais, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	37	A13	248 2	31/07/193 3	02/02/194 6	Não frequentou	Letra ilegível	Vivo, atento, corajoso, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, sociável, alegre, sensível, vaidoso
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	38	A1	252 8	21/08/193 8	29/04/194 6	Grupo Francisco Sales	Educação – “Entrou este ano para o Francisco Sales e de lá vem para cá.” Tratamento – “Já tratou no Hospital S. Vicente Tratou, remédio para bicha”	Brigão, lento, distraído, indeciso, agitado, corajoso, perseverante em suas ações, triste, chorão, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	39	I4	262 5	18/10/193 5	10/02/194 7	Sem informação	Sem informação	Apático, distraído, tímido, disciplinado, perseverante em suas ações, paciente, voluntarioso, retraído, triste, afetuoso para com os pais, simpatias especiais pela tia casada.
Documentos - Escola	40	E16	267 4	01/04/193 8	07/04/194 7	Não	Letra ilegível	Alegre

Pestalozzi (Dia 23 06 2021)								
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	41	A5	269 3	22/01/194 2	21/05/194 7	Não esteve	Sem informação	Lento, paciente, teimoso, sujeito a crise de raiva, alegre.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	42	G10	275 0	30/04/193 8	04/02/194 8	Sem informação	Sem informação	Alegre, distraído, dócil e bruto.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	43	F3	275 3	10/09/193 9	06/02/194 8	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, aplicado, disciplinado, corajoso, teimoso, tagarela, alegre, afetuoso para os pais, irmãos, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	44	M21	278 2	01/10/193 7	12/02/194 8	Sem informação	Sem informação	Esperta, atenta, ativa, medo das imagens, cuidadosa, sociável, irritada, as vezes tristes, outras vezes alegre. Sensível e amorosa com os pais e os avos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 06 2021)	45	D9	277 8	05/08/193 9	12/02/194 8	Nunca frequentou	Letra ilegível	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	46	E16	294 0	20/06/194 0	10/02/194 9	Frequenta escola pela 1º vez.	Letra ilegível	Lento, apático, distraído, indeciso, tímido, descuidado, desordenado, paciente, dócil, irritado, impulsivo, voluntarioso, triste, chorão sensível ao próprio sofrimento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	47	A21	418 0	20/01/194 9	21/03/194 9	Nunca frequentou	Letra ilegível	Vivo, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, irritado, voluntarioso, violento, sujeito a crises de

								raiva, alegre, chorão, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	48	J8	1012	04/06/1945	20/04/1949	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, teimoso, irritadiço, voluntarioso, sensível, muito levado, alegre e ciumento.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	49	M19	3038	03/12/1934	26/07/1949	Não frequentou escolas	Sem informação	Lento, apático, distraído, indeciso, metódico, aplicado disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, tagarela, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, chorão, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os animais, franco e verídico.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	50	J36	3113	06/08/1945	14/02/1950	Não frequentou	Sem informação	Tímido, vivo, agitado, atento, corajoso, metódico, disciplinado, dócil, teimoso, impaciente, voluntarioso, impulsivo, violento, dado e sociável, alegre, insensível, vaidoso, desconfiado. Gosta muito de animais, preferindo o cachorro e gato.	55 prontuários - 1950
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	51	J25	3159	08/02/1941	01/03/1950	Não frequentou	Letra ilegível	Muito vivo, alegre, agitado, corajoso, maldoso, vingativo, atende bem ao pai, perseverante, impaciente, irritadiço, violento, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, desconfiado, ciumento.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	52	L10	3149	07/08/1938	22/03/1950	Estudou 2 anos com professora particular/12 anos	Letra ilegível	Alegre, sensível, vaidoso, desconfiado, invejoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres,	

								as pessoas conhecidas e os animais, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	53	C9	3234	07/08/1939	28/06/1950	Frequenta uma escola particular sem obrigação de frequência.	Sem informação	Alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, dissimulado.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	54	C5	3226	30/05/1947	18/07/1950	Sem informação	Letra ilegível	Agitado, dócil, desconfiado, afetuoso para com os pais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	55	C9	3252	04/04/1947	24/11/1950	Nunca frequentou		Vivo, agitado, atento, resoluto, corajoso, teimoso, impaciente, tagarela, irritadiço, sujeito a crises de raiva, muito dado, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, muito carinhoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	56	B2	3326	16/09/1938	19/02/1951	Nunca frequentou	Letra ilegível	Muito aflito, impaciente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	57	G9	3370	15/01/1942	28/03/1951	G. Escola Francisco Sales, 1º ano de Dª Maria Auxiliadora	Letra ilegível	Lenta, tímida, distraída, esquecida, indecisa, descuidada, desordenada, inconstante, paciente, taciturna, irritadiça, sujeita a crises de raiva, sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, invejosa, afetuosa para com os pais, irmãos, mestres e com os próprios animais, dissimulada e mentirosa.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	58	I5	3385	01/04/1943	17/04/1951	Frequentou durante 3 meses um grupo no Mato da Lenha	Sem informação	Lenta, distraída, resoluto, corajosa, tímida, impaciente, teimosa, tagarela, irritada, desordenadora, descuidada, inconstante em suas ações, sujeita a crises de raiva, sociável, alegre, chorona, sensível ao sofrimento alheio, vaidosa, desconfiada,, invejosa, ciumenta, afetuosa para com os pais, irmãos, mestres e pessoas conhecidas, franca e verídica.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	59	I4	3555	15/07/1943	26/04/1951	Nunca frequentou	Letra ilegível	Vivo, agitado, corajoso, resoluto, metódico, aplicado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, violento, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, orgulhoso, afetuoso para com a mãe. Apresenta simpatias e antipatias especiais pelas pessoas com quem trata, mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	60	A5	3389	10/02/1940	02/05/1951	Nenhuma	Sem informação	Metódico, aplicado, perseverante em suas ações, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, teimoso, impaciente, taciturno, sociável, alegre, vaidoso, desconfiado, afetuoso para os pais e irmãos, simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	61	A21	3407	30/04/1941	26/07/1951	Escola Rural da Narzea do Felicíssimo, 3º ano	Letra ilegível	Indeciso, tímido, lento, distraído, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, paciente, dócil, taciturno, sujeito a crises de raiva, retraído, alegre,

								chorão, sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais e irmãos, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	62	A5	3520	20/10/1944	18/02/1952	Nunca frequentou	"Sim, Dr. Antônio Gouveia – Especialista de ouvidos"	Metódico, aplicado, descuidado, perseverante em suas ações, dócil, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, irmãos, mestres as pessoas conhecidas, animais, simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	63	J29	3539	17/09/1939	21/02/1952	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, atento, resoluto, corajoso, inconstante em suas ações, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, irmãos, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	64	G12	3564	02/03/1943	19/03/1952	Sem informação	Letra ilegível	Corajoso, inconstante, irascível, voluntarioso, sociável, triste, sensível, vaidoso, desconfiado, ciumento, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	65	N8	3572	21/12/1944	03/04/1952	Nunca frequentou	Letra ilegível	Vivo, agitado, atento, resoluto, ousado, corajoso, metódico, aplicado disciplinado, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, invejoso, afetuoso para com os

								pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	66	A15	362 1	29/09/193 9	07/08/195 2	G. E. Mauricio Murgel, 2 anos e está no 1º ano	Letra ilegível	Distraído, indeciso, tímido, vivo, metódico, aplicado, disciplinado, inconstante em suas ações, tagarela, dado e sociável, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, irmãos, mestres, as pessoas conhecidas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	67	L9	362 2	04/05/193 7	11/08/195 2	Inst. Nacional de Surdos-Mudos – um ano/ 15 anos	Sem informação	Vivo, atento, resoluto, corajoso, inconstante em suas ações, dócil, paciente, irritadiço, voluntarioso, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais, tem simpatias e antipatias especiais pelas pessoas com quem trata, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	68	J11	362 4	28/08/194 6	21/08/195 2	Nunca frequentou escolas	Sem informação	Vivo, atento, ousado, corajoso, descuidado, desordenado, inconstante em suas ações, dócil e paciente, dado e sociável, triste, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	69	E16	3707	11/04/1946	11/01/1953	Nunca frequentou	Letra ilegível	Lento, indeciso, vivo, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, invejoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais (tem medo de peixes), simpatias especiais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	70	H2	3739	28/04/1941	10/03/1953	Sem informação	Letra ilegível	Vivo, agitado, atento, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, teimoso, impaciente, tagarela, irascível, voluntarioso, dado e sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, desconfiado, ciumento, egoísta, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	71	M28	3750	21/09/1939	18/03/1953	6 anos de aulas particulares e 1 ano no colégio Monte Calvário	Letra ilegível	Vivo, atento, resoluto, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, voluntarioso, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais, as pessoas conhecidas, simpatias especiais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	72	A28	381 1	15/05/194 5	08/07/195 3	Instituto Pestalozzi – 1º ano, D. Ivone Brandão	Tratamento do ouvido – com resultado.	Vivo, agitado, atento, corajoso, disciplinado, inconstante em suas ações, voluntarioso, teimoso, impaciente, tagarela, violento, sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os animais, simpatias pelas pessoas com quem trata. Mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	73	N8	382 3	20/04/194 5	06/08/195 3	Nunca frequentou	Letra ilegível	Corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante e inconstante em suas ações, dócil, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais e os animais. Tem antipatias especiais pelas pessoas pretas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	74	A31	383 3	21/08/194 5	18/08/195 3	Nunca frequentou	Letra ilegível	Tímido, vivo, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dado e sociável, sensível, alegre, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	75	J42	287 7	30/06/194 6	04/03/195 4	Nunca frequentou escola	Letra ilegível	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	76	M13	393 6	15/01/194 9	09/03/195 4	Sem informação	Letra ilegível	Muito viva, dócil, sujeito a crises de raiva, alegre, muito desconfiada, carinhosa.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	77	I3	3958	25/08/1943	18/03/1954	Sim – 2 anos	Letra ilegível	Viva, disciplinada, teimosa, alegre, afetuosa, vaidosa, desconfiada, mentirosa.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	78	F6	4066	18/07/1952	24/06/1954	Sem informação	Sem informação	Vivo, dócil, paciente, voluntarioso, sujeito a crise de raiva, alegre e simpatias especiais pela empregada.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	79	L9	4044	01/04/1948	31/08/1954	Aulas particulares com Arlete Grãos há 3 meses	Sem informação	Voluntarioso, impaciente, Alegre, vaidoso, orgulhoso, ciumento, invejoso
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	80	M41	4131	26/05/1946	28/02/1955	Sem informação	Letra ilegível	Apático, vivo, atento, impaciente, dócil, teimoso, dado e sociável, alegre, insensível ao sofrimento alheio, vaidoso, ciumento, afetuosa com pais e irmãos, gosta de animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	81	A29	4221	09/07/1953	14/04/1955	Sem informação	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, teimoso, impaciente, voluntarioso, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 06 2021)	82	A1	4215	07/02/1947	15/04/1955	Nunca Frequentou	Sem informação	Tímido, metódico, aplicado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, voluntarioso, violento, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, invejoso, ciumento e afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e animais.
Documentos - Escola Pestalozzi	83	A5	3790	18/10/1942	13/06/1955	Nunca frequentou	Letra ilegível	Letra ilegível

(Dia 10 06 2021)								
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	84	A22	4314	28/03/1951	25/08/1955	Nunca frequentou	“Dr. Otávio Magalhães – aos 6 meses de idade sofreu colerina – tomou penicilina (o médico achou que a penicilina provocou a surdez”	Vivo, atento, corajoso, dócil, paciente, tagarela, violento, sujeito a crises de raiva, sociável, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, invejoso, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	85	E16	4317	31/08/1949	11/09/1955	Nunca frequentou	Sem informação	Corajoso, irascível, voluntarioso, sujeito a crise de raiva, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	86	M24	4361	10/06/1946	24/02/1956	Nenhuma	Sem informação	Lento, distraído, descuidado, desordenado, perseverante em suas ações, voluntarioso, impulsivo, alegre, insensível em suas ações, insensível ao sofrimento alheio, desconfiado, invejoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais. Simpatias, dissimulado, mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	87	N3	4441	09/02/1950	09/05/1956	Nunca frequentou	Letra ilegível	Tímido, atento, ousado, corajoso, aplicado, disciplinado, teimoso, impaciente, sujeito a crises de raiva, sociável, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, franco.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	88	N2	4490	29/05/1936	01/08/1956	Estudou 3 anos desde os 7 anos, 3º primário.	Sem informação	Lento, tímido, vivo, atento, resoluto, metódico, aplicado, disciplinado, descuidado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, dado e sociável, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso, desconfiada, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	89	A2	4410	25/02/1944	09/08/1956	Sem informação	“Fez tratamento para amígdalas. Deu até resultado depois da operação”	Vivo, atento, resoluto, ousado, corajoso, teimoso, impaciente, tagarela, irritadiço, irascível, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, ciumento
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	90	C3	4753	22/09/1949	18/07/1957	Nunca frequentou	Sem informação	Resoluto, inconstante em suas ações, alegre, afetuoso para com os pais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	91	M24	4756	04/05/1951	23/07/1957	Sta Terezinha, Pestalozzi, Em mês e aulas, no colégio Monte Calvário	Sem informação	Lento, vivo, atento, corajoso, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, voluntarioso, impulsivo, violento, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais, franco e verídico.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	92	E13	477 6	21/08/195 1	05/08/195 7	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, impulsivo, voluntarioso, dócil, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 12 07 2021)	93	J19	444 2	14/02/194 6	14/08/195 7	Nunca frequentou	Sem informação	Aplicado, teimoso, descuidado, desordenado, impaciente, irritadiço, sujeito a crises de raiva, sociável, triste, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, inconstante e nervoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, irmãos, pessoas conhecidas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	94	J25	478 4	11/11/194 7	19/08/195 7	Nunca frequentou	Sem informação	Distraído, atento, vivo, atento, descuidado, desordenado, teimoso, impaciente, voluntarioso, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, dado e sociável, voluntarioso, violento, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, tem simpatias e antipatias especiais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	95	L12	483 7	25/08/194 9	22/02/195 8	Cursou 1º ano nunca escola Rural do município	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, impaciente, impulsivo violento dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	96	A17	4898	11/08/1953	17/03/1958	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, perseverante, teimoso, irritadiço, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	97	A24	4936	26/09/1948	24/04/1958	Santa Inês – 6 meses		Vivo, corajoso, disciplinado, desordenado, dócil, tagarela, dócil, teimoso, irritadiço, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais. Tem simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	98	F5	4939	01/06/1954	24/04/1958	Sem informação	Sem informação	Vivo agitado, resoluto, dócil, impaciente, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	99	M17	4501	23/01/1950	15/09/1958	Professora Particular (4 meses)	Sem informação	Vivo, atento, resoluto, corajoso, metódico, aplicado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, voluntarioso, dado e sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	100	I5	4502	03/03/1951	15/09/1958	Professora particular (4 meses)	Sem informação	Vivo, agitado, atento, metódico, aplicado, disciplinado, teimoso, tagarela, dado e sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, os

								mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 06 2021)	101	A2	5179	27/09/1953	15/03/1959	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, atento, resoluto, ousado, corajoso, metódico, disciplinado, perseverante, teimoso e impaciente, irritadiço, impulsivo, violento, alegre, desconfiado.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	102	M23	5142	03/05/1949	31/03/1959	Não	Sem informação	Vivo, resoluto, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, sociável, alegre, sensível, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	103	I4	5163	18/08/1951	08/04/1959	Escola de surdo-mudo no Rio de Janeiro – Bairro Laranjeiras	“só referente ao ouvido e no início de sua vida – referência anterior – que dá resultado bom”.	Capaz, agitado, corajoso, atento, etc. organizado, perseverante, com bons modos, irrequieto, alegre, finge que chora, vaidoso, afetuoso com a mãe principalmente. Dissimulado, as vezes mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	104	M25	5192	14/03/1949	22/07/1959	Não	Sem informação	Vivo, metódico, inconstante em suas ações, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais. Franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	105	C3	5206	09/06/1951	04/08/1959	Sem informação	Sem informação	Metódico, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	106	A12	5316	24/06/1954	24/02/1960	Sem informação	Sem informação	Lento, atencioso, disciplinado, dócil, taciturno, triste e sensível, vaidoso, ciumento.	77 prontuários - 1970
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	107	C4	5328	17/05/1952	25/02/1960	Instituto Santa Terezinha – 8 meses – apresentou algum desenvolvimento	Sem informação	Vivo, aplicado, sensível, vaidoso, voluntarioso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e simpatias pelas pessoas com quem trata.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 07 2021)	108	J14	5339	13/04/1952	04/03/1960	Não	Sem informação	Lento, distraído, resoluto, vivo, dócil, teimoso, irritadiço, corajoso, irascível, voluntarioso, tem cuidado com suas coisas, violento, desconfiado, alegre, sensível ao próprio sofrimento, afetuoso para com os pais, os irmãos.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	109	F6	5377	12/10/1951	02/05/1960	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, metódico, aplicado, disciplinados, impaciente, sujeito a crise de raiva, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	110	A34	5427	24/08/1954	17/08/1960	Nunca frequentou	Sem informação	Tímido, vivo, atento, descuidado, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, alegre, vaidoso, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, pessoas conhecidas, os animais.	

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 07 2021)	11 1	J14	547 9	05/07/194 9	07/11/196 0	Frequentou escola 2 anos em São Paulo	Sem informação	Resoluto, corajoso, aplicado, disciplinado, tagarela, sociável, alegre, vaidoso, invejoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 02 07 2021)	11 2	H6	553 3	07/04/195 5	28/02/196 1	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, corajoso, teimoso, violento, sujeito a crise de raiva, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	11 3	M33	556 9	04/03/195 3	06/03/196 1	Santa Inês	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	11 4	M25	500 6	20/11/195 2	11/04/196 1	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, atento, metódico, disciplinado, teimoso, impaciente, sujeito a crises de raiva, chorão, sensível ao próprio sofrimento, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos e os animais. Simpatias, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	11 5	L7	561 7	12/02/195 0	13/04/196 1	G. E. São Sebastião	Sem informação	Vivo, corajoso, tagarela, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e alheio, desconfiado, afetuoso para com os pais, tem mais amizade com o caçula.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	11 6	E11	550 8	01/08/195 1	13/04/196 1	Nunca esteve	"tem tratado muito do ouvido"	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, tagarela, irritadiço, sociável, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso,

								desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	117	A5	5568	27/11/1952	16/05/1961	Instituto Santa Inês	Sem informação	Resoluto, metódico, aplicado, disciplinado, sociável, alegre, excessivamente sensível ao sofrimento alheio.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	118	F6	5570	17/12/1956	16/05/1961	Instituto "Santa Inês" - 1 ano	Sem informação	Vivo, agitado, atento, corajoso, dócil, tagarela, dado, sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, orgulhoso, afetuoso para com os pais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	119	C15	5634	26/02/1954	29/05/1961	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, teimoso, impaciente, tagarela, dado e sociável, triste, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, dissimulado, mentiroso, indiferente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	120	A29	5672	13/06/1946	09/08/1961	Colégio Monte Calvário	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dado e sociável, sensível, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 02 07 2021)	121	H6	5692	14/12/1946	04/09/1961	Inst. "Santa Terezinha" - 1 ano	Sem informação	Agitada, atenta, corajosa, metódica, aplicada, teimosa, nervosa, geniosa, voluntariosa, dada e sociável, autoritária, afetuosa para com os pais, os irmãos e as pessoas conhecidas.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	12 2	A23	569 3	06/10/195 3	04/09/196 1	Inst. "Santa Terezinha"	Sem informação	Vivo, agitado, dócil, paciente, tagarela, dado, sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	12 3	A19	576 4	26/04/195 7	23/02/196 2	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, cuidadoso, teimoso, impaciente, voluntarioso, triste, sensível, vaidoso, afetuoso para os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais, antipatias de certas pessoas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	12 4	L13	578 5	01/02/195 0	04/04/196 2	Não	Sem informação	Vivo, agitado, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 06 2021)	12 5	A1	590 9	12/05/195 2	11/06/196 2	Sem informação	Sem informação	Lento, apático, distraído, descuidado, teimoso, impaciente, taciturno, voluntarioso, impulsivo, triste, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, invejoso, ciumento.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	12 6	J8	598 0	12/03/195 0	09/10/196 2	Não	Sem informação	Vivo, agitado, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, alegre, excessivamente sensível, compreendido, afetuoso para com os pais, os irmãos e os mestres.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	12 7	J8	599 5	06/03/195 4	20/02/196 3	Não	Sem informação	Indiferente, vivo, agitado, disciplinado, dócil, paciente, sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao

								sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos e as pessoas conhecidas, bom obediente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	128	G13	6034	05/07/1957	04/03/1963	Sem informação	Sem informação	Impulsivo, alegre, sensível.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	129	M24	6075	01/10/1951	26/03/1963	Não	Sem informação	Vivo, agitado, metódico, aplicado, disciplinado, impaciente, voluntarioso, impulsivo, sujeito a crises de raiva, sociável, alegre, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos e as pessoas conhecidas. Simpatias especiais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	130	J9	6106	15/06/1948	02/05/1963	Aulas	Sem informação	Faz mandados muito bem, vivo, atento, aplicado, disciplinado, descuidado, dócil, paciente, triste, taciturno, retraído, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, um tio, obediente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	131	N7	6160	25/12/1950	03/03/1964	Uns meses no G. E. Amilcar Savassi	Sem informação	Tagarela, irritadiço, sujeito a crises de raiva, afetuoso para com os pais, os irmãos, verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	132	A38	6170	28/04/1956	04/03/1964	Nunca frequentou	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	133	E11	6200	27/08/1951	11/03/1964	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, resoluto, ousado, corajoso, disciplinado, impulsivo, vaidoso, ciumento,

2021)								desordenado, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais, simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	134	A12	6223	05/01/1953	19/03/1964	Escola combinada S. Geraldo, 2 anos poucos no 1º ano. Está atualmente na Escola das Voluntárias	Sem informação	Lento, apático, distraído, indeciso, tímido, teimoso, impulsivo, violento, sujeito a crise de raiva, sociável, triste, afetuoso para com os pais, os irmãos, mestres, dissimulado, mentiroso e franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	135	A17	6221	17/12/1954	19/03/1964	Não	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 12 07 2021)	136	J19	6226	11/08/1950	31/03/1964	Não frequentou escola	Sem informação	Disciplinada, dócil, paciente, desconfiada, afetuosa para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	137	A33	6164	13/06/1950	04/04/1964	Frequentou o Instituto Santa Terezinha durante 4 anos	Sem informação	Obediente, dado e sociável, ótima compreensão, muito afetuoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	138	E11	6207	15/06/1953	20/05/1964	Não frequentou	Sem informação	Dócil, paciente, irritadiço, voluntarioso, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres e as pessoas conhecidas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	139	C11	6295	15/07/1950	07/08/1964	G. E. "Getúlio Vargas" frequentou até o 1º semestre do 4º ano, depois ficou surdo.	Sem informação	Vivo, agitado, descuidado, desordenado, teimoso, impaciente, taciturno, dado e sociável, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso

								para com os pais, irmãos, mestres, antipatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	140	N2	6299	09/09/1953	10/08/1964	Não		
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	141	N2	6299	09/09/1953	10/08/1964	Não	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	142	J35	6298	29/08/1955	10/08/1964	Não	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, taciturno, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres. Tem simpatias especiais por uma tia paterna.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	143	J35	6304	19/09/1952	11/08/1964	Não	Sem informação	Distraído, vivo, descuidado, desordenado, teimoso, impaciente, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso, afetuoso para com os pais, os irmãos. Tem simpatias especiais por uma irmã. Dissimulado, mentiroso, levado.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	144	J24	6325	21/012/1953	11/09/1964	Não	Sem informação	Lento, corajoso, agitado, disciplinado, dócil, paciente, tagarela, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas. Franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	145	I4	5017	08/08/1951	10/02/1965	3º série	Sem informação	Vivo, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, taciturno, irritadiço, dado e sociável, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos,, com a mãe.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	146	J35	6385	30/03/1960	17/02/1965	Nenhuma	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	147	N3	6415	19/02/1955	22/02/1965	Instituto D. Bosco	Sem informação	Distraído, tímido, agitado, metódico, voluntarioso, triste, chorão, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com as pessoas conhecidas, tem antipatias especiais de um vizinho. Mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 07 2021)	148	M43	6370	15/04/1956	25/02/1965	Sem informação	Sem informação	Tímido, atento, perseverante em suas ações, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, chorão, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais. Tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata.

								Dissimulado, mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	149	A29	6492	21/10/1949	18/03/1965	Nunca frequentou escolas	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	150	C12	6506	25/02/1958	22/03/1965	Nunca frequentou escolas	Sem informação	Vivo, agitado, atento, corajoso, disciplinado, perseverante em suas ações, paciente, taciturno, impulsivo, dado, alegre, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais, simpatias e antipatias pelas pessoas com quem trata.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	151	J12	6521	15/07/1955	06/04/1965	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, tímido, disciplinado, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	152	G10	6494	02/06/1959	06/04/1965	Nunca frequentou	Sem informação	Obediente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	153	J24	6525	18/03/1950	13/04/1965	Não frequentou escolas	Sem informação	Corajoso, sociável, desconfiado, carinhoso
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	154	G11	6645	13/10/1957	06/12/1965	Não frequentou escolas	Sem informação	Disciplinado, dócil, chorão, desconfiado, afetuoso para com os pais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	155	G11	6758	16/07/1959	25/02/1966	Não frequentou	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, disciplinado, dócil, teimoso, impaciente, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	156	G12	6712	25/06/1950	07/03/1966	Sim, até no ano passado Inst. S. M. Rio de Janeiro	Sem informação	Vivo, agitado, atento, resoluto, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, descuidado, perseverante em suas ações, voluntarioso, impulsivo, violento, vaidoso, insensível, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	157	A20	6871	16/02/1959	24/03/1966	Nunca frequentou		Distraído, vivo, agitado, atento, disciplinado, dócil, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 07 2021)	158	J15	6899	13/05/1952	04/04/1966	Não	Sem informação	Vivo, agitado, impaciente, teimoso, taciturno, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, excessivamente sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	159	A33	6178	13/06/1955	06/06/1966	Nunca frequentou	"Já fez tratamento de ouvido"	Vivo, atento, resoluto, corajoso, dócil, teimoso, impaciente, voluntarioso, dado e sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, ciumento, afetuoso para os pais, as pessoas conhecidas e os animais. Simpatia especiais pelas vizinhas, franco e verídico.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	160	G13	7055	26/09/1959	14/02/1967	Novato	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 09 07 2021)	161	J15	6986	05/03/1954	21/02/1967	Não	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, disciplinado, perseverante, meigo, dócil, disciplinado, sujeito a crise de raiva, alegre, afetuoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	162	C12	6993	23/08/1957	21/02/1967	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, disciplinado, dócil, paciente, irritadiço, dado, sociável, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	163	G8	7009	13/09/1957	09/03/1967	6 meses em Recife	Sem informação	Lento, distraído, vivo, agitado, aplicado, desordenado, teimoso, sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, muito afetuoso para todos, simpatias e franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	164	C9	7037	29/06/1958	10/04/1967	Não	Sem informação	Vivo, disciplinado, impaciente, medroso, sujeito a crises de raiva, sociável, alegre, sensível, vaidoso, desconfiado, afetuoso, simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 12 07 2021)	165	J17	7050	08/01/1959	26/04/1967	Instituto Pestalozzi, prof: Irma (desde março de 1967)	Sem informação	Agitada, distraída, indecisa, tímida, corajosa, ousada, descuidada, inconstante, teimosa, impaciente, tagarela, irritadiça, irascível, voluntariosa, violenta, sujeita a crises de raiva, triste, chora, insensível, vaidosa, desconfiada, invejosa, ciumenta, afetuosa para com os pais, e uma irmã, a professora, os animais, pessoas conhecidas e

								verídica.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	166	A5	7056	07/09/1960	03/05/1967	Não	Sem informação	Distraído, resoluto, ousado, metódico, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, sociável, alegre, vaidoso,
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	167	M11	7130	30/03/1959	02/04/1968	2 anos de jardim, 1 ano e grupo escolar	Sem informação	Atento, resoluto, corajoso, perseverante nas suas ações, dócil sociável, alegre, carinhoso com todos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	168	C2	7143	11/04/1956	19/04/1968	4 anos de escolaridade	Sem informação	Ousado, corajoso, teimoso, impaciente, tagarela, irritadíssimo, impulsiva, alegre, chorão, sensível, vaidoso, grosseiro, revolta, desobediente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	169	F5	4938	30/03/1962	24/04/1968	Sem informação	Sem informação	Lento, disciplinado, tímido, metódico, paciente, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	170	C2	7160	15/11/1960	08/05/1968	Não	Sem informação	Distraído, agitado, descuidado, desordenado, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, taciturno, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, triste, alegre, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 06 2021)	17 1	D3	716 7	25/01/195 8	15/05/196 8	Novato	"sim – Clínica geral – Especialista de ouvido	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, impaciente, voluntarioso, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os animais, simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	17 2	A36	717 2	27/11/195 4	04/06/196 8	Sem informação	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	17 3	J34	725 5	07/02/196 1	14/02/196 9	Novato	Sem informação	Indeciso, corajoso, disciplinado, dócil, paciente, alegre, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, invejoso, ciumento, afetuoso e mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	17 4	M37	722 0	24/05/196 3	21/02/196 9	Novata	Sem informação	Aplicado, distraído, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, violento, as vezes sujeito a crises de raiva, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata. Franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	17 5	L4	724 1	18/10/195 9	03/03/196 9	Sem informação	Sem informação	Lento, vivo, calmo, atento, resoluto, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dado, sociável, impulsivo, sujeito a crises de raiva, sensível ao alheio e ao próprio sofrimento, ciumento, afeto mas é estúpido com ambos, não tem antipatias.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 02 07 2021)	176	H3	7243	03/04/1953	05/03/1969	5 anos no Instituto Sta Terezinha	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, os animais. Simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	177	H3	7249	03/04/1953	05/03/1969	5 anos no Instituto Sta Terezinha	Sem informação	Vivo, agitado, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, taciturno, impaciente, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, os animais, tem simpatias, e mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	178	J9	7215	08/07/1956	13/03/1969	Instituto Nacional de Educação de Surdos	Pedagogia especializada	Vivo, agitado, atento, resoluto, metódico, aplicado, perseverante em suas ações, dócil, as vezes teimoso, paciente, tagarela, dado e sociável, sensível ao sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso, tem simpatias.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	179	A23	7292	25/08/1955	07/08/1969	Novato	Sem informação	Paciente, sociável, afetuoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	180	L9	7306	07/06/1960	28/08/1969	G. E. Modesto Avela – 7 a 9 anos não passou do 1º ano.	Sem informação	Letra ilegível

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	181	J29	7308	16/04/1962	03/09/1969	Novato	Sem informação	Lento, distraído, tímido, corajoso, paciente, sociável, desconfiado, tem especiais, dissimulado.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	182	A19	7334	13/04/1965	06/02/1970	Sem informação	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante, dado e alegre, vaidoso, para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.	61 prontuários - 1970
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 20 07 2021)	183	M37	7353	06/02/1966	06/02/1970	Nunca frequentou	Sem informação	Teimosos, impaciente, sujeito a crises de raiva, alegre, irascível, tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 14 07 2021)	184	J34	7344	18/10/1961	16/02/1970	1 mês – Escolaridade	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, dissimulado, perseverante em suas ações, impaciente, voluntarioso, retraído, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, irmãos, mestres, as pessoas conhecidas, os animais. Tem simpatias especiais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	185	L3	7386	18/09/1953	26/02/1970	Sem informação	Sem informação	Cuidadosa com o corpo, disciplinada, afetuosa com os pais e franca.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	186	I6	7387	04/05/1961	26/02/1970	Novato	Sem informação	Vivo, alegre, simpática.	

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	187	L3	7390	28/12/01962	17/03/1970	Não	Sem informação	Muito viva, muito vaidosa, as vezes perseverante, teimosa, nervosa, sociável alegre, chorona, sensível ao sofrimento alheio e ao seu próprio, vaidosa, as vezes e carinhosa com os pais. Tem simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 30 06 2021)	188	G11	7418	16/05/1956	20/03/1970	Escola Particular – Centro – V.T	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, metódico, aplicado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animai, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	189	L9	7474	13/07/1961	04/06/1970	Não frequentou	Sem informação	Viva, atenta, corajosa, perseverante em suas ações, sociável, alegre, ciumenta, tem simpatias., franca.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 07 2021)	190	N9	7502	16/05/1955	27/11/1970	Não	Sem informação	Sem informação
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	191	G4	7593	04/06/1960	25/02/1971	Nenhuma	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, perseverante em suas ações, impaciente, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, simpatias especiais, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	192	A20	7592	19/02/1964	11/03/1971	Instituto Pestalozzi	Sem informação	Lento, tímido, dócil, paciente, dado, Afetuosa para com a mãe os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 13 07 2021)	193	J20	5756	07/05/1953	23/04/1971	Prof. Terezinha Gonçalves	“O problema do aluno com surdez e o médico aconselhou colocá-lo na escola, não	Lento, distraído, indeciso, atento, metódico, aplicado, disciplinado, taciturno, irascível, retraído, insociável, vaidoso, orgulhoso,

							havia remédio para surdez”	desconfiado, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais, tem simpatias.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	194	J7	7612	19/10/1964	28/04/1971	Inst. Pestalozzi – Pré-primário	Sem informação	Atento, disciplinado, dado e sociável, irascível, paciente, alegre, sensível, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	195	J2	7718	01/08/1962	02/09/1971	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, agitado, resoluto, descuidado, paciente, tagarela, irritadiço, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	196	C8	7560	09/09/1955	10/09/1971	Já frequentou o Pestalozzi em 1967	Sem informação	Sujeito a crise de raiva, impulsivo.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	197	M1	7703	06/06/1963	08/11/1971	Não frequentou	Sem informação	Vivo, paciente, perseverante em suas ações, dado e sociável.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	198	J5	7847	06/09/1958	01/11/1972	Esteve quatro anos na Escola D. Bosco	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, tagarela, irritadiço, sociável, sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio. Antipatia por um primo, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 06 2021)	199	E3	7851	08/02/1965	14/12/1972	Não	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, metódico, teimoso, irritadiço, impulsivo, violento, sujeito a crise de raiva, alegre, sensível ao próprio sofrimento, vaidoso.
Documentos - Escola Pestalozzi	200	M6	7919	24/11/1964	06/02/1973	EE. CC. Bairro Camargos (15 dias)	Sem informação	Agitado, corajoso, inconstante em suas ações, teimoso, voluntarioso,

(Dia 16 07 2021)								impulsivo, sujeito a crises de raiva, sensível, alegre, mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	201	G3	7942	01/05/1962	15/03/1973	Frequente 1 ano como ouvinte no grupo Escola Coronel Fabriciano	"Começou a fazer um tratamento de ouvido"	Vivo, agitado, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, dócil, paciente, tagarela, dado e sociável, alegre, vaidoso, desconfiado, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	202	M15	7943	03/05/1963	19/03/1973	Sta Terezinha, Santa Inês, AME, fez curso pré-primário	Sem informação	Distraído, resoluto, ousado, irritadiço, descuidado, desordenado, perseverante em suas ações, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e sofrimento alheio, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas e os animais. Tem simpatias especiais, franco e verídico.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	203	C9	7940	31/10/1965	22/03/1973	Jardim de Infância (Sete Lagoas)	Sem informação	Vivo, agitado, ousado, corajoso, teimoso, irritadiço, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, alegre, chorão, afetuoso para com os pais, irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	204	M7	7956	24/12/1967	05/02/1974	Não	Sem informação	Tímido, perseverante em suas ações, teimoso, impaciente, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, vaidoso, desconfiado, invejoso, afetuoso para com os pais, os irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	205	A16	7957	08/01/1966	06/02/1974	Sim, 3 anos de escolaridade no SEMP (Rua do Ouro, 1960)	Sem informação	Agitado, desordenado, dócil, sociável, alegre, sensível ao próprio sofrimento e sofrimento alheio,

								vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	206	M7	7962	23/04/1965	04/03/1974	Sem informação	Sem informação	Distraído, metódico, disciplinado, perseverante em suas ações, tagarela, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, alegre, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, invejoso e ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais. Tem simpatias especiais pelas vizinhas.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	207	I3	7100	18/08/1960	13/03/1974	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, desordenado, perseverante em suas ações, tagarela, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito as crises de raiva, dado, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 05 07 2021)	208	I8	7234	20/09/1962	13/03/1974	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, inconstante em suas ações, paciente, irritadiço, voluntarioso, impulsivo, violento, sujeito a crises de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível e insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	209	C4	7621	06/04/1965	13/03/1974	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, metódico, perseverante em suas ações, irritadiço, triste, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	210	F1	7998	27/07/1968	17/04/1974	Nunca estudou	Sem informação	Vivo, agitado, disciplinado, resoluto, atento, teimoso, impaciente, taciturno, voluntarioso, sujeito a crise de raiva, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso, ciumento e carinhoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 19 07 2021)	211	M12	7999	20/05/1960	18/04/1974	Sem informação	Sem informação	Vivo, corajoso, impaciente, inconstante em suas ações, teimoso, taciturno, irritadiço, sociável, vaidoso, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	212	A29	8002	07/12/1960	23/04/1974	Nunca estudou	Sem informação	Vivo, agitado, atento, resoluto, ousado, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, taciturno, irritadiço, violento, sujeito a crises de raiva, sociável, excessivamente sensível, dissimulado e mentiroso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	213	G2	7963	28/05/1962	10/05/1974	-	Sem informação	Vivo, atento, resoluto, corajoso, dócil, paciente, taciturno, violento, sujeito a crise de raiva, sociável, alegre, vaidoso, desconfiado,

								ciumento, simpatia e antipatia especial pelas pessoas com quem trata.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	214	C5	8026	15/01/1964	13/05/1974	Sem informação	Letra ilegível	Lento, distraído, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, paciente, tagarela, sociável, alegre, sensível, vaidoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, os irmãos, mestres, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	215	M2	7811	10/04/1959	22/05/1974	Escola Rural, 1 ano	sem informação	Vivo, corajoso, disciplinado, perseverante em suas ações, sociável, ciumento, tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 08 07 2021)	216	J4	7988	02/07/1962	27/05/1974	Nunca estudou	Sem informação	Vivo, agitado, atento, dócil, paciente, impulsivo, dado e sociável, triste, insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, pouco ciumento, desconfiado, invejoso, carinhoso com a mãe e alguns dos irmãos.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 25 06 2021)	217	F3	8034	17/06/1950	05/08/1974	1º vez	Sem informação	Alegre, sensível ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, simpatias e antipatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 06 2021)	218	E2	8042	11/06/1965	27/08/1974	Na Escola AME, 1,6 meses, Fundação Dom Bosco – 8 meses	Sem informação	Vivo, agitado, atento, resoluto, corajoso, desordenado, impaciente, inconstante em suas ações, irritado, impaciente, sujeito a crises de raiva, voluntarioso, dado, sociável, excessivamente sensível ao próprio sofrimento e ao

								sofrimento invejoso, carinhoso.	alheio, muito
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	219	M5	Não há informação	09/01/1957	10/09/1974	G. Escola Silveira Brum (Classe Especial)2 anos	Sem informação	Sem informação	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	220	A5	8049	02/06/1961	13/09/1974	Nunca frequentou	Sem informação	Vivo, atento, tímido, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, impaciente, alegre, chorão, sensível ao próprio sofrimento e sofrimento alheio, desconfiado, afetuoso para com os pais, irmãos, pessoas conhecidas.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 23 06 2021)	221	E18	8052	13/07/1964	07/10/1974	Instituto Santa Inês – 2 anos	Sem informação	Vivo, agitado, atento, resoluto, ousado, aplicado, disciplinado, inconstante em suas ações, teimoso, impaciente, voluntarioso, impulsivo, dado, alegre, excessivamente sensível ao próprio sofrimento, vaidoso, invejoso, carinhoso.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	222	G3	8065	09/02/1969	26/02/1975	6 meses do Jarim S. Geraldo Magela	Sem informação	Distraído, tímido, medroso, retraído, desconfiado, desordenado, inconstante, impaciente, alegre, muito sensível, carinhoso, gosta de animais. Simpatias especiais.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	223	C1	8069	18/08/1965	03/03/1975	Sem informação	Sem informação	Agitado, vaidoso, descuidado, dissimulado.	

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	224	L2	7619	21/04/1958	07/03/1975	2 anos que já frequenta o Instituto Pestalozzi (Antes nunca frequentou escolas)	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, paciente, retraído, muito calmo, alegre, sensível, afetuoso para com os pais, os irmãos, mestres, as pessoas conhecidas. Tem simpatias especiais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	225	L4	Não há informação	22/06/1970	20/03/1975	Instituto Pestalozzi	Sem informação	Vivo, agitado, atento, aplicado, perseverante em suas ações, teimoso, irritadiço, impulsivo, alegre, insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, afetuoso para com os pais, os irmãos, as pessoas conhecidas, os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 06 2021)	226	E5	8073	30/06/1953	24/03/1975	Grupo Escolar Senhora do Bom Sucesso (José Brandão) Grupo Escolar João Monlevade, Escola Estadual Pestalozzi	“sim, na Clínica Sta Luzia onde aconselhou o aparelho auditivo que tem dado bem resultado, com o seu uso ele passou a pronunciar melhor as palavras e a entender bem tudo que passa a sua volta”	Vivo, atento, corajoso, dócil, paciente, sociável, excessivamente sensível, vaidoso, orgulhoso, desconfiado, afetuoso para com os pais, mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	227	M2	8110	14/02/1960	03/04/1975	Instituto Pestalozzi	Sem informação	Lento, vivo, agitado, apático, resoluto, corajoso, disciplinado, perseverante em suas ações, dócil, teimoso, impulsivo, dado e sociável, alegre, excessivamente sensível, vaidoso, desconfiado tem simpatias especiais pelas pessoas com quem trata, não gosta de pessoas preta. Teimoso, obediente.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 21 06 2021)	228	D3	8125	05/04/1971	08/04/1975	Escola Estadual Pestalozzi	Sem informação	Vivo, resoluto, corajoso, perseverante em suas ações, metódico, aplicado, disciplinado, teimoso, impulsivo, violento, alegre, excessivamente sensível, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas, os animais, obediente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 22 06 2021)	229	E3	8135	23/07/1966	14/04/1975	Escola Estadual Pestalozzi	Sem informação	Vivo, atento, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante em suas ações, impulsivo, alegre, vaidoso, afetuoso.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 11 06 2021)	230	A19	8146	15/03/1970	22/04/1975	Sem informação	Sem informação	Vivo, agitado, corajoso, metódico, desordenado, perseverante, impaciente, irritadiço, voluntarioso, sujeito a crises de raiva, sociável, alegre, insensível ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio, vaidoso, ciumento, afetuoso para com os pais, os animais e antipatia pela irmã.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	231	C2	8280	11/03/1969	26/05/1976	Não	Sem informação	Sensível, muito agitado, afetuoso para com os pais, os irmãos, os mestres, as pessoas conhecidas e os animais.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	232	L4	8377	16/08/1955	29/03/1977	Não – mobral, 6 meses	“sim para ouvido”	Tímida, prefere ficar sozinha, atenta, corajosa, melancólica, perseverante em suas ações, dócil, brigona, carinhosa com os pais, e irmãos, tem simpáticas especiais.

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	233	M4	8385	13/01/1969	05/05/1977	Não	Sem informação	É uma criança ativa, mas muito agitada, perseverante em suas ações, carinhosa com a mãe e os irmãos, alegre, sociável, gosta de fazer amizades, compartilha dos sofrimentos alheios, inveja e ciumenta, carinhosa com as pessoas e também com os animais e mentirosa.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 10 06 2021)	234	A11	7591	19/02/1963	14/05/1977	Instituto Pestalozzi	Sem informação	Distraído, vivo, descuidado, desordenado, dócil, sociável, sensível ao sofrimento alheio, vaidoso, orgulhoso e simpatias especiais
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	235	C8	8374	05/01/1963	27/05/1977	Sem informação	"sim de ouvidos"	Atento, agitado, corajoso, carinhoso com os pais e irmãos, vaidoso, ciumento e carinhoso com as pessoas e com os animais, franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	236	L3	8376	31/03/1964	27/05/1977	Não	Sem informação	Cuidadoso com o corpo, ativo, atencioso, corajoso, perseverante em suas ações, carinhoso com os pais e irmãos, social, alegre, compartilha do sofrimento alheio, ciumento, gosta muito de animais. Tem simpatias especiais e franco.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 07 2021)	237	M6	8587	03/01/1963	03/03/1978	Sem informação	Sem informação	Viva, social, independente.
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	238	C6	8657	24/03/1965	14/04/1978	Sem informação	Sem informação	Tímida, agitada, medrosa, social e imatura

Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	239	A28	8655	29/12/1955	02/06/1978	Nunca estudou surda muda – morava e entrou nesta escola com 21 anos, nunca havia estudado antes.	Sem informação	Viva, social, imatura.	4 prontuários - 1980
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 07 2021)	240	L2	8807	02/08/1962	13/08/1979	Sem informação	Sem informação	Tímida, viva, agitada, social.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 16 06 2021)	241	A29	8852	13/12/1966	05/10/1979	Não conseguiu aprender em grupo comum	Sem informação	Viva, agitada, agressiva, imatura.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	242	C8	8848	27/02/1960	28/05/1980	Sem informação	Sem informação	Viva, social, independente.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 29 06 2021)	243	G2	8825	04/03/1956	27/08/1980	Sem informação	Sem informação	Viva, social, medrosa e independente.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 15 06 2021)	244	A20	9036	12/06/1969	17/09/1980	Sem informação	Sem informação	Sem informação	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 17 06 2021)	245	C3	6089	11/11/1950	Março de 1963	Não	Sem informação	Nervoso, sono inquieto, apavorado.	
Documentos - Escola Pestalozzi (Dia 18 06 2021)	246	C15	4866	09/08/1950	Não há informação	Não frequento escolas	Sem informação	Vivo, resoluto, ousado, corajoso, metódico, aplicado, disciplinado, perseverante, dócil, teimoso, dado, sociável, alegre, sensível, vaidoso, desconfiado.	

ANEXO A

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Gabinete

N.1260.01.0079619/2019-86

RESOLUÇÃO SEE Nº 4234/2019.

Dispõe sobre as matrizes curriculares das escolas da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais.

A SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições previstas no art. 93, §1º, III da Constituição do Estado de Minas Gerais e;

CONSIDERANDO o art. 205 da Constituição Federal;

CONSIDERANDO o disposto no art. 10 da Lei nº 9.394/96, que determina que o Estado deverá organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos seus sistemas de ensino;

CONSIDERANDO o disposto no §7º do art. 26 da Lei nº 9.394/96, que determina que a integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput;

CONSIDERANDO o disposto na Resolução CNE/CP nº 02, de 22 de dezembro de 2017, na Resolução SEE nº 2.197, de 26 de outubro de 2012, na Resolução CEE nº 470, de 27 de junho de 2019 e;

CONSIDERANDO que o currículo do ensino médio se encontra em discussão em Minas Gerais e será incorporado ao Currículo Referência de Minas Gerais, estabelecido como documento único da Educação Básica;

RESOLVE:

Art. 1º - A presente Resolução define as matrizes curriculares que serão adotadas pelas escolas estaduais de Minas Gerais, nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

Parágrafo único. Entende-se por matriz curricular a organização dos componentes curriculares e da carga horária, distribuídos em módulos-aula.

Art. 2º - O Ensino Fundamental Anos Iniciais terá duração de 5 (cinco) anos, com carga horária anual de 800:00 (oitocentas horas), distribuídas em 40 (quarenta) semanas letivas.

§1º - A carga horária diária do Ensino Fundamental Anos Iniciais será de 5 (cinco) módulos-aula, sendo 4 (quatro) módulos com duração de 50 (cinquenta) minutos e 1 (um) módulo com duração de 40 (quarenta) minutos.

§2º - O módulo-aula dos componentes curriculares de Arte, Ensino Religioso e Geografia terá duração de 40 (quarenta) minutos.

§3º - As escolas deverão seguir a matriz curricular do Ensino Fundamental Anos Iniciais, conforme Anexo I.

§4º - As escolas especiais exclusivas da rede estadual de ensino de Minas Gerais deverão seguir a matriz curricular do Ensino Fundamental Anos Iniciais, conforme Anexo I.

§5º - A Escola Estadual Francisco Sales, do município de Belo Horizonte, deverá seguir a matriz curricular, conforme o Anexo II.

Art. 3º - O Ensino Fundamental Integral Anos Iniciais terá carga horária anual de 1.466:40 (um mil quatrocentas e sessenta e seis horas e quarenta minutos), distribuídas em 40 (quarenta) semanas letivas.

§1º - A carga horária diária do Ensino Fundamental Integral Anos Iniciais será de 8 (oito) módulos- aula de 50 (cinquenta) minutos e 1 (um) módulo-aula de 40 (quarenta) minutos, conforme §2º do art. 2º.

§2º - As escolas que ofertam o Ensino Fundamental Integral Anos Iniciais deverão seguir a matriz curricular, conforme Anexo III.

Art. 4º - O Ensino Fundamental Anos Finais terá a duração de 4 (quatro) anos, com carga horária anual de 833:20 (oitocentas e trinta e três horas e vinte minutos), distribuídas em 40 (quarenta) semanas letivas.

§1º - A carga horária diária do Ensino Fundamental Anos Finais será de 5 (cinco) módulos-aula de 50 (cinquenta) minutos.

§2º - As escolas deverão seguir a matriz curricular do Ensino Fundamental Anos Finais, conforme Anexo IV.

Art. 5º - O Ensino Fundamental Integral Anos Finais será implementado de forma progressiva nas escolas e terá uma carga horária anual de 1.500:00 (um mil e quinhentas horas), distribuídas em 40 (quarenta) semanas letivas.

§1º - A carga horária diária do Ensino Fundamental Integral Anos Finais será de 9 (nove) módulos- aula de 50 (cinquenta) minutos.

§2º - As escolas que ofertam o Ensino Fundamental Integral Anos Finais deverão seguir a matriz curricular, conforme Anexo V.

Art. 6º - O Ensino Médio terá duração de 3 (três) anos, distribuídos em 40 (quarenta) semanas letivas anuais e será organizado da seguinte forma:

I- Ensino Médio Diurno, com carga horária anual de 833:20 (oitocentas e trinta e três horas e vinte minutos);

II- Ensino Médio Integral, com carga horária anual de 1.500:00 (um mil e quinhentas horas);

III- Ensino Médio Noturno, com carga horária anual de 800:00 (oitocentas horas);

IV- Ensino Médio Integral Profissional.

Art. 7º - O Ensino Médio Diurno terá carga horária diária de 5 (cinco) módulos-aula de 50 (cinquenta) minutos e seguirá a matriz curricular, conforme Anexo VI.

Art. 8º - O Ensino Médio Integral terá carga horária diária de 9 (nove) módulos-aula de 50 (cinquenta) minutos e seguirá a matriz curricular, conforme Anexo VII.

Art. 9º - As matrizes curriculares do Ensino Médio Integral Profissional serão regulamentadas por resolução própria, juntamente com as matrizes curriculares dos Cursos Técnicos e dos Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC).

Art. 10 - O Ensino Médio Noturno terá carga horária diária de 4 (quatro) módulos-aula de 50 (cinquenta) minutos e seguirá a matriz curricular, conforme Anexo VIII.

§1º - O componente curricular de Educação Física no 3º ano do Ensino Médio Noturno deverá ser ofertado em horário alternativo, antes do início do turno.

§2º - O componente curricular Projeto de Vida será registrado no Diário Escolar Digital, estabelecendo a participação e entrega de portfólio pelos estudantes conforme proposta organizada pela escola e orientações da SEE/MG.

Art. 11 - A Educação de Jovens e Adultos - EJA, modalidade de Educação Básica ofertada nas escolas estaduais de Minas Gerais, destina-se àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria prevista em lei.

§1º - A carga horária diária da Educação de Jovens e Adultos será de 4 (quatro) módulos-aula de 50 (cinquenta) minutos, distribuída em 20 (vinte) semanas letivas semestrais.

§2º - A idade mínima para matrícula na EJA é de 15 (quinze) anos completos para o Ensino Fundamental e 18 (dezoito) anos completos para o Ensino Médio.

Art. 12 - A EJA Anos Iniciais será organizada em 04 (quatro) períodos semestrais com carga horária semestral de 400:00 (quatrocentas horas) e deverá seguir a matriz curricular, conforme Anexo IX.

Parágrafo único. O componente curricular Projeto de Vida será registrado no Diário Escolar Digital, estabelecendo a participação e entrega de portfólio pelos estudantes conforme proposta organizada pela escola e orientações da SEE/MG.

Art. 13 - A EJA Anos Finais será organizada em 04 (quatro) períodos semestrais com carga horária de 400:00 (quatrocentas horas) e deverá seguir a matriz curricular conforme Anexo X.

Parágrafo único. O componente curricular Projeto de Vida será registrado no Diário Escolar Digital, estabelecendo a participação e entrega de portfólio pelos estudantes conforme proposta organizada pela escola e orientações da SEE/MG.

Art. 14 - As escolas especiais exclusivas da rede estadual de ensino de Minas Gerais deverão seguir a matriz curricular da EJA Anos Finais das Escolas Especiais, conforme Anexo XI.

Art. 15 - A EJA Ensino Médio será organizada em 03 (três) períodos semestrais com carga horária de 400:00 (quatrocentas horas) e deverá seguir a matriz curricular, conforme Anexo XII.

Parágrafo único. O componente curricular Projeto de Vida será registrado no Diário Escolar Digital, estabelecendo a participação e entrega de portfólio pelos estudantes conforme proposta organizada pela escola e orientações da SEE/MG.

Art. 16 - As turmas que funcionam no sistema prisional seguirão as matrizes da EJA.

Art. 17 - As matrizes curriculares de correção de fluxo serão regulamentadas por resolução própria.

Parágrafo único. As turmas de Ensino Fundamental em funcionamento no sistema socioeducativo seguirão as matrizes previstas no caput.

Art. 18 - O Curso Normal em Nível Médio – Professor da Educação Infantil, com aproveitamento de estudos, será organizado em 03 (três) períodos semestrais e deverá seguir a matriz curricular, conforme Anexo XIII.

Art. 19 - As modalidades de Educação do Campo e Educação Quilombola seguirão as matrizes previstas nesta resolução, resguardadas as diretrizes e metodologias específicas, conforme legislação vigente.

Art. 20 - As matrizes curriculares da modalidade de Educação Indígena serão validadas pela Secretaria de Estado de Educação, respeitando as especificidades de cada povo ou comunidade.

Art. 21 - Esta Resolução entra em vigor após decorridos quarenta dias de sua publicação oficial. Art. 22 - Ficam revogadas as disposições em contrário.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, em Belo Horizonte, 2019.

JULIA SANT'ANNA

Secretária de Estado de Educação

ANEXO I

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ao 5º ano													
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		5º ano			
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00
	LÍNGUA INGLESA												
	ARTE*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA*	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00
	HISTÓRIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200											
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos											
A/S = AULA SEMANAL*		Duração da aula*: 40 minutos											
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 5											

ANEXO II

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ao 5º ano (EE FRANCISCO SALES - BELO HORIZONTE)													
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		5º ano			
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00
	LÍNGUA INGLESA												
	ARTE*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA*	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00
	HISTÓRIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00
LIBRAS	LIBRAS	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200											
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos											
A/S = AULA SEMANAL*		Duração da aula*: 40 minutos											
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 5											
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40											

ANEXO III

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL INTEGRAL – 4º e 5º ano								
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	4º ano			5º ano			
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	
	ARTE*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA*	3	120	80:00:00	3	120	80:00:00	
	HISTÓRIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO*	1	40	26:40:00	1	40	26:40:00	
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	1000	800:00:00	25	1000	800:00:00	
ATIVIDADES INTEGRADORAS	ESTUDOS ORIENTADOS	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	
	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
	LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
	ESPORTE E RECREAÇÃO	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	
	CULTURA E SABERES EM ARTE	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
	EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	
	SUBTOTAL		20	800	666:40:00	20	800	666:40:00
	CARGA HORÁRIA TOTAL		45	1800	1466:40:00	45	1800	1466:40:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200						
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos						
A/S = AULA SEMANAL*		Duração da aula*: 40 minutos						
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 5						
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40						

ANEXO IV

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL – 6º ao 9º ano													
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	6º ano			7º ano			8º ano			9º ano		
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00
	LÍNGUA INGLESA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	ARTE	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	HISTÓRIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	1000	833:20:00	25	1000	833:20:00	25	1000	833:20:00	25	1000	833:20:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200											
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos											
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 5											
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40											

ANEXO V

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL INTEGRAL – 6º ao 9º ano													
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	6º ano			7º ano			8º ano			9º ano		
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00
	LÍNGUA INGLESA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	ARTE	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00	5	200	166:40:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
	HISTÓRIA	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
SUBTOTAL		30	1200	1000:00:00	30	1200	1000:00:00	30	1200	1000:00:00	30	1200	1000:00:00
ATIVIDADES INTEGRADORAS	PROJETO DE VIDA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	ESTUDOS ORIENTADOS	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
	LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	0	0	0:00:00	0	0	0:00:00
	CIÊNCIAS E TECNOLOGIA	0	0	0:00:00	0	0	0:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
SUBTOTAL		15	600	500:00:00	15	600	500:00:00	15	600	500:00:00	15	600	500:00:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		45	1800	1500:00:00	45	1800	1500:00:00	45	1800	1500:00:00	45	1800	1500:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200											
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos											
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 9											
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40											

ANEXO VI

MATRIZ CURRICULAR ENSINO MÉDIO DIURNO										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º ANO			2º ANO			3º ANO		
		A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A	A/S	A/A	H/A
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
	LÍNGUA INGLESA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	ARTE	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	QUÍMICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
CIÊNCIAS HUMANAS	BIOLOGIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	GEOGRAFIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	HISTÓRIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	SOCIOLOGIA	2	80	66:40:00				1	40	33:20:00
	FILOSOFIA				2	80	66:40:00	1	40	33:20:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	1000	833:20:00	25	1000	833:20:00	25	1000	833:20:00
LEGENDA		DIAS LETIVOS: 200								
A/S = AULA SEMANAL		DURAÇÃO DA AULA: 50 MINUTOS								
A/A = AULAS ANUAIS		Nº DE AULAS/DIA: 5								
H/A = HORAS ANUAIS		Nº DE SEMANAS/ANO: 40								

ANEXO VI

MATRIZ CURRICULAR ENSINO MÉDIO INTEGRAL										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º ano		2º ano		3º ano				
		A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A			
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00
	LÍNGUA INGLESA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	ARTE	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00	6	240	200:00:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	FÍSICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	QUÍMICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	BIOLOGIA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	HISTÓRIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	SOCIOLOGIA	2	80	66:40:00				1	40	33:20:00
	Filosofia				2	80	66:40:00	1	40	33:20:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		33	1320	1100:00:00	33	1320	1100:00:00	33	1320	1100:00:00
ATIVIDADES INTEGRADORAS	PROJETO DE VIDA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00			
	POS-MÉDIO							2	80	66:40:00
	ESTUDOS ORIENTADOS I	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	ESTUDOS ORIENTADOS II	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00	4	160	133:20:00
	PRÁTICAS EXPERIMENTAIS	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	ELETIVAS	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		12	480	400:00:00	12	480	400:00:00	12	480	400:00:00
TOTAL		45	1800	1500:00:00	45	1800	1500:00:00	45	1800	1500:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200								
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos								
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 9								
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40								

ANEXO VIII

MATRIZ CURRICULAR ENSINO MÉDIO NOTURNO										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º ano		2º ano		3º ano				
		A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A			
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
	LÍNGUA INGLESA	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
	ARTE							1	40	33:20:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00	1	40	33:20:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00	3	120	100:00:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	FÍSICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	QUÍMICA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	BIOLOGIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	HISTÓRIA	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00	2	80	66:40:00
	SOCIOLOGIA	2	80	66:40:00				1	40	33:20:00
	Filosofia				2	80	66:40:00	1	40	33:20:00
SUBTOTAL		20	800	666:40:00	20	800	666:40:00	21	840	700:00:00
ATIVIDADES INTEGRADORAS	PROJETO DE VIDA			133:20:00			133:20:00			100:00:00
				133:20:00			133:20:00			100:00:00
SUBTOTAL				133:20:00			133:20:00			100:00:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		20	800	800:00:00	20	800	800:00:00	21	840	800:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 200								
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos								
A/A = AULAS ANUAIS		Nº de aulas/dia: 4								
H/A = HORAS ANUAIS		Nº de semanas/ano: 40								

ANEXO X

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - Anos Finais										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º Período		2º Período		3º Período		4º Período		
		A/S/A/SEM/H/S		A/S/A/SEM/H/S		A/S/A/SEM/H/S		A/S/A/SEM/H/S		
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00
	LÍNGUA INGLESA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	ARTE	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	GEOGRAFIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
CIÊNCIAS HUMANAS	HISTÓRIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	HISTÓRIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
SUBTOTAL		20	400	333:20:00	20	400	333:20:00	20	400	333:20:00
ATIVIDADES INTEGRADORAS	PROJETO DE VIDA			66:40:00			66:40:00			66:40:00
				66:40:00			66:40:00			66:40:00
SUBTOTAL				66:40:00			66:40:00			66:40:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		20	400	400:00:00	20	400	400:00:00	20	400	400:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 100								
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos								
A/SEM = AULAS SEMESTRAIS		Nº de aulas/dia: 4								
H/S = HORAS SEMESTRAIS		Nº de semanas/semestre: 20								

ANEXO XI

MATRIZ CURRICULAR ENSINO FUNDAMENTAL EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - Escolas Especiais ANOS FINAIS										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º Período		2º Período		3º Período		4º Período		
		A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00
	LÍNGUA INGLESA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	ARTE	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00
CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	GEOGRAFIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
CIÊNCIAS HUMANAS	HISTÓRIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	ENSINO RELIGIOSO	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
SUBTOTAL		20	400	333:20:00	20	400	333:20:00	20	400	333:20:00
PARTE DIVERSIFICADA PROJETO DE VIDA		5	100	83:20:00	5	100	83:20:00	5	100	83:20:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		25	500	416:40:00	25	500	416:40:00	25	500	416:40:00
LEGENDA		Dias Letivos: 100								
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos								
A/SEM = AULAS SEMESTRAIS		Nº de aulas/dia: 5								
H/S = HORAS SEMESTRAIS		Nº de semanas/semestre: 20								

ANEXO XII

MATRIZ CURRICULAR EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO MÉDIO										
ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	1º Período		2º Período		3º Período				
		A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	
LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	3	60	50:00:00	3	60	50:00:00	3	60	50:00:00
	LÍNGUA INGLESA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	ARTE	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00	1	20	16:40:00
MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00

CIÊNCIAS DA NATUREZA	FÍSICA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	QUÍMICA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	BIOLOGIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
CIÊNCIAS HUMANAS	GEOGRAFIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	HISTÓRIA	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	SOCIOLOGIA	2	40	33:20:00				1	20	16:40:00
	FILOSOFIA				2	40	33:20:00	1	20	16:40:00
SUBTOTAL		20	400	333:20:00	20	400	333:20:00	20	400	333:20:00
ATIVIDADES INTEGRADORAS PROJETO DE VIDA				66:40:00			66:40:00			66:40:00
SUBTOTAL				66:40:00			66:40:00			66:40:00
CARGA HORÁRIA TOTAL		20	400	400:00:00	20	400	400:00:00	20	400	400:00:00
LEGENDA		Dias Letivos: 100								
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos								
A/SEM = AULAS SEMESTRAIS		Nº de aulas/dia: 4								
H/S = HORAS SEMESTRAIS		Nº de semanas/semestre: 20								

ANEXO XIII

MATRIZ CURRICULAR CURSO NORMAL DE NÍVEL MÉDIO													
ENSINO MÉDIO	ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES DA BNCC	1º ANO		2º ANO		3º ANO						
			A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A	A/S/A/A	H/A			
			800:00:00		800:00:00		800:00:00						
			1º Período		2º Período		3º Período						
			A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S	A/S/A/SEM	H/S					
Componentes Curriculares Profissionalizantes	EXCO CURRICULAR	COMPONENTES CURRICULARES	ASPECTOS HISTÓRICOS, ANTROPOLÓGICOS, FILOSÓFICOS E SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL		2	40	33:20:00	2	40	33:20:00			
			JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA					2	40	33:20:00	4	80	66:40:00
			NOÇÕES BÁSICAS DE SAÚDE, ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO INFANTIL		2	40	33:20:00						
			LITERATURA INFANTIL		2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
	CONHECIMENTOS DOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM	FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	FUNDAMENTOS PSICOSOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL		2	40	33:20:00	2	40	33:20:00			
			EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA					2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
			FUNDAMENTOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS								2	40	33:20:00
			DIDÁTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL		2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	4	80	66:40:00
			APRENDIZAGEM INFANTIL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS		2	40	33:20:00	4	80	66:40:00	4	80	66:40:00
			ARTE-EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA		2	40	33:20:00	2	40	33:20:00	2	40	33:20:00
TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO	GESTÃO ESCOLAR	TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO APLICADAS À PESQUISA EDUCACIONAL		2	40	33:20:00							
		TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO INFANTIL					2	40	33:20:00				
PRÁTICA DE FORMAÇÃO	PRÁTICA DE FORMAÇÃO	ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO		4	80	66:40:00							
		OBSERVAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E INICIAÇÃO PROFISSIONAL					150:00:00		150:00:00		200:00:00		
CARGA HORÁRIA TOTAL		INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM					100:00:00		100:00:00		100:00:00		
				20	400	583:20:00	20	400	583:20:00	20	400	633:20:00	
LEGENDA		Dias Letivos: 100											
A/S = AULA SEMANAL		Duração da aula: 50 minutos											
A/SEM = AULAS SEMESTRAIS		Nº de aulas/dia: 4											
H/S = HORAS SEMESTRAIS		Nº de semanas/ano: 20											